che kiun / renmin ribao
hongqi / jiefangjun bao / mao tsé-tung

imperialismo e social-imperialismo

cadernos de teoria política

edições estrela vermelha

che kiun / renmin ribao
hongqi / jiefangjun bao / mao tsé-tung

imperialismo e social-imperialismo

cadernos de teoria política 2

Tradução ANDRÉ RAMOS

Revisão R. GOUVEIA

Edição A. J. FONSECA

Distribuição DINALIVRO
Distribuidora Nacional de Livros, Lda.
Travessa do Convento de Jesus, 15-r/c
LISBOA 2

ÍNDICE

Sobre o Estudo da História do Imperialismo 7

O que é o imperialismo? 10

A desigualdade de desenvolvimento e a luta pela hegemonia 12

Conluio temporário e rivalidade agravada ... 15

O capitalismo agonizante 20

A luta contra o imperialismo e o oportunismo 22

Os dias do Imperialismo estão contados 24

Duas Linhas Diferentes no Problema da Guerra e da Paz 27

Lições da história 30

A maior farsa 36

Sobre a possibilidade de conjurar uma nova guerra mundial 43

O fetichismo nuclear e a chantagem nuclear — base teórica e guia da política do revisionismo contemporâneo 51

Lutar ou capitular? 58

O caminho de defesa da paz e o caminho que conduz à guerra 64

Leninismo ou Social-Imperialismo? 69

A bandeira do leninismo é invencível 71

A questão fundamental do leninismo é a ditadura do proletariado 75

O golpe de Estado contra-revolucionário da camarilha renegada Kruchev-Brejnev 77

Socialismo em palavras, imperialismo nos actos ... 86
A pretensa "doutrina Brejnev" é uma doutrina de hegemonia pura e simples 91
O sonho mirabolante de grande império do revisionismo soviético 98
Que os povos do mundo inteiro se unam e lutem para abater o imperialismo norte-americano, o revisionismo soviético e toda a reacção 107
Apologistas do Neocolonialismo 111
Abandono da tarefa de combater o imperialismo e o colonialismo 115
Receitas para liquidar a revolução das nações oprimidas 120
Contra as guerras de libertação nacional 125
Zonas onde convergem as contradições do mundo contemporâneo 129
Deturpação da ideia leninista da hegemonia na revolução 132
O caminho do nacionalismo e da degeneração 135
Um exemplo de social-chauvinismo 139
Refutação da «teoria do racismo» e da «teoria do perigo amarelo» 142
Ressurreição do velho revisionismo sob nova aparência 146
Povos de todo o Mundo, Uni-vos e Derrotai os Agressores Norte-Americanos e todos os seus Lacaios! 151

Sobre o estudo da história do imperialismo

Che Kiun

Ao estudar a História, é necessário saber tirar proveito da experiência histórica, tanto positiva como negativa. Ao fazer o estudo da História mundial, é-nos muito importante estudar a história do imperialismo para podermos conhecer o processo seguido pelo imperialismo, do seu desenvolvimento ao seu declínio, as leis a que obedece e, deste modo, ser possível dirigir a nossa prática revolucionária.

O grande Lenine, que participou pessoalmente na luta de classes da época imperialista, analisou — à luz dos princípios fundamentais do marxismo — o curso do desenvolvimento económico e político do capitalismo mundial, durante os 50 anos que decorreram desde a publicação de «O Capital» de Marx e escreveu **O Imperialismo, Estádio Supremo do Capitalismo** e outras obras brilhantes que expuseram de forma penetrante a natureza do imperialismo, as leis da sua derrocada inevitável e as tarefas históricas do proletariado. Combatendo as linhas oportunistas de «esquerda» e de direita e guiando o povo nas duras lutas contra o imperialismo, o revisionismo contemporâneo e os reaccionários, o presidente Mao continuou, salvaguardou e enriqueceu a teoria de Lenine sobre o imperialismo e escreveu, entre outras obras brilhantes, **Sobre a Democracia Nova.** O presidente Mao desenvolveu ainda teses notáveis, tais como a

que considera que «o imperialismo e todos os reaccionários são tigres de papel» e empreendeu uma série de estudos profundos sobre a situação mundial actual e a estratégia e as tácticas próprias às lutas revolucionárias do proletariado. As obras sobre o imperialismo que nos foram legadas pelos educadores proletários da revolução, são o nosso guia teórico no estudo da história do imperialismo.

O QUE É O IMPERIALISMO?

Diz o grande Lenine: «O imperialismo é um estádio histórico do capitalismo. Esta particularidade compreende três ordens: 1) o capitalismo monopolista; 2) o capitalismo parisitário ou putrefacto; 3) o capitalismo agonizante» (**O Imperialismo e a Cisão do Socialismo**). A História demonstra-nos que antes da década setenta do séc. XIX, o capitalismo se encontrava no estádio em que predominava a livre concorrência. A acumulação do capital e a concentração da produção, processo constante dos últimos trinta anos do séc. XIX, tenderam para o monopólio e o capitalismo de livre concorrência, evoluindo gradualmente, atingiu o estádio do capitalismo monopolista, o imperialismo. O imperialismo é a continuação do desenvolvimento do capitalismo, o seu estádio supremo e último. À escala mundial, o capitalismo atingiu o estádio do imperialismo nos fins do séc. XIX, princípios do séc. XX. Nos países capitalistas mais importantes — Estados Unidos, Grã-Bretanha, Alemanha, França e Rússia — o monopólio substituiu a livre concorrência. Como afirmou Lenine, «o imperialismo é o capitalismo que atingiu um estádio de desenvolvimento onde se afirma a dominação

dos monopólios e do capital financeiro, onde a exportação de capitais adquiriu uma importância fundamental, onde começa a partilha do mundo entre os **trusts** internacionais e onde se completou a partilha de todo o território do globo entre as maiores potências capitalistas» (**O Imperialismo, Estádio Supremo do Capitalismo**).

Em virtude das suas diferentes condições socio-históricas, os principais países capitalistas da Europa e da América adquiriram características próprias. A Grã-Bretanha, no séc. XIX, transformou-se num «país colonial imperialista» típico. Depois de ter destroçado a «Armada Invencível» da Espanha, então «Senhora dos Mares» derrotou sucessivamente dois rivais marítimos, a França e os Países Baixos, e promoveu guerras para conquistar as colónias do ultramar, fundou, no final do séc. XIX, um império colonial cujas colónias eram cem vezes maiores do que as Ilhas Britânicas. O império britânico que vivia fundamentalmente da exploração dos povos das colónias, revelou claramente a natureza parasitária e putrefacta inerente ao sistema imperialista. Os Estados Unidos, que se envolveram mais tarde na disputa, era um país imperialista enriquecido há pouco tempo. Em 1898 promoveram a primeira guerra imperialista da história — a guerra hispano-americana — e apoderaram-se das Filipinas, Porto Rico e Cuba, reduzindo estes países ao estado de colónias sob a sua dominação. A primeira Guerra Mundial proporcionou aos Estados Unidos a acumulação de uma riqueza enorme. Participaram directamente na intervenção armada para estrangular à nascença a Rússia Soviética. Deste modo, «abriram (...) uma página particularmente trágica na história sangrenta do imperialismo sangrento» (Lenine: **Carta aos ope-**

rários americanos). A Rússia czarista era um país imperialista, militarista e feudal onde o capitalismo se tinha infiltrado nos domínios económico e político com o que restava do regime de servidão, formando, desta forma, o sistema de Estado mais reaccionário e mais bárbaro — a autocracia czarista que era uma autêntica prisão para todas as nacionalidades da Rússia. Ela era não apenas a polícia da Europa mas também da Ásia. Dizia Lenine: «A Rússia possui uma sólida reputação de polícia internacional» (**A viagem do czar à Europa e a de vários deputados da Duma Cem-Negra à Inglaterra**).

Apesar de algumas diferenças, os países imperialistas caracterizam-se pela sua idêntica natureza — o capitalismo monopolista. «A base económica do imperialismo é o monopólio» (Lenine: **O Imperialismo, Estádio Supremo do Capitalismo**). É sobre esta base que uma minoria de oligarcas financeiros manipula o poder de Estado e controla os sectores vitais da economia. o objectivo fundamental de todas as actividades imperialistas é proporcionar lucros elevados ao capital monopolista. A exploração deriva da natureza do imperialismo. Este não pode sobreviver sem utilizar a violência, o roubo, a agressão e a expansão. O imperialismo, o imperialismo do capital ou o social-imperialismo, respeita necessariamente as leis que lhe são próprias, segue a política reaccionária imperialista e caminha para a decadência e a ruína.

A DESIGUALDADE DE DESENVOLVIMENTO E A LUTA PELA HEGEMONIA

Lenine afirmou que o desenvolvimento desigual nos domínios económico e político é uma

lei absoluta do capitalismo e que, no estádio do imperialismo, «este desenvolvimento torna-se por todo o lado mais desigual, manifestando-se a desigualdade de desenvolvimento, em particular, pela putrefacção dos países mais ricos em capital (Inglaterra)» (**O Imperialismo, Estádio Supremo do Capitalismo**). É esta a razão porque a dominação do capital monopolista, longe de poder eliminar a concorrência, lhe associou o monopólio, o que agrava a concorrência entre os monopólios dos diferentes países e agudizou a anarquia no conjunto da produção capitalista. E ao mesmo tempo que eram introduzidas inovações nos campos científico e tecnológico, alguns dos países capitalistas mais novos puderam utilizar as novas descobertas e outras condições favoráveis para alcançar ou ultrapassar os velhos países capitalistas. Estes caminham rapidamente para o declínio e a ruína, manifestando sobretudo o carácter putrefacto e parasitário inerente à sua dominação monopolista. Durante os primeiros 25 anos do séc. XIX, a Inglaterra pretendeu desempenhar o papel de **oficina do mundo inteiro** e até aos anos setenta produzia mais carvão, ferro e tecidos do que os Estados Unidos, Alemanha e França no seu conjunto. No entanto, nos anos oitenta, foi ultrapassada pelos Estados Unidos que se tornaram o primeiro país industrial do mundo. Nos começos do séc. XX, a Alemanha ultrapassou também a Inglaterra e colocou-se atrás dos Estados Unidos. Governados pela lei do desenvolvimento desigual — económico e político —, alguns países imperialistas conhecem o seu período ascendente enquanto outros atravessam o seu período de declínio. A permanência do desenvolvimento desigual provoca inevitavelmente agudas rivalidades na luta pela hege-

monia. A divisão do mundo em função do **capital** e da **força** é uma lei inevitável do imperialismo.

Na sua disputa pela dominação mundial e pela partilha das colónias, os países imperialistas sempre fizeram do desenvolvimento das forças navais, tendo como objectivo a supremacia marítima, uma medida fundamental na sua expansão dos armamentos e dos seus preparativos de guerra.

«Senhora Absoluta dos Mares» no séc. XIX, a Inglaterra seguia a política da canhoeira. Descontente com as migalhas que os imperialistas britânicos e franceses lhe deixava, a Alemanha, um dos últimos países que se tornaram imperialistas, iniciou a construção de uma poderosa marinha. Perante o desafio alemão, a Inglaterra preparou imediatamente a construção de um couraçado de tipo novo, o **Dreadnought.** Procurando não se deixar atrasar, a Alemanha seguiu o mesmo caminho. Nesta luta pelo domínio dos mares, a Inglaterra e a Alemanha discutiram inúmeras vezes a limitação dos armamentos navais. Enquanto falavam em desarmamento, equiparam-se freneticamente até ao desencadeamento da primeira Guerra Mundial, altura em que enfraqueceu a força económica e militar da Inglaterra. Depois da Segunda Guerra Mundial, as lutas revolucionárias dos povos de todo o mundo desenvolveram-se com violência, particularmente os povos das colónias que se consciencializaram uns após outros. O império britânico onde **o Sol jamais se punha** conheceu um declínio vertiginoso e a **Soberana dos Mares** de antigamente invoca agora **o Sol que se põe por detrás das colónias do Ocidente.**

É suficiente um simples relancear pela história da ascensão e do declínio deste país, compará-la aos processos das duas superpotências contemporâneas que praticam a política da canhoeira, recorrem ao neocolonialismo, colaboram e disputam-se simultaneamente, tendo como objectivo dominar o mundo, para compreender que seguem o exemplo dos velhos países imperialistas. Hoje os tempos mudaram. A época em que os países imperialistas se podiam comportar como suseranos marítimos nunca mais voltará. A luta heróica desencadeada pelos países Latino-Americanos para defenderem as suas águas territoriais, fixadas em 200 milhas marítimas, e para salvaguardarem as suas riquezas marítimas, reflecte, de certo modo, a corrente irresistível da História contemporânea.

CONLUIO TEMPORÁRIO E RIVALIDADE AGRAVADA

A história das relações internacionais entre os países imperialistas mostra-nos que «nem igualdade de desenvolvimento, nem harmonia, nem proporcionalidade jamais existem, e não podem existir, no mundo capitalista» (Lenine: **A III Internacional e o seu Lugar na História**). Depois da primeira Guerra Mundial, os piratas imperialistas da Grã-Bretanha, da França, dos Estados Unidos e de outros países vencedores, convocaram a Conferência de Paz de Paris e a Conferência de Washington para a partilha do espólio, estabelecendo o sistema Versailles-Washington para a repartilha do mundo. Mesmo que os países imperialistas possam aliar-se quando se trata de desmembrar os países vencidos, de dividir as nações pobres e pequenas e de refrear a revolução dos povos, o seu acordo temporário mais não é do que o prólogo de uma rivalidade agravada. A luta pela hegemonia

mundial entre os países imperialistas é inconciliável. A aliança que celebram é uma aliança entre piratas incapazes de se unirem. Os factos históricos demonstraram que, longe de se terem apagado as contradições entre os países imperialistas, o sistema Versailles-Washington agravou-as como resultado da natureza explorativa do tratado de paz e à repartição desigual do espólio.

Lenine demonstrou que «a própria essência do imperialismo é a rivalidade entre várias grandes potências, tendendo à hegemonia, que procuram constantemente enfraquecer o adversário e minar a sua hegemonia» (**O Imperialismo, Estádio Supremo do Capitalismo**). Depois da Primeira Guerra Mundial, a Grã-Bretanha, a França, os Estados Unidos e o Japão aspiraram à hegemonia. A França tentou restabelecer a sua posição de suserano na Europa, conquistando completamente a Alemanha, isto é, desmembrando-a. Utilizando a táctica do **equilíbrio de forças**, a Grã-Bretanha procurou manter o antagonismo entre a França e a Alemanha, tentando conservar a sua hegemonia na Europa e no mundo. É este o motivo porque não pretendia nem um enfraquecimento acentuado da Alemanha, nem um fortalecimento da França. Os Estados Unidos procuraram estabelecer a sua superioridade na conquista da hegemonia mundial apoiando-se na sua força económica, mas colidiram com a oposição da Grã-Bretanha e do Japão. No decurso, e após, a primeira Guerra Mundial, o Japão expandiu-se em direcção à China e ao Pacífico, provocando uma exacerbação das suas contradições com a Grã-Bretanha e os Estados Unidos. Como resultado das múltiplas contradições, os países imperialistas devoram-se uns aos outros, procuram

aniquilar o adversário ou, pelo menos, enfraquecê-lo e neutralizá-lo. Depois da Primeira Guerra Mundial, os Estados Unidos esforçaram-se por reconstruir a Alemanha, económica e militarmente, de forma a que ela equilibrasse com a Grã-Bretanha, França e União Soviética, Estado socialista dessa época. Em pouco mais de uma década, somente, a produção siderúrgica da Alemanha ultrapassou a da Grã-Bretanha e a da França reunidas. Quando o arqui-fascista Hitler atingiu o poder e seguiu criminosamente uma política de agressão, a Alemanha figurou, novamente, na origem de uma guerra imperialista.

No Extremo Oriente, a capacidade industrial e militar do imperialismo japonês desenvolveu-se muito rapidamente e os seus tecidos de algodão e outros produtos da indústria ligeira ultrapassaram, nos mercados asiáticos, os da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos. A expansão económica conduz, inevitavelmente, à expansão militar. Com o rápido desenvolvimento do seu potencial económico, os imperialistas fascistas alemães e japoneses lançaram-se freneticamente na expansão dos armamentos e nos preparativos de guerra, fazendo esforços no sentido de romper com o sistema Versailles-Washington, tendo como objectivo uma nova partilha do mundo.

No decurso da Segunda Guerra Mundial, a Alemanha, o Japão e a Itália sairam vencidos, enquanto que a Grã-Bretanha e a França ficaram muito debilitadas. Apenas o imperialismo americano, cujo território não sofreu o efeito das destruições, desenvolveu o seu poderio económico graças à guerra.

O imperialismo americano, durante o período após-guerra, tornou-se o suserano do mundo capitalista, onde a sua produção industrial, as

suas exportações e as suas reservas auríferas ascendiam a metade, um terço e três quartos do total, respectivamente. Agitando as armas nucleares numa mão e os dólares na outra, recorreu a uma táctica dupla e praticou numerosos crimes. Pretendeu não apenas dominar os povos da Ásia, da África e da América Latina, mas, «mesmo em relação aos seus aliados da Europa, da América do Norte e da Oceania praticou uma política de **lei da selva** para os subjugar à sua vontade» (Mao Tsé-tung: **Declaração de apoio à justa luta patriótica do povo panamiano contra o imperialismo americano**). A burguesia monopolista americana defendia com arrogância que o séc. XX era o **século americano** e que os Estados Unidos gozariam de uma **prosperidade eterna**. No entanto, quando se transformava em tirano e se julgava sem rival no mundo, já — em 1949 — o presidente Mao expunha muito claramente que «o **boom** do tempo de guerra nos Estados Unidos é um fenómeno temporário. O seu poder é superficial e passageiro. Contradições inconciliáveis, tanto no interior do país como no campo internacional, ameaçam diariamente, como um vulcão, o imperialismo americano. O imperialismo americano assenta sobre este vulcão» (**A Situação Actual e as nossas Tarefas**). Esta previsão do presidente Mao foi completamente confirmada pelos factos históricos. O povo chinês, guiado pelo presidente Mao, aniquilou oito milhões de soldados de Tchiang Kai-check, lacaio do imperialismo americano, e expulsou do território chinês todas as suas forças. Nos começos dos anos cinquenta, o heróico povo coreano combateu os agressores americanos e varou o tigre de papel que é o imperialismo dos Estados Unidos. As lutas empreendidas pelos povos de todo o mundo contra o imperialismo americano desen-

volvem-se com impetuosidade e assestam-lhe constantemente duros golpes. Desde essa época, o imperialismo americano tem declinado constantemente e desceu do **cume** que tinha atingido. Nos anos sessenta, a corajosa luta dos três povos indochineses assestou duros golpes no imperialismo americano e acelerou, mais ainda, a sua queda. A economia americana, que conheceu uma grande expansão graças à guerra, afunda-se presentemente em crises insolúveis. Depois da guerra, os Estados Unidos atravessaram, em pouco mais de vinte anos, cinco crises económicas agudizadas, geralmente, com crises monetárias e financeiras e com crises do dólar. Elas distinguem-se pela sua grande duração e pela sua gravidade. Os Estados Unidos não conseguiram até agora livrarem-se delas. O **Império do Dólar** de ontem transformou-se, em consequência da desvalorização do dólar e das saídas de ouro, no maior Estado devedor do mundo. A queda impetuosa da posição económica do imperialismo americano fez baixar de 53,4 % em 1948 para 41,3 % em 1970 a parte dos Estados Unidos na produção industrial do mundo capitalista. As exportações desceram de 32,4 % em 1947 para 16 % em 1969. O sonho do imperialismo americano de gozar uma **prosperidade eterna** transformou-se num motivo de troça. A luta dos operários, dos afro-americanos, dos jovens e das mulheres contra os monopólios capitalistas, bem como o movimento contra a guerra de agressão, encontram-se em pleno desenvolvimento nos Estados Unidos e abalam até aos alicerces a dominação do imperialismo americano.

O CAPITALISMO AGONIZANTE

A rapina desenfreada do imperialismo, nas metrópoles capitalistas e no estrangeiro, as disputas e as guerras entre os países imperialistas, assim como o declínio que estes atravessam, tem comprovado convincentemente a seguinte conclusão científica de Lenine: «Capitalismo agonizante, o imperialismo é o prólogo da revolução social do proletariado». O fim inevitável do capitalismo, a vitória certa do socialismo e a substituição final do regime capitalista pelo regime socialista são determinados pelas leis históricas que regulam o movimento das contradições fundamentais da sociedade. No estádio do imperialismo, quando se encontra totalmente revelada a natureza parasitária e putrefacta do capitalismo, todas as contradições inerentes ao capitalismo se agravam consideravelmente. Em **Da Contradição,** o presidente Mao Tsé-tung fez a análise da situação da seguinte forma: A contradição entre o proletariado e a burguesia acentua-se, aparece a contradição entre o capital monopolista e o capital não monopolista, torna-se mais vincada a contradição entre as potências coloniais e as colónias, a contradição entre os países capitalistas — contradição original pelo desenvolvimento desigual destes países — manifesta-se com uma acuidade particular. É o desenvolvimento destas contradições, e a luta que originam, que constituem a condição prévia necessária para a vitória da revolução socialista e da revolução democrática e popular, conduzidas pelo proletariado. Nas suas análises sobre a lei do desenvolvimento do imperialismo, Lenine formulou a conclusão seguinte: Em consequência da desigualdade do desenvolvimento político-económico do imperialismo, a cadeia imperialista

mundial será quebrada no seu elo mais fraco e a revolução socialista sairá vitoriosa, inicialmente, num ou em vários países. A História demonstrou plenamente esta previsão do grande educador da revolução proletária. Durante a Primeira Guerra Mundial, a Rússia czarista constituia o centro das contradições imperialistas, o elo fraco da frente imperialista. Sob a direcção de Lenine, a revolução socialista de Outubro de 1917 foi coroada por uma grande vitória, dando origem ao primeiro Estado socialista do mundo e inaugurou uma nova era na História da humanidade. No decurso e depois da Segunda Guerra Mundial, a grande vitória da revolução chinesa e as vitórias das revoluções de outros países da Europa e da Ásia fornecem novas provas à teoria marxista-leninista.

A história do imperialismo mostra-nos que ele não se retirará de livre vontade da cena da História. Quanto mais se aproxima a sua morte, maior resistência oferece, recorrendo às variadas formas de aventura militar e da mentira política. Afirmou o presidente Mao: «Provocar desordens, fracassar, nova provocação, novo fracasso, e isto até à sua ruína, tal é a lógica dos imperialistas e de todos os reaccionários do mundo a respeito da causa do povo. E eles nunca irão contra esta lógica» (**Regeitai as Vossas Ilusões E Preparai-vos Para A Luta**). A Alemanha nazi de Hitler, para escapar às suas enormes crises políticas e económicas e para tentar fugir ao seu destino, exerceu, no interior, uma ditadura fascista e submeteu os revolucionários alemães a uma repressão criminosa; mais ainda: entregou-se a uma exploração económica e a uma opressão política desenfreadas do povo alemão, sob a palavra de ordem reaccionária «Manteiga, não! Canhões, sim!». No exterior, promoveu a

Segunda Guerra Mundial submetendo os outros povos a uma pilhagem bárbara. Mas, como diz um conhecido provérbio chinês «levantar uma pedra para depois a deixar cair sobre os próprios pés», a brutalidade das suas agressões desencadeou uma grande luta anti-fascista entre os povos do mundo que conduziu à completa ruína da Alemanha hitleriana. Esta, que sonhava tornar-se no **império de mil anos,** não durou mais do que doze anos. O presidente Mao afirmou: «É o imperialismo que leva as grandes massas do mundo a comprometerem-se na época histórica da grande luta pela destruição do imperialismo» (**Rejeitai As Vossas Ilusões E Preparai-vos Para A Luta**). A agressão, a subversão, o bloqueio e a intervenção a que se entrega actualmente, por todo o mundo, o imperialismo, são as manifestações das suas lutas desesperadas. Estas acções suscitaram, e continuam a suscitar, nos povos de todo o mundo e em muitos países pequenos e médios, justas e decididas lutas contra as duas superpotências. São precisamente estas lutas revolucionárias dos povos que enfraquecem gradualmente o imperialismo e apressam a sua derrota.

A LUTA CONTRA O IMPERIALISMO E O OPORTUNISMO

Devemos ter presente que, na sua luta desesperada, o imperialismo faz invariavelmente da formação de facções oportunistas no seio do movimento operário, uma das suas principais tácticas. Os lucros exagerados, acumulados graças aos monopólios, permitem que os imperialistas corrompam os operários da camada superior e apoiem as manifestações oportunistas.

Os antigos e os novos revisionistas são traidores da classe operária, corrompidos pelos capitalistas monopolistas, pertencem a uma aristocracia operária totalmente emburguesada e são agentes do imperialismo. Infiltrando-se no movimento comunista internacional, procuram esconder as contradições do imperialismo, embelezam e difundem a sua ideologia com o propósito de anestesiar a vontade de luta dos povos do mundo inteiro. Desempenham deste modo um papel reaccionário incapaz de ser executado pelo próprio imperialismo. Lenine classificou estes renegados do proletariado que defendem os interesses do imperialismo de «social-imperialistas, ou seja, socialistas nas palavras e imperialistas nos actos» (**O Imperialismo, Estádio Supremo do Capitalismo**). Actualmente, podemos verificar que as palavras e os actos da clique dirigente revisionista soviética se identificam com as que foram assinaladas por Lenine. Ela fala em socialismo, e até em comunismo, mas segue a política imperialista de expansão e de rapina e não retrocede perante seja o que for para conquistar zonas de influência. Os revisionistas soviéticos são social-chauvinistas.

Depois da Segunda Guerra Mundial, o poderoso desenvolvimento da revolução mundial obrigou os imperialistas a alterarem muitas vezes a sua táctica. Utilizando constantemente a corrupção e a infiltração em relação ao proletariado que não se encontra no poder, o imperialismo recorre à subversão e à **evolução pacífica** em relação ao proletariado que se encontra no poder.

O aventureirismo militar ou invasão armada são utilizados paralelamente com as maquinações políticas no seio do neocolonialismo. Com o propósito de assegurar uma dominação colo-

nial directa, compra os traidores e faz deles seus fantoches. Sob a capa de **auxílio militar** e de **ajuda económica,** lança-se na exportação de capitais e de mercadorias, de maneira que os países **beneficiados** são submetidos à sua exploração económica e ao seu controlo político e militar. Serve-se de tratados bilaterais, os tratados de **amizade**, para transformar os países signatários em países dependentes, em colónias. O imperialismo recorre a todas as tácticas possíveis para assegurar a sua hegemonia mundial e dominar os outros países. Mas, quaisquer que sejam as suas manobras, verifica-se que onde há exploração e opressão, há luta e resistência. De cada vez que perpetra uma agressão, o imperialismo enrola uma nova corda no seu próprio pescoço. Quantos mais crimes pratica, mais aperta a corda. Os actos crminosos do imperialismo precipitam o seu próprio descalabro.

OS DIAS DO IMPERIALISMO ESTÃO CONTADOS

Com base na teoria marxista-leninista, o presidente Mao Tsé-tung analisou a história e a situação actual do imperialismo e fez o balanço da experiência, tanto positiva como negativa, da longa luta empreendida pelo povo chinês e pelos outros povos do mundo contra o imperialismo. Disse o presidente Mao que «A primeira guerra mundial e a primeira revolução socialista vitoriosa — A Revolução de Outubro — transformaram todo o curso da História Universal, abrindo uma nova era». No decurso deste período, o imperialismo «mostrou, plenamente, a sua decadência» **(Sobre a Democracia Nova)**.

Afirmou o camarada Mao Tsé-tung: «Assim, considerados na sua essência, do ponto de vista no futuro e sob o ângulo estratégico, o imperialismo e todos os reaccionários devem ser considerados tal como são: tigres de papel. É nessa base que devemos assentar o nosso pensamento estratégico. Por outro lado, eles são também tigres vivos, tigres de ferro, verdadeiros tigres capazes de devorar as pessoas. É nessa base que devemos assentar o nosso pensamento táctico». Esta tese científica do presidente Mao é uma poderosa arma ideológica e teórica que nos permite derrotar o imperialismo. O imperialismo, isto é, o capitalismo agonizante, não está morto. Esta coisa reaccionária conserva o seu duplo carácter face à luta de morte que os povos lhe movem. Não é possível que os povos do mundo possam, numa bela manhã, esmagar por completo o imperialismo sem ter travado uma luta prolongada, violenta e complexa. No entanto, se ousarem lutar, e souberem lutar com ânimo e tenacidade, a morte do imperialismo e a vitória da revolução dos povos são coisas certas e seguras. No momento actual, os países querem a independência, as nações querem a emancipação, os povos querem a revolução. Esta corrente histórica tornou-se irreversível. Os dias do imperialismo estão contados. Para conseguir as vitórias da revolução uma a uma, os povos dos diversos países devem travar ainda lutas violentas, cheias de dificuldades. «Nós vivemos numa época histórica em que, no mundo inteiro, o capitalismo e o imperialismo se precipitam para a sua queda, em que, no mundo inteiro, o socialismo e a democracia popular marcham para a vitória» (Mao Tsé-tung: **A Situação Actual E As Nossas Tarefas**).

Nós, os revolucionários, devemos colocar em primeiro plano o estudo do marxismo-leninismo sobre o imperialismo e o estudo da história do imperialismo, porque, desta forma, estaremos melhor preparados para distinguir a natureza do imperialismo e do social-imperialismo, para analisar e compreender correctamente as lutas complexas que, no momento actual, se desenrolam no plano internacional e para lutar, com total confiança, pela libertação completa da humanidade.

Duas linhas diferentes no problema da guerra e da paz

Diário do Povo / Bandeira Vermelha

Comentário à carta aberta do comité central do PCUS pelas redacções do *Diário do Povo* e da revista *Bandeira Vermelha*, 19 de Novembro de 1963.

No mundo inteiro discute-se o problema da guerra e da paz.

O atroz sistema imperialista acarretou inúmeras guerras aos povos, inclusive o desastre de duas conflagrações mundiais. As guerras imperialistas provocaram enormes sofrimentos aos povos mas também lhes serviram de lição.

Após a II Guerra Mundial, os povos do mundo inteiro passaram a exigir, universal e ansiosamente, a manutenção da paz mundial. Cada vez mais gente compreende que, para defender a paz mundial, é necessário lutar contra a política imperialista de agressão e guerra.

Todos os marxistas-leninistas devem levar seriamente em conta as aspirações de paz das massas populares e colocar-se nas primeiras fileiras da luta pela defesa da paz mundial. Devem lutar contra a política imperialista de agressão e guerra, denunciar as mistificações dos imperialistas e frustar os seus planos bélicos. Devem, além do mais, educar as massas, elevar a sua consciência e imprimir uma justa orientação à luta pela defesa da paz mundial.

Em contraste com os marxistas-leninistas, os revisionistas contemporâneos, adaptando-se às necessidades da política do imperialismo, ajudam os imperialistas a enganar as massas com imposturas, desviam a atenção dos povos, enfraquecem

e socavam a luta anti-imperialista e disfarçam os planos imperialistas de preparação de novas guerras.

No problema da guerra e da paz, a linha marxista-leninista é diametralmente oposta à revisionista.

A linha marxista-leninista é uma linha correcta que atende os interesses da luta pela paz mundial. Tal é a linha a que se dedicam efectivamente todos os partidos marxistas-leninistas, inclusive o PCC, e todos os marxistas-leninistas.

A linha revisionista é uma linha incorrecta, que ajuda a agravar o perigo de uma nova guerra. Tal é a linha que os dirigentes do PCUS vêm desenvolvendo desde o seu XX Congresso.

Na carta aberta do CC do PCUS e em inúmeras declarações, a direcção do PCUS inventa uma série de mentiras a respeito do problema da guerra e da paz, com o objectivo de caluniar os comunistas chineses. Porém, com isso, não podem encobrir a essência das divergências a respeito deste problema.

Analisemos seguidamente as principais divergências entre a linha do marxismo-leninismo e a do revisionismo contemporâneo, a propósito do problema da guerra e da paz.

LIÇÕES DA HISTÓRIA

Desde que o capitalismo evoluiu em imperialismo, o problema da guerra e da paz sempre foi uma questão de vital importância na luta entre o marxismo-leninismo e o revisionismo.

O imperialismo é a origem das guerras contemporâneas. Emprega alternadamente uma capciosa política de paz e uma política de guerra. Frequentemente, procura disfarçar os seus crimes de agressão e a preparação de novas guerras com mentiras sobre a paz.

Tanto Lenine como Estaline conclamaram incansavelmente os povos de todo o mundo à luta contra as manobras de «paz» dos imperialistas.

Lenine afirmou que os governos imperialistas, «de boca, são todos partidários da paz e da justiça mas, na realidade, realizam guerras de conquista e de rapina». *(Lenine, Obras, t. XXVI, versão chinesa).*

Estaline disse que, ao evocar o pacifismo, os imperialistas «visam um só fim: enganar as massas com frases sonoras sobre a paz, para preparar uma nova guerra». *(Estaline, Obras, t. VI, versão chinesa).* Disse mais: «Muitos acreditam que o pacifismo imperialista seja um instrumento de paz. Isso é absolutamente errado. O pacifismo imperialista é um instrumento de preparação de guerras e de disfarce dessa preparação com um hipócrita palavreado de paz. Sem esse pacifismo e sem o seu instrumento — a Liga das Nações — , a preparação de guerras seria impossível nas actuais condições». *(Estaline, Obras, t. XI, versão chinesa).*

Em oposição a Lenine e Estaline, os revisionistas da II Internacional, renegados da classe operária, ajudaram os imperialistas a iludir as massas e tornaram-se seus cúmplices no desencadeamento das duas conflagrações mundiais.

Antes da I Guerra Mundial, os revisionistas, representados por Bernstein e Kautsky, com farisaico palavreado de paz, esforçam-se por entorpecer a revolucionária vontade de luta dos povos e camuflar o plano imperialista de preparação de uma guerra mundial.

Quando eclodiu a I Guerra Mundial, os velhos revisionistas, arrancando um após outro a

máscara de «paz», puseram-se do lado do governo imperialista dos respectivos países, apoiando a guerra imperialista por uma nova divisão do mundo, aprovaram no parlamento as verbas destinadas aos gastos militares, lançaram o enganoso apelo de «defesa da pátria» para incitar a classe operária dos seus países a fazer a guerra fraticida contra os operários dos outros países.

Quando os imperialistas quiseram suspender as hostilidades, de acordo com as condições que lhes convinham, os revisionistas, representados por Kautsky, trataram de envenenar a mente do povo e opôr-se à revolução com palavras melífluas: «Nada me faz mais feliz do que uma paz conciliatória baseada no princípio "Viva e deixe viver"» [1].

Terminada a I Guerra Mundial, o renegado Kautsky e os seus sucessores agiram ainda mais cinicamente como arautos da falsa paz imperialista.

Sobre o problema da guerra e da paz, os revisionistas da II Internacional difundiram uma série de mentiras:

1 — Embelezaram o imperialismo e tratavam de desviar a atenção dos povos das suas lutas. Kautsky disse: «... a ameaça que o imperialismo representa para a paz mundial é insignificante. Perigo maior representam as intensões nacionais do Oriente e as diferentes ditaduras» [2]. Com esta afirmação, quis fazer acreditar que a origem da guerra não era o imperialismo mas as nações oprimidas do Oriente e o Estado soviético, grande baluarte da paz.

---

[1] Kautsky, *Problemas nacionais*, versão russa.

[2] Kautsky, *A questão da defesa e da social-democracia*, versão alemã.

2 — Ajudaram o imperialismo a encobrir o perigo de novas guerras e a tratar de entorpecer a vontade de luta das massas. Kautsky afirmou em 1928: «Quem ainda alardeia o perigo de uma guerra imperialista baseia-se em gastas trivialidades e não no estudo da nossa época»[3]. Esses velhos revisionistas, além disso, acusavam os que consideravam inevitáveis as guerras imperialistas de ater-se a uma concepção fatalista da história» [4].

3 — Procuravam amedrontar as massas, com a ideia de que a guerra aniquilaria a humanidade. Kautsky disse: «A próxima guerra não só acarretará miséria e privações como destruirá definitivamente a civilização e, pelo menos na Europa, não restarão senão ruínas fumegantes e cadáveres putrefactos» [5]. Esses velhos revisionistas disseram ainda que «a última guerra atirou o mundo inteiro num abismo e a próxima destrui-lo-á por completo. A própria preparação de uma nova guerra destruirá o mundo»[6].

4 — Não fizeram distinção entre guerras justas e injustas e trataram de proibir a revolução. Kautsky afirmou em 1914: «Nas actuais condições, não há guerra que não seja uma desgraça para as nações em geral e para o proletariado em particular. O que discutimos é por que meios

---

[3] Idem.

[4] Discurso de Haase, sobre o problema do imperialismo, perante o Congresso do Partido Social Democrata da Alemanha, realizado em 1912, em Shemnitz, publicado no «Manual do Congresso do Partido Social Democrata, 1910-1913», t. II, versão alemã.

[5] Kautsky, *Introdução à guerra e à democracia*, versão alemã.

[6] Resolução sobre a Liga das Nações, adoptada pela Conferência de Berna da Internacional Socialista em 1919, versão russa.

podemos conjurar a guerra que nos ameaça e não que guerras são proveitosas e que guerras são prejudiciais»[7]. Acrescentou: «A aspiração à paz eterna apodera-se cada vez mais das amplas massas de todas as nações cultas e relega temporariamente para segundo plano o problema primordial dos nossos dias»[8].

5 — Propagaram a teoria de que as armas decidem tudo e opuseram-se à luta armada revolucionária. Kautsky afirmou: «Uma das razões pelas quais as futuras lutas revolucionárias dependerão cada vez menos dos meios militares consiste, como várias vezes assinalei, na imensa superioridade em armamento dos exércitos dos Estados modernos sobre as forças à disposição dos civis, superioridade que, em geral, priva de esperança, desde o princípio, qualquer tentativa de se lhe opôr resistência»[9].

6 — Difundiram a absurda teoria de que se pode defender a paz mundial e alcançar a igualdade entre as nações através do desarmamento. Bernstein disse: «Paz na Terra e felicidade para todos! Não podemos parar nem descansar; devemos esforçar-nos para que a sociedade se desenvolva sem obstáculos e para que, através de um acordo internacional e do desarmamento, se consiga o bem-estar para todos e a igualdade das nações»[10].

---

[7] Kautsky, *A social-democracia na guerra*, versão alemã.

[8] Kautsky, *Introdução à guerra e à democracia*, versão alemã.

[9] Kautsky, *Catecismo da social-democracia*, versão alemã.

[10] Discurso de Bernstein sobre a questão do desarmamento perante o Congresso do Partido Social Democrático da Alemanha, realizado em 1912, em Schemnitz. publicado no «Manual do Congresso do Partido Social Democrático, 1910/1913», t. II, versão alemã.

7 — Propagaram a absurda teoria de que se pode ajudar os países atrasados com o dinheiro economizado com o desarmamento. Kautsky disse: «Quanto menor for o montante das despesas com armamentos na Europa Ocidental, maiores serão os meios disponíveis para a construção de linhas férreas na China, Pérsia, Turquia, América do Sul, etc., o que constitui um meio muito mais eficaz que a construção de «dreadnoughts» para estimular o desenvolvimento industrial»[11].

8 — Elaboraram planos para a estratégia de paz do imperialismo. Kautsky afirmou: «Os povos da Europa civilizada (assim como os americanos) podem manter melhor a paz no Extremo Oriente e no Médio Oriente com a ajuda dos seus recursos económicos e intelectuais do que com vasos de guerra e aviões»[12].

9 — Exaltaram a Liga das Nações, controlada pelo imperialismo. Kautsky disse: «A existência da Liga das Nações significa por si só um grande êxito para a causa da paz. Ela é, por si mesma, um instrumento de defesa da paz que nenhuma outra instituição pode oferecer»[13].

10 — Difundiram a ilusão de que era possível defender a paz mundial, apoiando-se no imperialismo norte-americano. Kautsky disse: «Os Estados Unidos são actualmente o país mais poderoso do mundo e isso tornará invencível a Liga das Nações, uma vez que nela participe ou com ela trabalhe para conjurar as guerras»[14].

---

[11] Kautsky, *Uma vez mais sobre o desarmamento*, versão alemã.

[12] Kautsky, *A questão da defesa da social-democracia*, versão alemã.

[13] Idem.

[14] Kautsky, *Os socialistas e a guerra*, versão alemã.

Lenine desmascarou sem piedade a infame catadura de Kautsky & Cia. Assinalou que o pacifismo dos revisionistas da II Internacional não era senão «um consolo dos povos, um meio que facilitará aos governos submeter as massas nas futuras guerras imperialistas». *(Lenine, Obras, t. XXIII, versão chinesa).*

Estaline assinalou que «o mais importante de tudo isto consiste em que a social-democracia é o principal veículo do pacifismo imperialista no seio da classe operária; portanto, é o principal sustentáculo do capitalismo na classe operária para gestação de novas guerras e intervenções». *(Estaline, Obras, t. XI, versão chinesa).*

Basta ler as declarações do camarada Kruchev a respeito do problema da guerra e da paz e compará-las com as de Bernstein e Kautsky, para descobrir que não há nada de novo nos seus pontos de vista, que não passam de uma repetição do revisionismo da II Internacional.

No problema da guerra e da paz, que afecta os destinos da humanidade, Kruchev segue os passos de Bernstein e Kautsky. Experiências históricas comprovam ser este um caminho perigosíssimo para a paz mundial.

A fim de lutar eficazmente para defender a paz mundial e conjurar uma nova guerra mundial, todos os marxistas-leninistas e todos os povos amantes da paz não podem deixar de repudiar e combater a absurda linha de Kruchev.

A MAIOR FARSA

Não existe no mundo farsa maior que apresentar o principal inimigo da paz mundial como um anjo da paz.

Depois da II Guerra Mundial, o imperialismo norte-americano calçou as botas dos fascitas alemães, italianos e japoneses e tratou de estabelecer no mundo inteiro um imenso império de dimensões jamais conhecidas. O objectivo da «estratégia global» do imperialismo norte-americano consiste em agredir e controlar a zona intermediária situada entre os Estados Unidos e o campo socialista, abolir as revoluções dos povos e nações oprimidas e, em seguida, liquidar os países socialistas e dominar o mundo inteiro.

Visando colocar em prática as suas ambições de domínio universal, o imperialismo norte-americano levou a cabo, durante os 18 anos posteriores à II Guerra Mundial, sucessivas guerras de agressão e intervenções armadas contra-revolucionárias em todas as partes do globo e preparou activamente uma nova guerra mundial.

Os factos demonstram com clareza que o imperialismo continua a ser a origem das guerras contemporâneas e que a principal força de agressão e guerra dos tempos actuais é o imperialismo norte-americano. Trata-se de uma conclusão muito clara das Declarações de Moscovo de 1957 e de 1960.

Contudo, os dirigentes do PCUS consideram que os principais representantes dos imperialistas norte-americanos amam a paz. Afirmam que entre eles surgiu um grupo de «sensatos», capazes de avaliar com lucidez a situação, e que Eisenhower e Kennedy são figuras representativas deste grupo.

Kruchev exaltou Eisenhower como pessoa que «goza da absoluta confiança do seu povo», que «revela sincera aspiração pela paz» e que «se preocupa como nós com a defesa da paz».

Agora, Kruchev enaltece Kennedy como pessoa ainda mais qualificada que Eisenhower para

assumir a responsabilidade de preservar a paz mundial. Kruchev afirmou: «Ele demonstra solicitude na preservação da paz» e é de esperar que «propicie condições seguras para a vida pacífica e para o trabalho criador na Terra».

Na difusão de mentiras e no embelezamento do imperialismo, Kruchev trabalha com o mesmo ardor dos revisionistas da II Internacional.

A carta aberta do CC do PCUS interpela os que não acreditam nessas mentiras: «Acaso acreditam realmente que todos os governos burgueses agem sem a menor sensatez em quaquer caso?».

Evidentemente, eles não levam em conta o ABC do marxismo-leninismo. Não existe na sociedade de classes nenhuma sensatez acima das classes. O proletariado tem sensatez proletária, enquanto a burguesia tem sensatez burguesa. Por sensatez entende-se que se sabe estabelecer a política de acordo com os interesses primordiais da sua própria classe e proceder conforme a sua posição fundamental. A sensatez de Kennedy consiste em proceder de acordo com os interesses fundamentais da burguesia monopolista dos Estados Unidos e é uma sensatez imperialista.

Quando a correlação das forças de classe no campo internacional se torna dia a dia mais desfavorável ao imperialismo e quando a sua política de agressão e guerra fracassa sucessivamente, os imperialistas norte-americanos veem-se obrigados a disfarçar-se com maior frequência sob o manto da paz.

É verdade que Kennedy sabe prodigalizar palavras sobre a paz e empregar a táctica de paz. Porém, a política de paz de Kennedy, assim como a sua política de guerra, atende à estratégia global do imperialismo norte-americano.

A «estratégia de paz» de Kennedy pretende incluir todo o globo terrestre na «comunidade do mundo livre» (...) «com base nas leis e na justiça» do imperialismo norte-americano.

Os pontos principais da «estratégia de paz» de Kennedy visam:

— promover, por meios pacíficos, o neo-colonialismo norte-americano na Ásia, África e América Latina;

— penetrar e estabelecer o seu controlo, por meios pacíficos, nos restantes países imperialistas e capitalistas;

— estimular, por meios pacíficos, os países socialistas a seguir o caminho da Jugoslávia — o caminho da «evolução pacífica»;

— debilitar e socavar, por meios pacíficos, a luta anti-imperialista dos povos.

Num discurso recentemente proferido na Assembleia Geral da ONU, Kennedy declarou com insolência que as condições para a paz entre os Estados Unidos e a URSS são:

1.º) A República Democrática Alemã deve ser incorporada na República Federal Alemã;

2.º) Cuba Socialista não pode subsistir;

3.º) Os países socialistas da Europa Oriental devem poder fazer a «livre escolha», a fim de se restaurar o capitalismo nesses países;

4.º) Os países socialistas não devem apoiar a luta revolucionária dos povos e nações oprimidas.

Atingir o seu objectivo se possível por meios pacíficos é também um estratagema habitual dos imperialistas e colonialistas.

As classes reaccionárias apoiam-se invariavelmente em duas tácticas para manter o seu domínio e levar a cabo a sua expansão no exterior. Uma delas é a mistificação à maneira dos sacerdotes e a outra é a repressão à maneira dos verdugos. A capiciosa política de paz do imperialismo e a sua política de guerra sempre foram empregues simultaneamente e uma complementa a outra. A sensatez de Kennedy, como representante do capital monopolista dos Estados Unidos, só pode ter expressão no emprego ainda mas astuto destas duas tácticas.

Porém, a violência continua a ser a principal táctica das classes governantes reaccionárias. A mistificação de tipo sacerdotal desempenha um papel auxiliar. Os imperialistas delimitam invariavelmente as suas esferas de influência, segundo as suas posições de força. Kennedy expôs este ponto com muita clareza afirmando: «Em suma, o único meio para manter a paz é estar disposto a lutar pelo nosso país — e seriamente». Desde que assumiu o Poder, Kennedy aplica a chamada «estratégia de resposta flexível», que exige a acelerada formação de uma «força militar versátil» e o robustecimento da «força para qualquer contingência», de forma que os Estados Unidos possam fazer qualquer guerra de acordo com os seus interesses, «seja uma guerra total ou uma guerra limitada, uma guerra nuclear ou convencional, grande ou pequena». Este plano louco de Kennedy fomentou extraordinariamente a expansão dos armamentos e os preparativos bélicos dos Estados Unidos. Vejamos alguns factos dados a conhecer pelas autoridades norte-americanas:

1 — Os gastos militares do Governo norte-americano passaram dos 46 biliões e 700 milhões de dólares no ano fiscal de 1960 para os 60 biliões

previstos para 1964, cifra que constitui a mais elevada dos tempos de paz e que ultrapassou o nível verificado durante a guerra da Coreia.

2 — Kennedy declarou recentemente que, nos últimos dois anos e pouco, as armas nucleares de que dispõem as forças de vigilância estratégica dos Estados Unidos aumentaram em 100 % e as divisões de exército prontas para o combate, em 45 %; que a aquisição de aviões pelas forças aéreas aumentou de 175 % e as «unidades guerrilheiras especiais» e «unidades anti-insurrecionais», em 500 % aproximadamente.

3 — O Estado Maior Conjunto do Plano de Objectivos Estratégicos dos Estados Unidos elaborou um plano de guerra nuclear contra a URSS e contra os demais países socialistas. Robert McNamara, Secretário da Defesa dos Estados Unidos, declarou em princípios deste ano: «...estamos, finalmente, preparados para destruir todos os objectivos militares «brandos» e «semi-duros» de superfície e semi-protegidos da URSS e grande parte das suas rampas de lançamento super-reforçadas; contamos, além disso, com uma capacidade adicional em forma de força protegida, para ser empregue ou mantida em reserva contra as áreas urbanas e industriais».

Os Estados Unidos reforçaram ainda mais a sua rede de bases nucleares voltadas contra o campo socialista e reforçaram consideravelmente os dispositivos dos seus submarinos nucleares portadores de foguetes no ultramar. Ao mesmo tempo, as tropas do bloco da Organização do Tratado do Atlântico Norte (O.T.A.N.), sob o comando dos Estados Unidos, avançaram este ano sobre o leste e aproximaram-se das fronteiras da República Democrática Alemã e da Checoslováquia.

4 — O Governo Kennedy reforçou os seus dispositivos militares na Ásia, na América Latina e na África, com forças de terra, mar e ar, com o objectivo de fazer frente ao movimento revolucionário popular dessas regiões. Os Estados Unidos fizeram do Vietname do Sul, onde as suas tropas contam já mais de 300 000 homens, um campo de provas para «guerra especial».

5 — O Governo Kennedy reforçou os seus comandos de guerra. Constituiu um «comando de choque» e colocou sob comando único uma força conjunta terrestre e aérea, altamente preparada para o combate em tempo de paz, a fim de poder deslocá-la rapidamente para qualquer parte do mundo para provocar guerras. Estabeleceu centros nacionais de comando militar de superfície e subterrâneos e organizou um posto de comando aéreo de emergência em aviões e um posto de comando marítimo de emergência, em vasos de guerra.

Estes factos demonstram que os imperialistas norte-americanos são os militaristas mais fanáticos da actualidade, os provocadores de uma nova guerra mundial e o mais feroz inimigo da paz mundial.

Isso deixa claro porque os imperialistas norte-americanos não se transformam em anjos formosos só porque Kruchev lhes leia a Bíblia ou lhes entoe os salmos. Explica também porque tão-pouco se convertem em Budas misericordiosos só porque Kruchev lhes queime incenso ou se ponha de joelhos diante deles. Por mais que se empenhe Kruchev em servir os imperialistas norte-americanos, estes não lhe demonstram o menor apreço. Continuarão expondo a sua camuflagem de paz, com novas e incessantes actividades de agressão e de guerra; continuarão, portanto, esbofeteando Kruchev e acusando a

falência dos seus absurdos argumentos destinados a embelezar o imperialismo. Isto é verdadeiramente triste para os que insistem em ser apologistas do imperialismo norte-americano.

SOBRE A POSSIBILIDADE DE CONJURAR UMA NOVA GUERRA MUNDIAL

É um facto que o imperialismo, encabeçado pelos Estados Unidos, prepara activamente uma nova guerra mundial e que existe o perigo de guerra. Devemos denunciar este facto claramente às massas populares.

Porém, uma nova guerra mundial pode ser conjurada? O ponto de vista dos comunistas chineses sobre este assunto sempre foi muito claro.

Depois da II Guerra Mundial, o camarada Mao Tsé-tung fez uma análise científica da situação internacional do após-guerra e formulou a tese da possibilidade de prevenir uma nova guerra mundial.

Já em 1946, na sua famosa entrevista com a jornalista norte-americana Anna Louise Strong, o camarada Mao Tsé-tung afirmou: «Porém, o facto de que os reaccionários norte-americanos, logo após o termo da II Guerra Mundial, promovam tamanho alarido sobre uma guerra norte-americana-soviética e provoquem uma atmosfera tão asfixiante, obriga-nos a examinar as suas verdadeiras intenções. Acontece que, valendo-se das palavras de ordem anti-soviéticas, atacam freneticamente os operários e os elementos democráticos do seu próprio país e convertem em dependências norte-americanas todos os países que são alvo da expansão ianque. Considero que o povo norte-americano e os povos dos demais paí-

ses ameaçados de agressão pelos Estados Unidos devem unir-se e lutar contra os ataques dos reaccionários norte-americanos e dos seus lacaios nestes países. Somente a vitória desta luta permitirá evitar uma terceira guerra mundial; de outra maneira, é inevitável» (*Obras Escolhidas de Mao Tsé-tung, t. IV, pág. 98, versão espanhola*).

O camarada Mao Tsé-tung visava contradizer directamente uma apreciação pessimista que então se fazia da situação internacional. Naquela ocasião, os imperialistas, encabeçados pelos Estados Unidos, e os restantes reaccionários intensificavam quotidianamente as suas actividades anti-soviéticas, anti-comunistas e anti-populares e proclamavam que «a guerra entre os Estados Unidos e a URSS é inevitável» e que «uma terceira guerra mundial é inevitável». Os reaccionários, como Tchiang Kai-chek, também levaram a cabo, desenfreadamente semelhante propaganda, a fim de intimidar o povo chinês. Intimidados com tal chantagem, alguns camaradas sentiram medo e deram mostras de debilidade perante os ataques armados que os reaccionários tchiankaichistas desfechavam em colaboração com o imperialismo norte-americano, e não se atreveram a enfrentar decididamente a guerra contra-revolucionária com uma guerra revolucionária. O camarada Mao Tsé-tung sustentou um ponto de vista contrário, assinalando que se poderia evitar uma nova guerra mundial, desde que se lutasse decidida e eficazmente contra as forças reaccionárias.

A grande vitória da Révolução Chinesa confirmou a conclusão científica do camarada Mao Tsé-tung.

A vitória da Revolução Chinesa provocou enormes transformações na correlação das forças

de classe na arena internacional. O camarada Mao Tsé-tung assinalou, em Junho de 1950:

«A ameaça de uma guerra por parte do campo imperialista ainda subsiste. A possibilidade de uma terceira guerra mundial ainda existe. Contudo, as forças que tratam de conjurar o perigo de guerra e prevenir a eclosão de uma terceira guerra mundial desenvolvem-se rapidamente e a consciência política dos povos eleva-se cada vez mais. Poder-se-á conjurar uma nova guerra mundial, desde que os partidos comunistas continuem unidos a todas as forças da paz e da democracia susceptíveis de serem unidas e continuem a desenvolvê-las».

Em Novembro de 1957, na Conferência dos partidos irmãos, o camarada Mao Tsé-tung analisou pormenorizadamente as transformações operadas nas relações internacionais, a partir do termo da II Guerra Mundial, e demonstrou que a situação internacional havia chegado a um novo ponto crítico. Mao Tsé-tung apresentou essa situação metaforicamente, utilizando uma expressão tomada de um romance clássico chinês — «O vento leste prevalece sobre o vento oeste»: «Considero que a actual situação internacional caracteriza-se pelo facto do vento leste prevalecer sobre o vento oeste. Isso quer dizer que as forças do socialismo contam com uma superioridade esmagadora sobre as forças do imperialismo». (*«O imperialismo e todos os reaccionários são tigres de papel»*).

O camarada Mao Tsé-tung chegou a essa conclusão, analisando as relações de classe no âmbito internacional. Incluiu explicitamente no «vento leste» o campo socialista, a classe operária internacional e os partidos comunistas, os povos e nações oprimidas e os povos e países amantes da paz, enquanto no «vento oeste»,

incluiu as forças da guerra, do imperialismo e da reacção. É muito claro e preciso o sentido político desta metáfora. Ao apresentar caluniosamente esta metáfora como um conceito geográfico, étnico ou meteorológico, a direcção do PCUS e seus lacaios não fazem senão denunciar o seu desejo de introduzir-se nas fileiras do «Oeste» a fim de congregar-se com o imperialismo e de excitar o chauvinismo na Europa e na América do Norte.

Ao proclamar que «o vento leste prevalece sobre o vento oeste», o camarada Mao Tsé-tung propunha-se principalmente demonstrar a crescente possibilidade de prevenir uma nova guerra mundial e a crescente possibilidade de que os países socialistas realizassem a construção em ambiente pacífico.

Estas formulações do camarada Mao Tsé-tung constituem os pontos de vista em que sempre persistiu o PCC.

Está claro que a alegação de que o PCC «não acredita na possibilidade de prevenir uma nova guerra mundial» é uma mentira desavergonhadamente forjada pela direcção do PCUS.

Está claro também que a tese sobre a possibilidade de conjurar uma terceira guerra mundial foi enunciada há muito tempo pelos marxistas-leninistas: não foi formulada pela primeira vez no XX Congresso do PCUS nem é uma «criação» de Kruchev.

Mas, Kruchev não criou nada? Sim, criou: Desgraçadamente, os seus «inventos» não são nada marxistas-leninistas mas antes revisionistas.

1 — Kruchev disse por conta própria que a possibilidade de prevenir uma nova guerra mundial é a única possibilidade e que não existe o perigo de uma nova guerra mundial.

Os marxistas-leninistas consideram que, ao assinalar a possibilidade de prevenir uma nova guerra mundial, é necessário assinalar também o perigo de que o imperialismo desencadeie uma nova guerra mundial. Somente indicando as duas possibilidades e adoptando uma acertada política, preparando-se para ambas as eventualidades, se pode mobilizar as massas para que lutem em defesa da paz mundial. Apenas desta maneira os países e povos socialistas, os países e povos amantes da paz não se encontrarão inteiramente desprevenidos e despreparados, se o imperialismo impuser uma guerra mundial aos povos.

Apesar disto, Kruchev e outros opõem-se a que se denuncie o perigo de uma nova guerra forjada pelo imperialismo. Segundo eles, o imperialismo transformou-se, de verdade, num imperialismo amante da paz. Assim, ajudam os imperialistas no seu intento de entorpecer as massas e de paralisar a sua vontade de luta, para que elas relaxem a vigilância perante o perigo de uma nova guerra fomentada pelo imperialismo.

2 — Kruchev afirmou por sua própria conta que a possibilidade de prevenir uma guerra mundial significa a possibilidade de prevenir todas as guerras e considerou que se tornou obsoleta a teoria leninista sobre a inevitabilidade das guerras, enquanto existir o imperialismo.

A possibilidade de evitar uma nova guerra mundial é uma coisa e a de evitar todas as guerras, inclusive as revolucionárias, é outra. É completamente errado confundi-las. Haverá terreno para guerras enquanto subsistir o imperialismo e o sistema de exploração do homem pelo homem. Trata-se de uma lei objectiva descoberta por Lenine após profundas investigações científicas.

Em 1952, referindo-se à possibilidade de prevenção de uma nova guerra mundial, Estaline afirmou: «Para eliminar a inevitabilidade da guerra, é necessário abolir o imperialismo». (*«Os problemas económicos do socialismo na URSS»*).*

Lenine e Estaline estão certos enquanto Kruchev está equivocado.

A História ensina-nos que enquanto o imperialismo só tenha desencadeado duas guerras mundiais, empreendeu inúmeras guerras de outros tipos. Depois da II Guerra Mundial, a política de agressão e guerra do imperialismo, encabeçado pelos Estados Unidos, provocou em diferentes pontos do globo, sobretudo na Ásia, na África e na América Latina, sucessivas guerras parciais e conflitos armados de diferentes tipos.

É evidente que as guerras de libertação nacional são inevitáveis quando o imperialismo, sobretudo o imperialismo norte-americano, envia as suas tropas ou emprega os seus lacaios para a repressão sangrenta das nações e países oprimidos que lutam por conquistar ou manter a independência nacional.

Lenine disse: «Negar qualquer possibilidade de guerras nacionais sob o imperialismo é teoricamente incorrecto, é absolutamente errado do ponto de vista histórico e, na prática, equivale ao chauvinismo europeu». *(Lenine, Obras, t. XXIII, versão chinesa).*

É evidente também que são inevitáveis as guerras civis revolucionárias quando os reaccionários burgueses reprimem o povo dos seus países com a força das armas.

---

* Ver Edições Estrela Vermelha, série Foice e Martelo, n.º 1.

Lenine disse: «As guerras civis também são guerras. Quem admite as lutas de classes não pode deixar de admitir as guerras civis que, em toda a sociedade de classes, representam a continuação, o desenvolvimento e o recrudescimento dessa luta de classes, naturais e inevitáveis em determinadas circunstâncias. Todas as grandes revoluções o confirmam. Negar as guerras civis ou esquecê-las seria cair num oportunismo extrêmo e renegar a revolução socialista». *(Lenine, Obras, t. XXIII, versão chinesa).*

As grandes revoluções da história realizaram-se quase todas através da guerra revolucionária. A guerra de Independência e a Guerra da Secessão dos Estados Unidos da América do Norte são um exemplo; também o é a Revolução Francesa e, naturalmente, da mesma forma, as revoluções da Rússia e da China. As revoluções do Vietname, de Cuba, da Argélia e outras, são exemplos de todos conhecidos.

Em 1871, em discurso proferido por ocasião do sétimo aniversário da fundação da I Internacional, ao resumir as experiências da Comuna de Paris, Marx formulou as condições para a abolição do domínio e da opressão de classes. Ele afirmou: «Antes que a realização de semelhantes transformações se torne possível, é necessário implantar a ditadura do proletariado; e a primeira condição para isto é um exército do proletariado. A classe operária deve conquistar no campo de batalha o seu direito à emancipação». *(Obras completas de Marx e Engels, t. VII, versão chinesa).*

Em 1938, referindo-se às experiências das revoluções russa e chinesa, o camarada Mao Tsé-tung formulou, de acordo com as teorias marxistas-leninistas, a famosa tese de que «o poder nasce do fuzil». Esta tese também se

converteu agora em alvo dos ataques dos dirigentes do PCUS. Eles apresentam-na como prova de que a China é «belicosa».

Respeitáveis amigos: esta vossa calúnia já foi refutada 25 anos atrás pelo camarada Mao Tsé-tung, ao dizer: «Segundo a teoria marxista do Estado, o exército é o principal componente do Poder. Quem desejar tomar e manter o Poder deve contar com um poderoso exército. Há os que nos ridicularizam chamando-nos de partidários da teoria da "omnipotência da guerra". Sim, somos partidários da omnipotência da guerra revolucionária. Isto é bom e não mau; isto é marxista». *(Obras Escolhidas de Mao Tsé-tung, t. II, versão chinesa)*.

O que há de errado nestas palavras do camarada Mao Tsé-tung? Só aqueles que negam as experiências históricas das revoluções burguesas e proletárias ocorridas em diferentes países durante séculos negarão esta tese do camarada Mao Tsé-tung.

Foi com as suas armas que o povo chinês instaurou o Poder socialista. Excepto os imperialistas e os seus lacaios, todo o mundo compreende facilmente que isto é uma coisa boa e um importante factor de defesa da paz no mundo para prevenir uma terceira guerra mundial.

Os marxistas-leninistas jamais dissimulam os seus pontos de vista. Apoiamos de todo o coração a guerra revolucionária dos povos. Como disse Lenine, semelhante guerra revolucionária «é a única guerra correcta, legítima, justa e realmente grande de todas as guerras que conhece a História». *(Lenine, t. VIII, versão chinesa)*. Se nos acusam de belicosos por esta razão, isto só pode provar que estamos realmente do lado dos povos e nações oprimidas e que somos autênticos marxistas-leninistas.

Os imperialistas e os revisionistas sempre acusaram de «belicosos» os bolcheviques e os dirigentes revolucionários como Lenine e Estaline. O facto de que hoje sejamos igualmente injuriados pelos imperialistas e pelos revisionistas demonstra que temos mantido bem alto a bandeira revolucionária do marxismo-leninismo.

Kruchev e outros propagam aos quatro ventos ser possível evitar todas as guerras e tornar realidade um «mundo sem armas, sem exércitos, sem guerras», apesar do sistema imperialista continuar a existir. Este argumento identifica-se com a teoria do «superimperialismo» de Kautsky, já de há muito desmoralizada. É evidente que se procura fazer crer aos povos que se pode conseguir a paz eterna sob o sistema imperialista e com isto liquidar as revoluções e guerras de libertação nacional e as guerras civis revolucionárias contra o imperialismo e os seus lacaios, ajudando, na prática, o imperialismo na preparação de uma nova guerra.

O FETICHISMO NUCLEAR E A CHANTAGEM NUCLEAR — BASE TEÓRICA E GUIA DA POLÍTICA DO REVISIONISMO CONTEMPORÂNEO

A essência da teoria da direcção do PCUS na questão da guerra e da paz é a tese de que o aparecimento da arma nuclear transformou tudo, inclusive as leis da luta de classes.

A carta aberta do CC do PCUS afirma: «Os mísseis nucleares inventados nos meados de nosso século modificaram o nosso conceito sobre a guerra». De que maneira o modificaram?

Os dirigentes do PCUS consideram que, após o aparecimento da arma nuclear, já não há diferença entre guerras justas e guerras injus-

tas. Alegam que «a bomba atómica não respeita os princípios classistas» e que «a bomba atómica não distingue o imperialista do trabalhador; a bomba atómica atinge grandes áreas e, portanto, a morte de cada monopolista corresponderia à morte de milhões de operários».

Eles asseguram que, com o aparecimento da arma nuclear, os povos e nações oprimidas devem renunciar à revolução e abandonar as guerras justas que são a guerra revolucionária popular e a guerra de libertação nacional, caso contrário, a humanidade será aniquilada. Afirmam que «toda a guerra local, por menor que seja, pode tornar-se a faísca que acende a guerra mundial»; que «actualmente, qualquer guerra, ainda que comece como guerra ordinária não nuclear, pode converter-se numa guerra demolidora com mísseis nucleares» e que, desta maneira, «destruiremos a nossa arca de Noé — o globo terrestre».

Os dirigentes do PCUS consideram que perante a chantagem nuclear do imperialismo, aos países socialistas só resta submeter-se e que qualquer resistência é inadmissível. Kruchev disse: «É indubitável que, se os maníacos imperialistas desencadearem uma guerra termonuclear mundial, inevitavelmente, isto condenará à ruína o sistema capitalista, que engendra as guerras. Porém, da catástrofe termonuclear mundial, sairiam vencedores os países socialistas e a causa da luta pelo socialismo no mundo inteiro? Só os que intencionalmente fecham os olhos à realidade pensam desta maneira. Quanto aos marxistas-leninistas, não podem imaginar a criação da civilização comunista sobre as ruínas dos centros culturais do mundo, sobre uma terra devastada e contaminada de sedimentos termonucleares. Não falemos já de que, para muitos

povos, o problema do socialismo perderia todo o seu significado, já que eles teriam desaparecido fisicamente da face do nosso planeta».

Em resumo, segundo a direcção do PCUS, com o aparecimento da arma nuclear, a contradição entre o campo socialista e o campo imperialista, a contradição entre o proletariado e a burguesia nos países capitalistas e a contradição entre as nações oprimidas e o imperialismo desapareceram; no mundo actual, já não existe nenhuma contradição de classes. Eles reduzem as contradições no mundo contemporâneo a uma única — a contradição, por eles inventada, da fictícia sobrevivência conjunta do imperialismo com as classes e nações oprimidas, por um lado, e a destruição total, por outro.

O marxismo-leninismo, as duas Declarações de Moscovo, o socialismo, o comunismo, tudo foi espezinhado pelos dirigentes do PCUS.

Com que franqueza diz a «Pravda»: «Para que servem os princípios, se se perde a cabeça?»

Isto equivale a apontar como uns imbecis os revolucionários que tombaram sacrificados pelos verdugos da reacção, lutando pela vitória das revoluções russas, da Revolução de Outubro, os combatentes que se sacrificaram heroicamente na guerra contra o fascismo, os heróis que derramaram o seu sangue na luta contra o imperialismo e pela independência nacional e todos os mártires que deram a vida pela causa revolucionária, desde tempos imemoriais. Por que perder a cabeça por lealdade aos princípios?

Esta é a típica filosofia dos traidores. É uma infame declaração que só se conhece nas confissões dos renegados.

Guiada pela «teoria» do fetichismo nuclear e da chantagem nuclear, a direcção do PCUS considera que o caminho para defender a paz

mundial é a cooperação entre as duas potências nucleares — os Estados Unidos e a URSS — para a solução dos problemas mundiais e não a união de todas as forças contemporâneas defensoras da paz, na mais ampla frente única contra o imperialismo norte-americano e os seus lacaios.

Kruchev disse: «Nós (os Estados Unidos e a URSS) somos os países mais poderosos do mundo; se nos unirmos em nome da paz, não haverá nenhuma guerra. Então, se algum louco desejar a guerra, bastará que o ameacemos com o dedo para que se acalme».

Aqui, todos podem ver claramente como os líderes do PCUS foram longe no considerar o inimigo como amigo.

A fim de dissimular os seus erros, os dirigentes do PCUS não vacilam em atacar a acertada linha do PCC, fabricando mentiras e calúnias. Asseguraram que o PCC pretende provocar uma guerra nuclear mundial ao pronunciar-se pelo apoio às guerras de libertação nacional e às guerras civis revolucionárias.

Esta é uma curiosa falsificação.

O PCC sempre sustentou que os países socialistas devem apoiar energicamente a luta revolucionária dos povos, inclusive as guerras nacionais de libertação e as guerras civis revolucionárias, e que proceder de outra maneira significaria renunciar ao dever que lhes impõe o internacionalismo proletário. Entretanto, consideramos ao mesmo tempo que qualquer povo ou nação oprimida só pode conseguir a libertação através da decidida luta revolucionária, que ninguém pode fazer em seu lugar.

Sustentamos coerentemente que os países socialistas não devem nem necessitam valer-se da arma nuclear para apoiar as guerras nacionais de libertação e as guerras civis revolucionárias.

Sempre sustentamos ser necessário que os países socialistas obtenham e mantenham a superioridade nuclear. Apenas deste modo poderemos fazer com que o imperialismo renuncie à guerra nuclear. Somente assim estaremos a contribuir para a proibição total das armas nucleares.

Sempre consideramos que as armas nucleares, nas mãos dos países socialistas, serão unicamente armas defensivas, para resistir à ameaça nuclear dos imperialistas. Um país socialista jamais deve ser o primeiro a empregar armas nucleares, nem deve com elas brincar, não deve fazer chantagens nucleares nem o jogo nuclear.

Opomo-nos à incorrecta maneira de agir dos dirigentes do PCUS, não apoiando a luta revolucionária dos povos, e também à sua atitude incorrecta a respeito das armas nucleares. Em vez de analisar os seus próprios erros, acusam-nos de pretender que os Estados Unidos e a URSS «se choquem de cabeça» e de pretender precipitá-los numa guerra nuclear.

Respondemos: Não, amigos. Deixem-se de mentiras e calúnias fantásticas. O PCC não se declara apenas decididamente contrário que a URSS e os Estados Unidos «se choquem de cabeça» como também, na prática, empenha-se ao máximo para evitar choques armados directos entre essas duas potências. Exemplos evidentes disto são a actuação conjunta dos camaradas coreanos e nossa na guerra da Coreia de resistência à agressão norte-americana e a nossa luta no Estreito de Taiwan contra os agressores norte-americanos. Sempre preferimos arcar com a pesada carga dos sacrifícios necessários e colocar-nos na primeira linha de defesa do campo socialista, deixando a segunda para a URSS. Demonstra a direcção do PCUS algum

senso de moral proletária quando recorre a tais mentiras?

Na realidade, não somos nós mas sim os dirigentes do PCUS que, frequentemente, alardeiam que utilizarão a arma nuclear para ajudar a luta anti-imperialista deste ou daquele país.

É do conhecimento de todos que os povos e nações oprimidas não têm armas nucleares e que não é possível nem necessário utilizá-las para a sua revolução. Os próprios dirigentes do PCUS reconhecem também que nas guerras de libertação nacional e nas guerras civis não se distinguem muitas vezes, com clareza, as frentes entre as partes em luta e, por isso, o emprego de armas nucleares está fora de questão. Desejaríamos perguntar-lhes: por que motivo um país socialista teria necessidade de utilizar a arma nuclear para ajudar a luta revolucionária dos povos?

Faríamos uma outra pergunta aos dirigentes do PCUS: de que maneira um país socialista utilizaria a arma nuclear para apoiar a luta revolucionária dos povos e nações oprimidas? Utilizá-la-iam onde ocorrem guerras de libertação ou guerras civis revolucionárias, de forma que tanto os povos revolucionários como os imperialistas sejam vítimas do golpe nuclear ou utilizá-la-iam primeiro para atacar o próprio país imperialista quando este realizasse guerras agressivas com armas convencionais? Evidentemente, não é admissível, de maneira alguma, que um país socialista recorra à arma nuclear em nenhum dos dois casos.

Na realidade, ao agitar a arma nuclear, os dirigentes do PCUS não se propõem apoiar realmente a luta anti-imperialista dos povos.

Às vezes, limitam-se a publicar uma declaração sem o menor propósito de levá-la à prática

mas tão somente para conseguir um prestígio barato.

Outras vezes — como na altura da crise das Caraíbas — joga especulativa, oportunista e irresponsavelmente com a arma nuclear, para atingir os seus objectivos inconfessáveis.

Uma vez descoberta a sua chantagem nuclear e ameaçados pelo adversário com a sua contra-chantagem, recuam precipitadamente, passando do aventureirismo ao capitulacionismo, perdendo tudo no jogo nuclear.

Gostaríamos de assinalar que o grande povo soviético e o Exército Vermelho da URSS foram, continuam a ser e serão uma grande força para a defesa da paz mundial. Mas o pensamento militar de Kruchev, baseado como está no culto à arma nuclear e na chantagem nuclear, é absolutamente errado.

Aos olhos de Kruchev, só existe a arma nuclear. Na sua opinião, com o desenvolvimento actual da técnica militar, a aviação e a marinha de guerra perderam a sua antiga significação. Estas armas serão substituídas e não reduzidas. As unidades e os soldados que se encarregam dos combates de superfície têm, portanto, menor importância. Kruchev diz: «Actualmente, a capacidade defensiva de um país não é determinada pelo número de soldados armados, nem pelo número de homens fardados». (...) «A capacidade defensiva de um país depende, decisivamente, do poder de fogo e dos meios de lançamento de que disponha».

Menor importância ainda têm os milicianos e as massas populares. A este respeito, Kruchev tem uma frase famosa: «Agora que temos armas modernas à nossa disposição, as milícias populares não são tropas mas simplesmente carne humana».

Estas ideias militares de Kruchev afastam-se por completo das doutrinas marxistas-leninistas sobre a guerra e o exército. Seguir esta orientação errada só pode desagregar as tropas e desarmá-las moralmente.

É evidente que se um país socialista adopta a descabida estratégia militar de Kruchev colocar-se-á, sem dúvida, numa situação muito perigosa.

Kruchev pode outorgar-se de títulos como o de «campeão da paz», pode conceder-se «prémios da paz», como pode também cobrir-se de medalhas de herói. Por mais que se gabe, não poderá, no entanto, nem dissimular o seu perigoso costume de brincar temerariamente com a arma nuclear nem a sua servil submissão perante a chantagem nuclear dos imperialistas.

LUTAR OU CAPITULAR?

A paz mundial só pode ser alcançada através da luta dos povos e não mendigando-a aos imperialistas. Pode-se defender a paz com eficácia, somente lutando com apoio nas massas populares, respondendo medida por medida à política imperialista de agressão e guerra. Esta é a política correcta.

Lutar, respondendo medida por medida, é uma importante experiência adquirida pelo povo chinês na sua longa luta contra o imperialismo e os seus lacaios.

O camarada Mao Tsé-tung disse: «Tchiang Kai-chek trata sempre de arrebatar ao povo cada parcela de poder e cada parcela das suas conquistas. E nós? A nossa política consiste em responder golpe por golpe e lutar por cada polegada de terreno. Agimos à sua maneira».

E acrescentou: «Ele (Tchiang Kai-chek) trata sempre de impôr a guerra ao povo, uma espada na mão esquerda, outra na direita. Nós também empunhamos espadas, seguindo o seu exemplo». *(Obras Escolhidas de Mao Tsé-tung, t. IV, versão chinesa)*.

Analisando a situação política interna em 1945, o camarada Mao Tsé-tung disse: «Como "responder golpe por golpe", depende da situação. Algumas vezes, não ir negociar é responder golpe por golpe e, outras vezes, ir negociar também significa responder golpe por golpe. (...) Se nos atacam, contra-atacamos para conquistar a paz. A paz não virá se não desfecharmos golpes severos nos reaccionários que ousem atacar as regiões libertadas». *(Obras Escolhidas de Mao Tsé-tung, t. IV, versão chinesa)*.

O camarada Mao Tsé-tung sintetizou a histórica lição da derrota da Revolução Chinesa de 1924-1927 da seguinte forma: «Frente aos ataques contra-revolucionários contra o povo, Tchem Tu-siu não adoptou a política de responder golpe por golpe e de lutar por cada polegada de terreno; em consequência, em 1927, fez o povo chinês perder em poucos meses todos os direitos que havia conquistado». *(Obras Escolhidas de Mao Tsé-tung, t. IV, versão chinesa)*.

Nós, os comunistas chineses, assim compreendemos a política de lutar respondendo golpe por golpe, e a ela nos atemos firmemente. Opomo-nos tanto ao capitulacionismo como ao aventureirismo. Esta acertada política assegurou a vitória da Revolução Chinesa e, depois, garantiu os grandes êxitos obtidos pelo povo chinês na luta contra o imperialismo.

Todos os povos revolucionários aprovam e aplaudem esta acertada política de luta formu-

lada pelos comunistas chineses. Todos os imperialistas e reaccionários a temem e a odeiam.

Que a política de responder golpe por golpe, formulada pelo PCC, seja atacada com tanta virulência pelos dirigentes do PCUS somente prova que eles não desejam de maneira nenhuma enfrentar o imperialismo. Atacam e caluniam esta política simplesmente com o fito de dissimular a sua linha incorrecta de submissão às necessidades do imperialismo, caindo de joelhos diante dele.

Os dirigentes do PCUS afirmam que lutar contra o imperialismo respondendo golpe por golpe pode levar à tensão? Que barbariedade! De acordo com esta lógica, os imperialistas podem agredir e ameaçar os outros mas os agredidos não podem responder; os imperialistas podem oprimir os outros mas os oprimidos não devem resistir. De qualquer maneira, a sua intenção é eximir os imperialistas dos seus crimes de agressão. Esta é pura e simplesmente a filosofia da lei da selva.

A tensão internacional deve-se à política imperialista de agressão e guerra. Frente à agressão e à ameaça imperialista, os povos devem, evidentemente, lutar com decisão. Os factos revelam que somente através da luta se pode fazer recuar o imperialismo e aliviar efectivamente a tensão internacional. As constantes concessões ao imperialismo não podem conduzir a nenhum alívio verdadeiro; pelo contrário, apenas estimularão as suas agressões.

Invariavelmente, opomo-nos à provocação da tensão internacional por parte do imperialismo e pronunciamo-nos pelo alívio desta tensão. Porém, se o imperialismo se empenha em desencadear agressões e provocar tensão em toda a parte, só conseguirá o contrário dos seus desejos.

O camarada Mao Tsé-tung disse: «Os imperialistas norte-americanos imaginam que a situação de tensão sempre lhes será vantajosa. Entretanto, a verdade é que a tensão provocada pelos Estados Unidos conduz a resultados contrários aos seus desejos; servem para mobilizar os povos contra os agressores norte-americanos».

Disse também: «Se os grupos monopolistas norte-americanos persistem na sua política de agressão e guerra, chegará o dia em que os povos os pendurarão pelo pescoço». *(Diário do Povo, 9 de Setembro de 1958).*

A Declaração de Moscovo de 1957 diz bem: «Com a sua política, essas forças imperialistas anti-populares de agressão cavam a sua própria cova e geram o coveiro que as há-de enterrar».

Esta é a dialéctica da história. Esta verdade, dificilmente a compreenderão os filisteus que reverenciam o imperialismo como algo divino.

A direcção do PCUS afirma que a política de lutar respondendo golpe por golpe, a que se atém o PCC, significa o repúdio às negociações. Isto também é um disparate.

Sempre sustentamos não serem absolutamente marxistas-leninistas os que se recusam a negociar em qualquer circunstância.

Durante as guerras civis revolucionárias, nós, comunistas chineses, mais de uma vez mantivemos negociações com o Kuomintang. Não nos negamos a entabular negociações, mesmo nas vésperas da libertação da China.

Em Março de 1949, o camarada Mao Tsé-tung disse: «Sejam de carácter geral ou local devemos estar preparados para as negociações de paz. Não devemos negar-nos a entabular negociações por receio a incómodos e pelo desejo de evitar complicações, nem devemos aceitar negociações com a mente ofuscada. Sejamos firmes nos prin-

cípios; tenhamos também boa flexibilidade permissível e necessária para cumpri-los». (*Obras Escolhidas de Mao Tsé-tung, t. IV, versão chinesa*).

No plano internacional, na luta contra o imperialismo e a reacção, os comunistas chineses adoptam a mesma atitude correcta a respeito de negociações.

A propósito do problema das negociações para o armistício no Coreia, o camarada Mao Tsé-tung disse, em Outubro de 1951: «Já de há muito dissemos que o problema da Coreia deve ser resolvido por meios pacíficos. Isto continua válido. Sempre que o Governo norte-americano manifeste o desejo de resolver o problema em bases justas e razoáveis, deixe de empregar todo o tipo de meios ignominiosos para sabotar e dificultar a marcha das negociações, como o fez no passado, as negociações para o armistício na Coreia poderão obter êxito; de contrário, será impossível». (*Diário do Povo, 24 de Outubro de 1951*).

A luta decidida contra o imperialismo norte-americano obrigou-o a aceitar, nas negociações, o acordo de armistício na Coreia.

Participamos activamente na Conferência de Genebra de 1954 e contribuímos para o restabelecimento da paz na Indochina.

Também nos pronunciamos pelas negociações com os Estados Unidos, que ocupam o nosso território de Taiwan. As entrevistas entre a China e os Estados Unidos, ao nível de embaixador, já se estendem por mais de oito anos.

Participamos activamente na Conferência de Genebra, realizada em 1961, a respeito do acordo do Laos, e contribuímos para a assinatura do acordo de Genebra referente à independência e neutralidade do Laos.

Será que nós, comunistas chineses, somente permitimos a nós mesmos negociar com países imperialistas, enquanto nos opomos a que a direcção do PCUS negoceie com os dirigentes de tais países?

Claro que não.

Na realidade, sempre apoiamos vigorosamente todas as negociações mantidas pelo Governo soviético com países imperialistas, quando estas foram favoráveis e não contrárias à defesa da paz mundial.

A 14 de Maio de 1960, o camarada Mao Tsé-tung disse:

«Apoiamos a realização da conferência de cúpula, não importa se este tipo de conferência obtenha ou não resultados, ou se os seus resultados sejam grandes ou pequenos. Porém, a obtenção da paz deve depender principalmente da decidida luta dos povos de todos os países». (*Diário do Povo, 15 de Maio de 1960*).

Somos a favor de negociações com os países imperialistas, porém, é absolutamente inadmissível depositar a esperança de paz mundial nas negociações, semear ilusões sobre as mesmas e entorpecer assim a vontade de luta dos povos, como o faz Kruchev.

Para dizer com franqueza, a incorrecta atitude adoptada por Kruchev a respeito do problema das negociações é desfavorável às mesmas. Quanto mais Kruchev ceda ante os imperialistas e quanto mais lhes implore, tanto mais insaciáveis eles se mostrarão. Agindo como o maior devoto de negociações da história, Kruchev tem ficado frequentemente como o amante não correspondido e várias vezes tem sido motivo de risos. Inúmeros factos históricos demonstram que os imperialistas e reaccionários jamais poupam a face dos capitulacionistas.

O CAMINHO DE DEFESA DA PAZ E O CAMINHO QUE CONDUZ À GUERRA

Em suma, a nossa divergência com a direcção do PCUS no problema da guerra e da paz é uma diferença de linha. Trata-se de opôr-se ou não ao imperialismo, apoiar ou não a luta revolucionária, mobilizar ou não todos os povos para a luta contra os planos imperialistas de guerra; trata-se de aceitar ou não o marxismo-leninismo.

O PCC, da mesma maneira que os restantes partidos verdadeiramente revolucionários, encontra-se sempre nas primeiras fileiras de luta contra o imperialismo e de defesa da paz mundial. Sustentamos que, para defender a paz mundial, se deve desmascarar constantemente o imperialismo, mobilizar e organizar as massas populares para a luta contra o imperialismo, encabeçado pelos Estados Unidos, sendo necessário apoiar-se no desenvolvimento das forças do campo socialista, na luta revolucionária do proletariado e demais trabalhadores dos diferentes países, na luta das nações oprimidas pela sua libertação, na luta dos povos e países amantes da paz, e na ampla frente única contra o imperialismo e seus lacaios.

Esta linha, que seguimos, corresponde à linha comum dos partidos comunistas estabelecida pelas Declarações de Moscovo de 1957 e 1960.

Seguindo esta linha, pode-se elevar constantemente a consciência política das massas populares e desenvolver a luta pela paz mundial na direcção correcta.

Seguindo esta linha, podem-se aumentar incessantemente as forças pacíficas do mundo — com o campo socialista como núcleo —, golpear e debilitar constantemente as forças imperialistas da guerra.

Seguindo esta linha, pode-se desenvolver e fortalecer incessantemente a revolução dos povos e manietar o imperialismo.

Seguindo esta linha, pode-se pôr em pleno movimento todos os factores susceptíveis de serem mobilizados, inclusive a utilização das contradições entre o imperialismo norte-americano e as outras potências imperialistas, isolando ao máximo o imperialismo norte-americano.

Seguindo esta linha, pode-se desmontar a chantagem nuclear do imperialismo norte-americano e fazer fracassar o seu plano de iniciar uma nova guerra mundial.

Esta é a linha com que os povos conseguirão a vitória da revolução e a paz mundial. Este é o caminho justo e eficaz para a manutenção da paz mundial.

A linha seguida pela direcção do PCUS é diametralmente oposta à nossa linha, à linha comum de todos os marxistas-leninistas e povos revolucionários.

A direcção do PCUS não dirige a sua luta contra o inimigo da paz mundial mas contra o campo socialista, debilita e socava o núcleo das forças defensoras da paz mundial.

A direcção do PCUS visa amedrontar os povos dos países socialistas com a chantagem nuclear e procura proibi-los de apoiar a luta revolucionária dos povos e nações oprimidas, ajudando assim o imperialismo norte-americano a isolar o campo socialista e a reprimir a revolução dos povos.

A direcção do PCUS procura intimidar com a chantagem nuclear todos os povos e nações oprimidas e intenta proibi-los de fazer a revolução, cooperando assim com o imperialismo norte-

-americano para apagar as «faíscas» da revolução, de maneira que este ponha em prática livremente a sua política de agressão e guerra na zona intermediária que se estende entre os Estados Unidos e o campo socialista.

A direcção do PCUS procura também atemorizar os aliados dos Estados Unidos, a fim de que não lutem contra o controlo norte-americano, ajudando o imperialismo ianque a subordinar esses países e a consolidar as suas posições.

Este procedimento da direcção do PCUS significa anular por completo a luta contra a política imperialista de agressão e de guerra.

Este procedimento significa a completa supressão da frente única contra o imperialismo norte-americano e seus lacaios, em defesa da paz mundial.

Este procedimento não contribui para isolar ao máximo o principal inimigo da paz mundial mas, pelo contrário, as forças pacíficas. Este procedimento significa suprimir na prática a tarefa de lutar em defesa da paz mundial.

Esta é uma linha que atende às necessidades da «estratégia global» do imperialismo norte-americano.

Este não é o caminho que defende a paz mundial mas antes o caminho que alimenta o perigo de guerra e conduz à guerra.

O mundo contemporâneo já não é, de há muito, o mundo das vésperas da II Guerra Mundial. Agora, existe um poderoso campo socialista. O movimento de libertação nacional da Ásia, da África e da América Latina desenvolve-se tempestuosamente. A consciência política dos povos elevou-se extraordinariamente. As forças dos povos revolucionários cresceram consideravelmente. O povo soviético, os povos dos restantes países socialistas e todos os outros povos não

abandonarão jamais o seu destino à mercê das forças bélicas imperialistas e dos seus pregoeiros.

Os actos de agressão e guerra dos imperialistas e dos reaccionários estão a educar os povos para que, pouco a pouco, se tornem politicamente conscientes. A prática social é o único critério da verdade. Acreditamos que, com as negativas lições do imperialismo e da reacção, muitos dos que sustentam pontos de vista incorrectos na compreensão do problema da guerra e da paz mudarão de atitude. Nisto depositamos muitas esperanças.

Estamos convencidos de que, se todos os comunistas e todos os povos conseguem desbaratar a fraude dos imperialistas, descobrir as mentiras dos revisionistas e assumir a tarefa de salvaguardar a paz mundial, poderão com toda a segurança desfazer os planos imperialistas para desencadear uma nova guerra mundial e defender a paz mundial.

Leninismo
ou
Social-Imperialismo ?

RENMIN RIBAO/HONGQI/JIEFANGJUN BAO

Em comemoração do centésimo aniversário do nascimento do grande Lenine. Pelas redacções do *Renmin Ribao*, da revista *Hongqi* e do *Jiefangjun Bao*, de 22 de Abril de 1970.
Edições em Línguas Estrangeiras, Pequim, 1970.

I. A BANDEIRA DO LENINISMO É INVENCÍVEL

O dia 22 de Abril marca, este ano, o centésimo aniversário do nascimento do grande Lenine.

É com o mais profundo respeito pelo grande Lenine que os marxistas-leninistas, o proletariado e os povos revolucionários de todo o mundo comemoram essa data histórica.

Lenine foi, depois da morte de Marx e de Engels, o grande dirigente do movimento comunista internacional, o grande guia do proletariado e dos povos oprimidos do mundo inteiro.

Em 1871, ano seguinte ao do nascimento de Lenine, eclodiu a insurreição da Comuna de Paris, a primeira tentativa do proletariado para derrubar a burguesia. Quando Lenine iniciou a sua actividade revolucionária — fins do século XIX, começos do XX — o mundo entrava na época do imperialismo e da revolução proletária. Na luta contra o imperialismo e toda a sorte de oportunismo, em especial na luta contra o revisionismo da II Internacional, Lenine herdou, salvaguardou e desenvolveu o Marxismo, elevando-o a uma etapa nova, a etapa do Leninismo. Tal como Estaline afirmou, «o **Leninismo é o**

Marxismo da época do imperialismo e da revolução proletária»[1].

Lenine analisou as contradições do imperialismo, pôs-lhe em evidência as leis e resolveu toda uma série de questões, de importância maior, relativas à revolução proletária na época do imperialismo, nomeadamente a questão de que o socialismo **«triunfará primeiramente em um ou em alguns países»**[2]. Ele expôs, em termos explícitos, a ideia de que o proletariado deve assegurar-se da direcção na revolução democrático-burguesa e dirigiu o proletariado russo nesse ensaio geral que foi a revolução de 1905. A Grande Revolução Socialista de Outubro, dirigida por Lenine, materializou a transformação radical do mundo velho, capitalista, num mundo novo, socialista, inaugurando assim uma nova era na história da humanidade.

No domínio da teoria e no da prática, a contribuição de Lenine à causa da revolução proletária foi imensa.

Depois que morreu Lenine, Estaline herdou e salvaguardou a causa do Leninismo na luta contra os inimigos de classe do interior e do exterior do país, bem como contra os oportunistas de direita e de «esquerda» no seio do Partido. Sob direcção de Estaline, o povo soviético prosseguiu no seu avanço pela via do socialismo e conquistou grandes vitórias. E foi ainda sob o comando de Estaline que esse povo se converteu, durante a Segunda Guerra Mundial, no principal elemento da vitória sobre a agres-

[1] J.V. Estaline: «Fundamentos do Leninismo», *Obras Completas,* Tomo VI, pág. 63 da edição chinesa.

[2] V.I. Lenine: «Programa Militar da Revolução Proletária», *Obras Completas,* Tomo XXIII, pág. 75 da edição chinesa.

são fascista e realizou feitos magníficos que perdurarão inapagáveis na história da humanidade.

Os comunistas chineses e o povo chinês jamais esquecerão que foi justamente no Leninismo que encontraram a via da emancipação. O camarada Mao Tsé-tung disse: **« O troar dos canhões da Revolução de Outubro trouxe-nos o Marxismo-Leninismo.» «Eles** [chineses] **descobriram essa verdade universalmente válida que é o Marxismo-Leninismo e a fisionomia da China começou a mudar.»**[3] E salientou: **«O povo chinês sempre considerou que a revolução chinesa é uma continuação da Grande Revolução Socialista de Outubro.»**[4]

Aplicando a teoria marxista-leninista, o camarada Mao Tsé-tung resolveu de modo criador os problemas fundamentais da revolução chinesa, dirigiu o povo chinês nas lutas e guerras revolucionárias mais longas, mais encarniçadas, mais duras e mais complexas da história da revolução proletária mundial e conduziu a revolução popular à vitória nesse grande país do Oriente que é a China. Foi a maior vitória da revolução proletária mundial depois da Revolução de Outubro.

Nós vivemos presentemente uma nova e grandiosa época da revolução mundial. Comparativamente ao momento em que viveu Lenine, a situação internacional registou mudanças colossais. A evolução do conjunto da história mundial confirmou a justeza da doutrina revolucionária de Lenine e provou que a bandeira do Leninismo é invencível.

[3] Mao Tsé-tung: «Sobre a Ditadura Democrática Popular», *Obras Escolhidas,* Tomo IV, págs. 1475 e 1476 da edição chinesa.

[4] Discurso do Presidente Mao, a 17 de Abril de 1957.

Mas na história há curvas e contra-curvas. Assim como, após a morte de Engels, surgiu o revisionismo Bernstein-Kautsky, após a morte de Estaline surgiu o revisionismo Kruchev--Brejnev.

Ao cabo de onze anos de domínio kruchevviano do poder, registou-se uma cisão no seio revisionista e Brejnev tomou o lugar de Kruchev; mais de cinco anos se passaram já e eis que é exactamente esse o homem que preside agora às «comemorações» do centésimo aniversário do nascimento de Lenine.

Lenine disse: **«Sempre se viu ao longo da história que após a morte dos chefes revolucionários populares entre as classes oprimidas, os inimigos desses chefes tentaram aproveitar--se-lhes dos nomes para enganar essas mesmas classes.»**[5]

Foi exactamente assim que o renegado Brejnev e os seus iguais agiram com relação ao grande Lenine. Nas suas chamadas «Teses para o centésimo aniversário do nascimento de V. I. Lenine», eles foram até ao ponto de deformar impudentemente a grandiosa imagem do guia revolucionário do proletariado que foi Lenine, fazendo passar o contrabando revisionista por Leninismo. Fingem «celebrar» Lenine quando, na realidade, não fazem mais que usurpar o nome deste para activar a materialização do seu social-imperialismo, do seu social-fascismo e do seu social-militarismo. Que grosseiro insulto a Lenine!

Denunciar a fundo a traição dos renegados revisionistas soviéticos com relação ao Leninismo, pôr a nu o carácter de classe do social--imperialismo revisionista soviético, fazer ressaltar a lei histórica da queda inelutável a que está condenado o social-imperialismo, tanto como o imperialismo capitalista, e dar novo impulso à grande luta que travam os povos do mundo contra o imperialismo norte-americano, contra o revisionismo soviético e contra toda a reacção, eis, no momento presente, a nossa tarefa de combate. Nisso está igualmente o grande significado da nossa comemoração do centésimo aniversário do nascimento do grande Lenine.

[5] V.I. Lenine: «O Imperialismo e a Cisão do Socialismo», *Obras Completas*, Tomo XXIII, pág. 117 da edição chinesa.

II. A QUESTÃO FUNDAMENTAL DO LENINISMO É A DITADURA DO PROLETARIADO

Na luta contra o oportunismo e o revisionismo, Lenine sublinhou repetidas vezes que a questão fundamental na revolução proletária é tomar o poder pela violência, destruir a máquina de Estado da burguesia e instaurar a ditadura do proletariado.

Lenine disse que um Estado burguês **«substituído por um Estado proletário (ditadura do proletariado)** ***não é possível*** **por via de "extinção" mas apenas, em regra geral, por meio duma revolução violenta.»**[6]

Lenine disse também que a teoria de Marx sobre a ditadura do proletariado **«está indissoluvelmente ligada a toda a sua doutrina sobre o papel revolucionário do proletariado na histó-**

[6] V.I. Lenine: «O Estado e a Revolução», *Obras Escolhidas*, Tomo III, pág. 179 da edição chinesa.

ria. A conclusão desse papel é a ditadura proletária»[7].

A vitória da Revolução de Outubro dirigida por Lenine foi uma vitória da teoria marxista da revolução proletária e da ditadura do proletariado. A via da Revolução de Outubro é a via pela qual o proletariado instaura a sua ditadura por meio duma revolução violenta.

Foi na altura da Revolução de Outubro que Lenine fez o balanço da prática revolucionária nova e desenvolveu ainda mais a teoria marxista da ditadura do proletariado. Ele sublinhou que a revolução socialista **«é toda uma época de conflitos de classes agudos»**[8] e, **«enquanto ela** [essa época] **não se conclui, resta inevitavelmente aos exploradores uma esperança de restauração,** ***esperança*** **que se converte em** ***tentativas*** **de restauração.»**[9] Lenine entende pois que a ditadura do proletariado **«é necessária... não somente para o** ***proletariado*** **que tiver derrubado a burguesia mas também para todo o** ***período histórico*** **que separa o capitalismo da "sociedade sem classes", do comunismo»**[10].

Hoje, ao comemorarmos o centésimo aniversário do nascimento de Lenine, voltar a estudar essas ideias brilhantes reveste uma muito importante significação prática.

Como se sabe, foi precisamente sobre essa questão fundamental da revolução proletária e da ditadura do proletariado que a camarilha dos renegados revisionistas soviéticos traiu o Leninismo e a Revolução de Outubro.

Logo que o semblante revisionista de Kruchev começou a desenhar-se, há já muito, o camarada Mao Tsé-tung indicou de modo penetrante: **«Em minha opinião, há duas "armas": uma é Lenine e outra Estaline. A arma que é Estaline os russos rejeitaram-na agora." "E a arma que é Lenine, acaso não foi ela também um tanto rejeitada agora por certos dirigentes soviéticos? Penso que foi, em considerável medida. Será a Revolução de Outubro ainda válida? Poderá ainda servir de exemplo aos vários países? O relatório de Kruchev ao XX Congresso do PCUS diz que é possível chegar-se ao poder pela via parlamentar; por outras palavras, aos diversos países não seria mais necessário seguir o exemplo da Revolução de Outubro. Aberta essa porta, o Leninismo ficou praticamente rejeitado.»**[11]

III. O GOLPE DE ESTADO CONTRA-REVOLUCIONÁRIO DA CAMARILHA RENEGADA KRUCHEV-BREJNEV

Como pôde restaurar-se o capitalismo na União Soviética, primeiro Estado socialista no mundo, e como pôde esse país passar a social-imperialista? Se examinarmos a questão do ponto de vista marxista-leninista, sobretudo à luz da teoria do camarada Mao Tsé-tung sobre

---

[7] V.I. Lenine: «O Estado e a Revolução», *Obras Escolhidas,* Tomo III, pág. 184 da edição chinesa.

[8] V.I. Lenine: «A Revolução Socialista e o Direito das Nações à Auto-Determinação», *Obras Completas,* Tomo XXII, pág. 138 da edição chinesa.

[9] V.I Lenine: «A Revolução Proletária e o Renegado Kautsky», *Obras Completas,* Tomo XXVIII, pág. 235 da edição chinesa.

[10] V.I. Lenine: «O Estado e a Revolução», *Obras Escolhidas,* Tomo III, pág. 192 da edição chinesa.

[11] Discurso pronunciado a 15 de Novembro de 1956 pelo Presidente Mao, na Segunda Sessão Plenária do Comité Central eleito pelo VIII Congresso do Partido Comunista da China.

a continuação da revolução sob ditadura do proletariado, compreenderemos que isso foi essencialmente um resultado da luta de classes na União Soviética, da usurpação da direcção do Partido e do Estado por um punhado de responsáveis do Partido soviético empenhados na via capitalista, dito doutro modo, da usurpação do poder proletário pela burguesia desse país. E também foi um resultado da política de «evolução pacífica» que, para fugir à ruína, o imperialismo mundial prosseguiu na União Soviética por intermédio da camarilha de renegados revisionistas soviéticos.

O camarada Mao Tsé-tung salientou: **«A sociedade socialista estende-se por um período histórico bastante longo em cujo decurso continuam a existir classes, contradições de classes e luta de classes, tanto como luta entre as duas vias — socialista e capitalista — e perigo de restauração do capitalismo.»**[12]

A luta de classes na sociedade socialista permanece centrada no problema do poder. O camarada Mao Tsé-tung afirmou: **«Os representantes da burguesia que se infiltraram no Partido, no Governo, no Exército e nos diferentes sectores da cultura são um bando de revisionistas contra-revolucionários. Se a ocasião se apresenta, eles arrebatam o poder e transformam a ditadura do proletariado em ditadura da burguesia.»**[13]

---

[12] Intervenções do Presidente Mao, em Agosto de 1962, na Reunião de Trabalho do Comité Central, em Peitaiho e na Décima Sessão Plenária do Comité Central eleito pelo VIII Congresso do Partido Comunista da China, em Setembro do mesmo ano.

[13] «Circular», de 16 de Maio de 1966, do Comité Central do Partido Comunista da China.

Após a Revolução de Outubro, se bem que a burguesia tivesse sido derrubada na União Soviética, as classes e a luta de classes nunca deixaram aí de existir. Estaline eliminou um número bem elevado de contra-revolucionários representantes da burguesia que se tinham infiltrado no Partido, nomeadamente os Trotsky, Zinoviev, Kamenev, Radek, Bucarine e Rykov; isso chega para mostrar que a luta de classes nunca deixou de desenrolar-se com encarniçamento e que o perigo de restauração do capitalismo sempre existiu.

Como a União Soviética foi o primeiro Estado de ditadura do proletariado, faltou-lhe a suficiente experiência quanto à consolidação da ditadura do proletariado e prevenção da restauração do capitalismo. Foi nessas circunstâncias que, após a morte de Estaline, Kruchev, responsável empenhado na via capitalista dissimulado no seio do Partido Comunista da União Soviética, lançou um ataque de surpresa com a apresentação dum «relatório secreto» que difamava virulentamente Estaline e, recorrendo a toda a espécie de baixeza e astúcia, usurpou a direcção do Partido e do Estado soviéticos. Foi um golpe de Estado contra-revolucionário que transformou a ditadura do proletariado em ditadura da burguesia e que, derrubando o socialismo, restaurou o capitalismo.

Brejnev foi um cúmplice de Kruchev nesse golpe de Estado e, mais tarde, tomou-lhe o lugar. No fundo, a sua ascensão ao poder é um prolongamento do golpe de Estado contra-revolucionário de Kruchev. Brejnev é Kruchev 2.

O camarada Mao Tsé-tung disse: **«O revisionismo no poder é a burguesia no poder.»**[14] **«Na**

---

[14] Afirmação do Presidente Mao, em conversa, em Agosto de 1964.

União Soviética, actualmente, o que existe é ditadura da burguesia, ditadura da grande burguesia, ditadura de tipo fascista alemão, ditadura de tipo hitleriano.»[15]

Essas brilhantes teses do camarada Mao Tsé-tung revelaram do modo mais penetrante a essência de classe e a origem social do social-imperialismo revisionista soviético e mostraram a natureza fascista deste.

Depois que a camarilha dos renegados revisionistas soviéticos usurpou a direcção do Partido e do Estado, a camada privilegiada da burguesia soviética aumentou consideravelmente o seu poder político e económico; ocupou uma posição dominante no Partido, no governo e no exército, assim como nos domínios económico e cultural, e no seio dessa camada formou-se uma burguesia monopolista burocrática, quer dizer, uma grande burguesia de tipo novo que controla o conjunto da máquina do Estado e dispõe da totalidade da riqueza social.

Essa burguesia monopolista burocrática de tipo novo, aproveitando-se do poder de Estado que controla, converteu a propriedade socialista em propriedade dos responsáveis empenhados na via capitalista, a economia socialista em economia capitalista e economia do capitalismo monopolista de Estado. Em nome do «Estado», ela pilha sem escrúpulos o Tesouro e recorre a todos os processos para apropriar-se como bem quer e entende dos frutos do trabalho do povo soviético, vivendo no luxo e no deboche e impondo o seu despotismo.

Essa burguesia monopolista burocrática de tipo novo é uma burguesia que transformou a

---

[15] Afirmação do Presidente Mao, em conversa, em 11 de Maio de 1964.

esperança de restauração em *tentativas* **de restauração.** Submete a repressão os heróicos filhos da Revolução de Outubro, cavalga às costas das populações das diversas nacionalidades soviéticas e instaurou uma pequena corte contra-revolucionária própria. É assim que é arqui-reaccionária, odeia e teme o povo em extremo.

Essa burguesia monopolista burocrática de tipo novo, como todas as classes reaccionárias, decadentes, esconde no seu seio múltiplas contradições. Para manter, custe o que custar, o poder que usurpou, os seus elementos agem em cumplicidade, ao mesmo tempo que intrigam uns contra os outros e procuram afastar-se mutuamente. Quanto mais difícil se lhes torna a situação, tanto mais violentas se fazem as lutas abertas e secretas que os opõem.

Para amontoar um máximo de lucros e manter a sua dominação reaccionária, essa burguesia monopolista burocrática de tipo novo tem inevitavelmente de lançar-se em agressões e expansionismo frenéticos, juntar-se ao imperialismo mundial na partilha do mundo e prosseguir uma política social-imperialista feroz, ao mesmo tempo que explora e oprime o povo do seu próprio país.

Essa burguesia monopolista burocrática de tipo novo é a base de classe do social-imperialismo revisionista soviético. Brejnev é actualmente o representante geral dessa classe. Pratica com fúria o revisionismo krucheviano e desenvolve-o, concluindo a evolução da restauração capitalista ao social-imperialismo, iniciada sob Kruchev.

Desde que assumiu o poder, Brejnev estendeu a todos os domínios o chamado «novo sistema económico» e estabeleceu por decreto o princípio capitalista do lucro, intensificando

assim a exploração do povo trabalhador pela oligarquia monopolista burocrática. Esta, indiferente à sorte do povo, exige contribuições exorbitantes, aplica a política hitleriana dita dos «canhões em vez de manteiga» e acelera a militarização da economia nacional, de modo a responder às necessidades de expansão do armamento e preparativos de guerra do social-imperialismo.

As medidas retrógradas adoptadas pela camarilha dos renegados revisionistas soviéticos causaram um prejuízo incomensurável às forças produtivas da sociedade e arrastam graves consequências: declínio da indústria, baixa da produção agrícola, diminuição do quantitativo de cabeças de gado, inflação, falhas de abastecimento, penúria séria no mercado de Estado e empobrecimento crescente do povo trabalhador. E não é que os renegados revisionistas soviéticos tenham apenas dilapidado as enormes riquezas acumuladas pelo povo soviético graças a múltiplas décadas de duro labor, eles também se aviltaram a ponto de mendigar créditos à Alemanha Ocidental, país vencido da Segunda Guerra Mundial, e chegaram inclusivamente ao ponto de vender os recursos naturais do país, abrindo a Sibéria à penetração do capital monopolista japonês. A economia soviética debate-se hoje em crises inextricáveis. Como amigos do povo soviético, nós, povo chinês, juntamente com os demais povos do mundo, sentimos a mais viva indignação frente aos renegados revisionistas soviéticos que reduziram a estado tão lamentável a pátria do Leninismo; sentimos uma profunda simpatia pelas grandes massas populares soviéticas, sobre quem recai todo o sofrimento causado pela restauração generalizada do sistema capitalista.

A camarilha dos renegados revisionistas soviéticos afirmou um dia que a «ditadura do proletariado deixou de ser indispensável na URSS» e que a União Soviética «se converteu em Estado do povo inteiro»[16]. E agora tem de esbofetear-se a si própria quando pretende que «o Estado do povo inteiro prossegue a causa da ditadura do proletariado»[17] e que «o Estado do povo inteiro» é «do mesmo tipo» que «o Estado de ditadura do proletariado»[18]. Por outro lado essa camarilha faz grande alarido a propósito do «reforço da direcção do Partido», do «reforço da disciplina», do «reforço do centralismo», etc.. É logo «Estado do povo inteiro», logo «ditadura do proletariado»; querer acasalar à força essas duas noções radicalmente contraditórias não pode ter outro objectivo senão enganar as massas e camuflar a ditadura da grande burguesia. Para essa camarilha, a «direcção do Partido» é o controlo político dum punhado de oligarcas social-fascistas sobre os membros do Partido e sobre as massas. A «disciplina» é a repressão de todos os que se descontentam da sua dominação. O «centralismo» é a concentração ainda maior do poder político, económico e militar nas mãos da sua quadrilha. Numa palavra, são outros tantos pretextos para reforçar a ditadura fascista e preparar-se para a guerra de agressão.

Em dificuldades no interior e no exterior, a camarilha dos renegados revisionistas sovié-

---

[16] «Programa do Partido Comunista da União Soviética», aprovado pelo «XXII Congresso» do revisionismo soviético.

[17] «Teses em comemoração do centésimo aniversário do nascimento de V.I. Lenine», formuladas pelo revisionismo soviético.

[18] *Pravda*, jornal revisionista soviético, de 5 de Março de 1970.

ticos recorre cada vez mais abertamente à violência contra-revolucionária para manter a sua dominação reaccionária, traidora de Lenine e da Revolução de Outubro. Hoje, na União Soviética, os agentes secretos e os informadores fazem reinar a arbitrariedade e os decretos reaccionários são promulgados sem interrupção. Fazer a revolução passou a constituir um crime, as prisões enchem-se de inocentes por todo o país, a contra-revolução é recompensada e os renegados congratulam-se com promoções. Inúmeros revolucionários e inocentes são atirados para campos de concentração e «asilos de alienados». A camarilha revisionista soviética chegou até ao ponto de empregar tanques e outros blindados para reprimir com selvajaria a resistência popular.

Lenine disse: **«Em nenhuma parte do mundo a maioria da população do país é tão oprimida como na Rússia»** e as nacionalidades, exceptuando-se a russa, são tratadas como **«alógenos»**[19]. A opressão nacional **«acumulou, entre as nacionalidades privadas de direitos iguais, o ódio mais profundo contra os monarcas»**[20]. Actualmente, os novos czares revisionistas soviéticos retomaram à sua conta a política de opressão dos velhos czares contra as nacionalidades minoritárias, submetem-nas a pressões e perseguições, recorrendo a procedimentos odiosos como a discriminação, deportação, divisão ou prisão e

---

[19] V.I. Lenine: «O Socialismo e a Guerra», *Obras Completas,* Tomo XXI, pág. 285 da edição chinesa.

[20] V.I.Lenine: «Discurso ante o I Congresso Nacional da Marinha de Guerra Russa», *Obras Completas,* Tomo XXVI, pág. 322 da edição chinesa.

transformaram a União Soviética numa **«prisão de povos»**[21].

A camarilha dos renegados revisionistas soviéticos impõe uma ditadura burguesa integral em todos os domínios da ideologia. Abafa e liquida raivosamente a ideologia e a cultura sosocialistas do proletariado, ao mesmo tempo que abre as comportas à torrente da ideologia e da cultura burguesas apodrecidas até à medula. Sem a menor reserva, exalta o militarismo, o chauvinismo nacional e o racismo e faz da literatura e da arte um instrumento para a materialização do seu social-imperialismo.

Estigmatizando a dominação tenebrosa do czarismo, Lenine escreveu: que grau não terá atingido a arbitrariedade policial, a perseguição inquisitorial e a desmoralização **«para fazer gritar às próprias pedras»**[22]! É bom estabelecer um paralelo entre a dominação da camarilha dos renegados revisionistas soviéticos e o czarismo estigmatizado por Lenine.

O golpe de Estado contra-revolucionário da camarilha renegada Kruchev-Brejnev desempenhou um papel que nenhum imperialista, nenhum reaccionário, seria capaz de desempenhar. Tal como disse Estaline, **«é do interior que se tomam mais facilmente as fortalezas»**[23]. Inexpugnável frente à intervenção armada de 14 países, rebelião das guardas brancas, ataque por milhões de soldados das hordas hitlerianas, incontáveis

---

[21] V.I. Lenine: «O Proletariado Revolucionário e o Direito das Nações à Auto-Determniação», *Obras Completas,* Tomo XXI, pág. 392 da edição chinesa.

[22] V.I. Lenine: «Comentário sobre Questões Internas», *Obras Completas,* Tomo V, pág. 258 da edição chinesa.

[23] *Compêndio de História do Partido Comunista (Bolchevique) da URSS,* pág. 471 da edição chinesa, Edições do Povo.

sabotagens ou tentativas de subversão, e bloqueio e cerco pelos imperialistas, essa fortaleza socialista foi conquistada do interior por um punhado de renegados! A camarilha Kruchev-Brejnev é pois uma colecção dos maiores renegados que conheceu a história do movimento comunista internacional, um bando de criminosos que a História condenou sem remissão por crimes abomináveis.

IV. SOCIALISMO EM PALAVRAS, IMPERIALISMO NOS ACTOS

Lenine estimatizou os renegados da II Internacional nos termos seguintes: «... **socialismo em palavras, imperialismo nos actos,** *transformação do oportunismo em imperialismo*»[24].

De modo idêntico, essa camarilha de renegados revisionistas soviéticos passou do revisionismo ao social-imperialismo. A diferença é que os social-imperialistas da II Internacional, como Kautsky e comparsas, não dispunham do poder de Estado, serviam apenas o imperialismo do seu próprio país, com o que recolhiam algumas migalhas do sobre-lucro proveniente da espoliação dos outros povos. Em contrapartida, os social-imperialistas revisionistas soviéticos entregam-se directamente à pilhagem e subjugação dos povos dos demais países, valendo-se do poder de Estado que usurparam.

A experiência histórica ensina-nos que, quando o poder é usurpado por uma camarilha revisionista, o país socialista transforma-se em

[24] V.I. Lenine: «Sobre as Tarefas da III Internacional»; *Obras Completas*, Tomo XXIX, pág. 458 da edição chinesa.

Estado social-imperialista, como a União Soviética, ou fica reduzido à condição de país dependente ou colónia, como a Checoslováquia e a República Popular da Mongólia. Agora vê-se claramente que a subida ao poder da camarilha renegada Kruchev-Brejnev significa, no fundo, a transformação do Estado socialista fundado por Lenine e Estaline em país suserano social--imperialista.

A camarilha dos renegados revisionistas soviéticos fala de Leninismo, socialismo e internacionalismo proletário, mas os seus actos são imperialistas a cem por cento.

Em palavras, declara praticar o «internacionalismo» com relação aos «países irmãos» mas, na realidade, serve-se da «Organização do Pacto de Varsóvia», do «Conselho de Assistência Económica Mútua» e outras cadeias para manter certos países da Europa Oriental e a República Popular da Mongólia presos ao arame farpado da pretensa «comunidade socialista» e dispor deles à sua vontade. Aproveitando-se da sua situação de suserano, por meio da «divisão internacional do trabalho», «especialização da produção» e «integração económica», força esses países a adaptarem as respectivas economias nacionais às necessidades do revisionismo soviético, convertendo-os em mercados, oficinas auxiliares de transformação, pomares, hortas e centros de criação de gado, para entregar-se aí a uma exploração super-económica monstruosa.

Ela recorre aos meios mais despóticos e brutais para controlar estritamente esses países, estaciona neles tropas numerosas e, inclusivamente, enviou descaradamente centenas de milhares de soldados para a Checoslováquia, calcando esse solo com a sua bota de ferro e

criando, à ponta de baioneta, um regime fantoche. Essa cáfila de renegados, tal como os velhos czares estigmatizados por Lenine, baseia inteiramente as **«suas relações com os vizinhos» «no princípio feudal dos privilégios»**[25].

Em palavras afirma que presta uma «ajuda» aos países da Ásia, África e América Latina mas, na realidade, procura sob esse pretexto incluir certos países desses continentes na sua esfera de influência, disputando a zona intermédia ao imperialismo norte-americano. Com a exportação de material de guerra e capitais, com as trocas comerciais não equitativas, o revisionismo soviético pilha-lhes os recursos, ingere-se-lhes nos negócios internos e mantem-se à espreita duma ocasião para assegurar-se de bases militares.

Lenine salientou: **«Aos numerosos "velhos" móbeis da política colonial o capital financeiro juntou a luta pelas fontes de matérias primas, exportação de capitais, "esferas de influência"... e, enfim, pelo território económico em geral.»**[26] É nessa órbita do imperialismo capitalista que progride o social-imperialismo revisionista soviético.

Em palavras, a camarilha dos renegados revisionistas soviéticos afirma que oferece «pleno apoio» à luta revolucionária dos diversos países mas, na realidade, age em colusão com as forças mais reaccionárias do mundo no intuito de sabotar a luta revolucionária dos povos de todos os países. Vilipendia furiosamente as massas revolucionárias dos países capitalistas, tratando-as de «extremistas», de «vândalos», e divide e desagrega os movimentos populares nesses países. Com dinheiro e com armas, ajuda directamente os reaccionários da Indonésia, Índia e outros países a massacrarem os revolucionários; quebra a cabeça para extinguir as chamas crepitantes da luta armada popular na Ásia, África e América Latina e reprimir o movimento de libertação nacional. À semelhança do imperialismo norte-americano, ela desempenha o papel de gendarme mundial.

Em palavras pronuncia-se pela «luta anti-imperialista» e lança, de quando em quando, algumas invectivas dirigidas aos Estados Unidos, mas, na realidade, essa camarilha e o imperialismo norte-americano constituem os maiores imperialismos em busca da hegemonia mundial. A pretensa «oposição» do revisionismo soviético aos Estados Unidos e a luta dos povos dos diversos países contra o imperialismo norte-americano são duas coisas inteiramente diferentes. Para partilharem entre si o mundo, o revisionismo soviético e o imperialismo norte-americano disputam-se ao mesmo tempo que colaboram. Os factos e os gestos do revisionismo soviético sobre uma série de problemas de importância, nomeadamente sobre os da Alemanha, Médio Oriente, Sudeste Asiático, Japão e armamento nuclear, constituem provas desse crime de disputa e colaboração com o imperialismo norte-americano. Ambos praticam, em detrimento dos interesses dos diversos povos, uma política de poderio que é própria do imperialismo. Se existem alguns compromissos entre eles, não pode tratar-se mais que de acordos temporários entre bandidos.

---

[25] V.I. Lenine: «Sobre o Orgulho Nacional dos Grandes-Russos», *Obras Completas,* Tomo XXI, pág. 85 da edição chinesa.

[26] V.I. Lenine: «Imperialismo, Estádio Supremo do Capitalismo», *Obras completas,* Tomo XXII, pág. 293 da edição chinesa.

Lenine salientou: **«O militarismo moderno é resultado do capitalismo.»**[27] A guerra do nosso tempo decorre **«da própria natureza do imperialismo»**[28].

Desde que Brejnev está no poder, a camarilha dos renegados revisionistas soviéticos tem ido cada vez mais longe na via do militarismo. Retomando o princípio estratégico militar krucheviano de chantagem nuclear, ela desenvolve com grandes meios as armas mísseis-nucleares, ao mesmo tempo que intensifica a expansão do armamento convencional, reforça em todos os aspectos os exércitos de terra, mar e ar, e prossegue em escala mundial a «política da canhoneira» característica do imperialismo.

Relativamente à questão da guerra, Kruchev preconizou em termos hipócritas um mundo «sem armas, sem exércitos e sem guerras», para camuflar uma expansão do armamento e uma preparação da guerra que são de todo reais. Hoje, Brejnev e comparsas mudaram um tanto de tom. Empenham-se com todas as energias em atiçar o fanatismo guerreiro, pretendendo a plenos pulmões que a actual situação internacional «está prenhe do perigo duma nova guerra mundial»[29]; ameaçando abertamente, dizem que «se anteciparão ao adversário» e fanfarroneiam com os seus «foguetões estratégicos», «capazes de destruir qualquer objectivo, onde

---

[27] V.I. Lenine: «O Militarismo Belicista e as Tácticas Anti-Militaristas da Social-Democracia», *Obras Completas*, Tomo XV, pág. 166 da edição chinesa.

[28] V.I. Lenine: «O VIII Congresso do Partido Comunista (Bolchevique) Russo», *Obras Completas*, Tomo XXIX, pág. 168 da edição chinesa.

[29] *Utchitielskaya Gazeta*, jornal revisionista soviético, de 5 de Fevereiro de 1970.

quer que este se situe»[30]. Redobrando de frenesi, aumentam as despesas militares e intensificam a mobilização e os preparativos com vistas à guerra de agressão, no intuito sinistro de desencadearem uma guerra relâmpago de tipo hitleriano.

A camarilha dos renegados revisionistas soviéticos ocupou a Checoslováquia com um ataque de surpresa; fez incursões na ilha de Tchempao, na região de Tielieketi e outros territórios chineses e ameaça o nosso país com armas nucleares. Isso põe completamente a nu o carácter agressivo e aventureiro do social-imperialismo revisionista soviético. Tal como o imperialismo norte-americano, o punhado de oligarcas social-imperialistas, revisionistas soviéticos converteu-se noutro arqui-criminoso que se apresta para desencadear uma guerra mundial.

V. A PRETENSA «DOUTRINA BREJNEV» É UMA DOUTRINA DE HEGEMONIA PURA E SIMPLES

Para activar mais ainda a realização da sua política social-imperialista de agressão e expansão, a camarilha renegada Brejnev desenvolveu o revisionismo krucheviano e fabricou uma série de «teorias» fascistas conhecidas sob a designação de «doutrina Brejnev».

Vejamos pois o que é ao certo essa «doutrina Brejnev».

Primeiro, a teoria da «soberania limitada». Brejnev e comparsas pretendem que a defesa dos seus «interesses socialistas» é a defesa da

---

[30] Artigo de Grechko, ministro da Defesa Nacional do revisionismo soviético. Ver *Kommunist*, revista revisionista soviética, N.º 3, 1969.

«soberania suprema»[31]. Proclamam abertamente que o revisionismo soviético pode decidir dos destinos dos outros países, «incluindo-se os destinos das respectivas soberanias»[32].

Que «interesses socialistas»! Foram vocês e ninguém mais quem subverteu o regime socialista na União Soviética e aplicou a linha revisionista da restauração do capitalismo, em certos países da Europa Oriental e na República Popular da Mongólia. O que vocês chamam «interesses socialistas» são os interesses do social-imperialismo revisionista soviético, do colonialismo. Vocês impõem a «soberania suprema» dum suserano aos demais povos, o que significa que a soberania dos outros países é «limitada» enquanto que o vosso poder para dispor destes é «ilimitado». Por outras palavras, vocês têm o direito de dispor dos demais países e estes não têm o direito de levantar-se contra vocês; vocês têm o direito de desmembrar os demais países e estes não têm o direito de resistir-vos. Hitler rugia a plenos pulmões que tinha «direito de dominar os outros»[33]. Dulles e seus iguais apregoaram também que o conceito de soberania nacional «se tinha tornado caduco»[34] e se impunha substituir a «soberania de Estado» por uma «soberania conjunta»[35]. Por aí se vê como a teoria da «soberania limitada» preconizada por Brejnev não é mais que reedição dos desvarios dos imperialistas.

[31] *Vida Internacional*, revista revisionista soviética, N.º 11, 1968.

[32] *Krasnaya Zvezda*, jornal revisionista soviético, de 14 de Fevereiro de 1969.

[33] Ver *O Processo de Nuremberga*, Tomo II.

[34] Ver *Foreign Affairs*, revista trimestral norte-americana, Outubro de 1957.

[35] Jessup: *Direito Internacional Moderno*.

Segundo, a teoria da «ditadura internacional». Brejnev e comparsas proclamam que têm o direito de oferecer «ajuda militar a um país irmão para eliminar os perigos que ameacem o regime socialista»[36]; e acrescentam: «Lenine previu» que o desenvolvimento histórico conduziria à «transformação da ditadura do proletariado, de nacional em internacional, capaz de exercer uma influência decisiva sobre a totalidade da política mundial»[37].

Essa cáfila de renegados deformou completamente o pensamento de Lenine.

No seu artigo intitulado «Esboço Preliminar de Teses sobre a Questão Nacional e Colonial», Lenine falou da **«transformação da ditadura do proletariado, de nacional (quer dizer, existente em um país e incapaz de determinar uma política mundial) em internacional (quer dizer, a ditadura do proletariado de pelo menos alguns países avançados e capaz de exercer uma influência decisiva sobre a totalidade da política mundial)»**[38]. Ater-se ao internacionalismo proletário e obrar pela propaganda em favor da revolução mundial do proletariado, foi o que Lenine quis dizer aí. Ora, a camarilha dos renegados revisionistas soviéticos não hesitou em esvaziar essa passagem de Lenine do seu espírito revolucionário proletário e forjou, descaradamente, essa pretensa teoria da «ditadura internacional», à maneira de fundamento «teó-

[36] Intervenção de Brejnev no «V Congresso» do revisionismo polaco, 12 de Novembro de 1968.

[37] Relatório de Mazurov na «reunião comemorativa» da Revolução de Outubro, em Moscovo, 6 de Novembro de 1968.

[38] V.I. Lenine: «Esboço Preliminar de Teses sobre a Questão Nacional e Colonial», *Obras Escolhidas*, Tomo IV, pág. 292 da edição chinesa.

rico» para justificar a intervenção e a ocupação militares a que submete certos países da Europa Oriental e a República Popular da Mongólia. O que vocês chamam «ditadura internacional» é, muito simplesmente, dominação e subjugação dos demais países pelos novos czares. Pensarão porventura que o apelo ao pretexto da «ajuda a um país irmão» vos dá o direito de valer-se do vosso poderio militar para maltratar os demais países, ou de expedir como bem entendam os vossos exércitos para que ponham e disponham nos outros países? Arvorando a bandeira de «tropas aliadas», vocês invadiram a Checoslováquia. Haverá acaso nisso qualquer diferença em comparação com a invasão da China pelas forças coligadas de oito potências em 1900, com a intervenção armada por quatorze países na União Soviética e a agressão dos «dezasseis países», montada pelo imperialismo norte-americano, contra a Coreia?

Terceiro, a teoria da «comunidade socialista». Brejnev e comparsas apregoam que a «comunidade dos países socialistas é um todo indivisível»[39] e se torna necessário reforçar a «unidade de acção» da «comunidade socialista»[40].

Que «comunidade socialista»! Isso é pura e simplesmente baptizar com novo nome o império colonial de que vocês são a metrópole. As relações entre países socialistas autênticos, sejam grandes sejam pequenos, devem basear-se no Marxismo-Leninismo, nos princípios de igualdade total, respeito pela integridade territorial, respeito pela soberania e independência nacio-

[39] *Izvestia*, jornal revisionista soviético, de 2 de Julho de 1968.

[40] «Documento Principal», aprovado na reunião sinistra de Junho de 1969, em Moscovo.

nais, não ingerência recíproca nos assuntos internos e ainda nos princípios internacionalistas proletários de apoio recíproco e ajuda mútua. Ora, o que vocês fazem é espezinhar os demais países para reduzi-los a um estado de subordinação, de dependência. A «unidade» de que falam significa «unificar», sob vosso controlo, a política, a economia e os assuntos militares dos outros países. Com a expressão «indivisível» o que pretendeis é impedir os demais de escapar ao vosso controlo, ao vosso jugo. Acaso não será tudo isso tentar abertamente reduzir os outros povos à escravidão?

Quarto, a teoria da «divisão internacional do trabalho». Brejnev e comparsas desenvolveram consideravelmente essa noção absurda, gabada há já muito por Kruchev; não contentes com praticar a «divisão internacional do trabalho» em certos países da Europa Oriental e na República Popular da Mongólia, como afirmamos acima, eles estenderam-na a países da Ásia, África e América Latina. Dizem que não é senão através da «cooperação» com o revisionismo soviético que os países desses continentes ficarão capazes de «pôr de pé uma economia nacional independente»[41]; e, acrescentam, «para a União Soviética, essa cooperação abre igualmente possibilidades adicionais de amplo aproveitamento da superioridade da divisão internacional do trabalho. Nós poderemos comprar a esses países, em proporções cada vez maiores, os seus produtos tradicionais — algodão, lã, peles, concentrados minerais de metais não ferrosos, óleos vegetais, fruta, café, nozes de cacau,

[41] Intervenção de Brejnev, em 7 de Junho de 1969, na reunião sinistra de Moscovo.

chá, diversas matérias primas e também produtos acabados»[42].

Que belos «produtos tradicionais»!

Infelizmente essa lista de mercadorias não está completa; haveria que acrescentar-lhe o petróleo, o cautchu, a carne, os legumes, o arroz, a juta, o açúcar de cana, etc..

Aos olhos do punhado de oligarcas revisionistas soviéticos, os povos da Ásia, África e América Latina estão condenados pelo destino a fornecer-lhe, de geração em geração, os tais «produtos tradicionais». Que «teoria» será então essa? Há muito que os colonialistas e os imperialistas decretaram a necessidade de fixar as produções em função das condições naturais de cada país, obrigando os países da Ásia, África e América Latina a converter-se em fontes de matérias primas e a permanecer num estádio de atraso, para que os países capitalistas industriais possam efectivar a mais cómoda e mais cruel das explorações coloniais. A camarilha revisionista soviética herdou precisamente essa política colonial do imperialismo. A sua «divisão internacional do trabalho» é, no fundo, «URSS industrial, Ásia, África e América Latina agrícolas» ou então «URSS industrial, Ásia, África e América Latina oficinas auxiliares de transformação».

Baseadas nos princípios de igualdade e vantagens recíprocas, as trocas em função das necessidades de cada um e a ajuda mútua, entre os países socialistas autênticos e os países da Ásia, África e América Latina, têm por fim promover o desenvolvimento de economias nacionais independentes e autónomas nestes últimos, ao passo que a «divisão internacional do trabalho», preconizada pelo punhado de oligarcas revisionistas soviéticos, visa pura e simplesmente submeter os países da Ásia, África e América Latina a uma infiltração, controlo e pilhagem, visa ampliar a esfera de influência desse punhado e impor o novo jugo do colonialismo revisionista soviético aos referidos países.

Quinto, a teoria dita dos «interesses implicados». Brejnev e comparsas declaram ruidosamente: «A União Soviética que, como grande potência mundial, tem laços internacionais amplamente desenvolvidos, não pode permanecer passiva em face de acontecimentos que estão, talvez, geograficamente distantes mas que implicam com a nossa segurança e a dos nossos amigos.»[43] E afirmam com arrogância: «A frota soviética» há-de navegar «por toda a parte onde o exijam os interesses da segurança do nosso país»[44]!

Mas será admissível que um país, só porque é uma grande potência, situe os seus interesses em todas as regiões do globo e lance mãos expansionistas sobre o mundo inteiro? É admissível que se enviem para todo o lado canhoneiras no intuito de intimidar e agredir, só porque se tem amplos laços internacionais? A teoria dita dos «interesses implicados» é o argumento tipo de que se servem os imperialistas para justificar a sua política de agressão no mundo. «Em razão dos interesses da Rússia» era exactamente a bandeira arvorada pelos velhos czares sempre

---

[42] Relatório apresentado a 5 de Abril de 1966, por Kossyguine, no «XXIII Congresso» do revisionismo soviético.

[43] Relatório de Gromyko numa «Sessão do Soviete Supremo», 10 de Julho de 1969.

[44] Discurso de Gorchkov, comandante em chefe das forças navais do revisionismo soviético, por ocasião do Dia da Marinha da URSS, em 1969.

que passavam à expansão. Por seu turno, o imperialismo norte-americano clama a cada passo que os Estados Unidos assumem a responsabilidade «não só da sua própria segurança mas também da segurança de todas as nações livres» e devem «defender a liberdade por toda a parte onde se torne necessário»[45]. Como se assemelha o tom do revisionismo soviético ao dos velhos czares e ao do imperialismo norte-americano!

A camarilha dos renegados revisionistas soviéticos, cuja falência está de há muito consagrada nos planos ideológico, teórico e político, é absolutamente incapaz de produzir algo que valha; ela não conseguiu mais do que recolher um montão de velhos trapos imperialistas, aos quais se contentou com dar certos retoques, e apresenta-o como «doutrina Brejnev». A «doutrina Brejnev» é um imperialismo que tem colado um rótulo de «socialismo», é uma doutrina de hegemonia pura e simples, é neocolonialismo nu.

VI. O SONHO MIRABOLANTE DE GRANDE IMPÉRIO DO REVISIONISMO SOVIÉTICO

Denunciando a política de agressão da Rússia czarista, há cem anos Marx dizia: **«Os seus métodos, tácticas e meios podem mudar, mas o objectivo dessa política — a hegemonia mundial — nunca mudará.»**[46]

[45] Discursos de Johnson, ex-presidente dos Estados Unidos, 3 e 20 de Junho de 1964.

[46] K. Marx: «Discurso, num Comício Polaco, em Londres, 22 de Janeiro de 1867», *Obras Completas de Marx e Engels,* Tomo XVI, pág. 226 da edição chinesa.

O czar Nicolau I clamava com insolência: «Onde o pavilhão russo se iça nunca mais se arreia!»[47] Várias gerações de czares acariciaram também, como dizia Engels, esse belo sonho de fundar um imenso «império eslavo» que fosse do Elba à China, do Adriático ao oceano Glacial Árctico. Ambicionavam mesmo empurrar as fronteiras desse império sobre a Índia e o Havai. E para atingirem tal objectivo, mostravam-se **«tão pérfidos como talentosos»**[48].

Os novos czares revisionistas soviéticos herdaram todas as tradições expansionistas dos velhos czares, trazem no rosto a marca vincada da dinastia dos Romanov. Eles comprazem-se em reavivar esse sonho irrealizado dos velhos czares e nutrem ambições agressivas ainda bem maiores. Os revisionistas soviéticos transformaram certos países da Europa Oriental e a República Popular da Mongólia em suas colónias e dependências. Mais, sonham com maiores invasões do território chinês, copiando descaradamente a política chinesa dos velhos czares e clamando que a fronteira setentrional da China «marcava-se pela Grande Muralha»[49]. Estenderam as mãos para o Sudeste Asiático, Médio Oriente, África e mesmo América Latina, e lançam a sua frota pelo Mediterrâneo, oceano Índico, Pacífico e Atlântico, na esperança de estabelecerem o grande império do revisionismo soviético, a cavalo sobre a Europa, Ásia, África e América Latina.

[47] Nevielskoi: *Feitos de Oficiais da Marinha Russa no Extremo-Oriente Russo,* pág. 124.

[48] F. Engels: «Política Exterior do Czarismo Russo», *Obras Completas de Marx e Engels,* Tomo XXII, pág. 17 da edição chinesa.

[49] «Declaração do Governo da URSS», 13 de Junho de 1969.

Como uma bolha de sabão, o «império eslavo» dos velhos czares desfez-se há já muito tempo; a própria dominação czarista foi liquidada logo em 1917, pela Grande Revolução de Outubro dirigida por Lenine, e findou a tirania dos velhos czares. Hoje, na época em que o imperialismo corre para o colapso total, a tentativa dos novos czares de fundação dum império ainda maior que lhes afirme uma hegemonia no mundo não pode, igualmente, ser mais que um sonho mirabolante.

Estaline disse: **«Lenine chamava ao imperialismo "capitalismo agonizante". Por quê? Porque o imperialismo leva as contradições do capitalismo aos últimos limites, à derradeira fronteira para lá da qual começa a revolução.»**[50]

Tendo-se embrenhado pela senda do imperialismo, o revisionismo soviético encontra-se necessàriamente submetido às leis imperialistas e assaltado por todas as contradições inerentes ao imperialismo.

O camarada Mao Tsé-tung assinalou: **«Os Estados Unidos são um tigre de papel; não creiam nele, é possível traspassá-lo ao primeiro golpe. A União Soviética revisionista também é um tigre de papel.»**[51]

O social-imperialismo revisionista soviético, ao lançar-se freneticamente em agressões e expansão, marcha de modo inelutável para o contrário do objectivo desejado e prepara as condições da própria queda. O revisionismo será capaz de impor duradouramente uma do-
soviético considera os países da «comunidade socialista» como seu feudo, mas de modo nenhum

---

[50] J.V. Estaline: «Fundamentos do Leninismo», *Obras Completas*, Tomo VI, pág. 65 da edição chinesa.

[51] Afirmação do Presidente Mao, em conversa, em 30 de Janeiro de 1964.

minação colonial aos povos desses países e, muito menos, atenuar as contradições que o opõem a estes últimos. A Europa Oriental de hoje é um barril de pólvora que há-de tarde ou cedo estoirar. Longe de constituir uma prova de poderio do social-imperialismo revisionista soviético, a entrada dos tanques deste em Praga não faz mais que pressagiar o começo do desmoronamento do império colonial revisionista soviético. O social-imperialismo revisionista soviético está hoje com os pés tão enterrados no pântano checoslovaco que já não pode tirá-los dali.

Com a expansão e as pilhagens praticadas pelo revisionismo soviético nas regiões asiáticas, africanas e latino-americanas, este colocou-se numa posição contrária à dos respectivos povos. As suas empresas multiplicaram-se tanto que já lhe pesa sobre as costas uma carga enorme e traz o corpo inteiramente minado pela hidropisia. A própria imprensa do imperialismo norte-americano não pôde deixar de afirmar: «Demo-nos conta que eles [os russos] cometem erros tão graves ou piores que os nossos.»[52]

A entrada do social-imperialismo revisionista soviético nas filas do imperialismo mundial agudizou ainda mais as contradições entre imperialistas. Para ampliarem as respectivas esferas de influência, o social-imperialismo e o imperialismo travam um duelo encarniçado. Na situação em que se encontram de cerco múltiplo pelos povos do mundo inteiro, a luta entre o social-imperialismo e o imperialismo só pode acelerar o processo de desagregação do conjunto do sistema imperialista.

No próprio país, o social-imperialismo revisionista soviético assentou igualmente a sua

---

[52] *U.S. News and World Report*, 5 de Janeiro de 1970.

dominação sobre a boca dum vulcão. Durante a reacção de Stolypine, Lenine escreveu: a luta da classe operária russa **«pode ser que ande rapidamente, pode ser que ande lentamente», «mas em todos os casos andará no sentido da revolução»**[58]. Actualmente, acentuam-se dia a dia na União Soviética os conflitos e o antagonismo entre a burguesia monopolista burocrática de tipo novo, por um lado, e o proletariado, campesinato trabalhador e intelectuais revolucionários subjugados, por outro. A luta de classes desenvolve-se independentemente da vontade dos homens e provocará tarde ou cedo a revolução.

A União Soviética era, originariamente, uma união multinacional de Estados socialistas. Mas só em circunstâncias de socialismo e numa base de igualdade e livre consentimento tal união podia estabelecer-se, consolidar-se e desenvolver-se. Como Estaline sublinhou, a União Soviética **«tinha ante si as experiências infelizes de Estados multinacionais em países burgueses. Tinha ante si a experiência abortada da velha Áustria-Hungria.»** Não obstante, o Estado multinacional soviético podia **«suportar toda e qualquer prova»**, já que o regime socialista tinha estabelecido **«uma verdadeira colaboração fraternal entre os povos, sob o sistema de Estado federal único»**[54]. Actualmente, a camarilha dos renegados revisionistas soviéticos subverteu o regime socialista, impôs uma ditadura burguesa, substituiu a opressão nacional à igualdade nacional e a «lei da selva» da burguesia à ajuda mútua e amizade entre as diversas nacionalidades. Privada a união inicial das suas bases proletária e socialista, não irá então a imensa «união» multinacional, dominada por essa burguesia de tipo novo, correr o risco de desarticular-se um dia, como o império austro húngaro?

Para sair da situação desesperada, das dificuldades externas e internas, o social-imperialismo revisionista soviético, à semelhança do imperialismo norte-americano, recorre freneticamente à chantagem, brandindo mísseis-nucleares, e volta-se para a aventura militar e para o desencadeamento da guerra de agressão de grande envergadura. Mas poderá a guerra arrancar o imperialismo e o social-imperialismo desse beco sem saída? Não, muito pelo contrário. A história provou de modo incontestável que, ao fazer apelo à guerra, o imperialismo, longe de escapar ao seu fatal destino, não faz senão acelerar a própria ruína.

O Presidente Mao assinalou que, **«quanto ao problema da guerra mundial, não há senão duas possibilidades: uma é a guerra provocar a revolução e outra, a revolução prevenir a guerra»**[55].

O Presidente Mao indicou ainda: **«Povos de todo o mundo, uni-vos e combatei a guerra de agressão desencadeada por qualquer imperialismo ou pelo social-imperialismo, em particular a guerra de agressão com a bomba atómica como arma! Povos do mundo, se tal guerra estoira, há que liquidar a guerra de agressão**

---

[58] V.I. Lenine: «Começo de Manifestações», *Obras Completas,* Tomo XVI, pág. 357 da edição chinesa.

[54] J.V. Estaline: «Sobre o Projecto de Constituição da URSS», *Questões do Leninismo,* págs. 649-650 da edição chinesa, Edições do Povo, 1964.

[55] No «Informe ao IX Congresso Nacional do Partido Comunista da China», apresentado pelo camarada Lin Piao.

com a guerra revolucionária, pelo que devem desde já fazer-se os preparativos!»[56]

Ao formular essa grande directiva em função da situação internacional actual, o Presidente Mao indicou ao proletariado e aos povos revolucionários do mundo inteiro a orientação a seguir na luta. Todos os povos do mundo devem manter alta a vigilância e fazer todos os preparativos para estar permanentemente aptos a infligir uma resposta resoluta e fulminante ao agressor que ousar desencadear a guerra!

Nestes últimos anos, a camarilha dos renegados revisionistas soviéticos, retomando os costumeiros ardis dos velhos czares, suscitou e sustentou, mais ou menos abertamente, um novo «movimento pan-eslavista», proclamando um pretenso «carácter sagrado do espírito nacional russo», no intuito de envenenar as massas trabalhadoras e as jovens gerações soviéticas com essa corrente de ideias reaccionárias e manobrar o povo soviético para que sirva de instrumento à política de agressão e de guerra praticada pelo punhado de oligarcas revisionistas soviéticos. Queremos sinceramente pôr em guarda o povo soviético irmão de modo que em nenhuma circunstância se deixe cair na armadilha do «pan-eslavismo».

O que é o «pan-eslavismo»?

Desmascarando os velhos czares, Marx e Engels assinalaram de modo penetrante que **«o pan-eslavismo é uma invenção do gabinete de Sampetersburgo»**[57]; Engels sublinhou que os velhos czares se serviam desse malabarismo para preparar a guerra, **«última tábua de salvação do czarismo e da reacção russa»**. Assim, **«o pan-eslavismo é o nosso mais feroz inimigo tanto como o dos russos»**[58].

Tal como a «superioridade ariana» de Hitler, o «pan-eslavismo» dos novos czares revisionistas soviéticos é um racismo ultra-reaccionário. As concepções reaccionárias que propagam servem exclusivamente o expansionismo desse punhado de governantes reaccionários pertencentes à tal «raça superior», enquanto que para as grandes massas populares não podem significar mais que uma grande catástrofe.

Lenine fez notar: **«A opressão dos "alógenos" é uma arma de dois gumes. Por um lado fere o "alógeno" e, por outro, o povo russo.»**[59] É exactamente por trás da cortina de fumo do «pan-eslavismo» que o punhado de oligarcas revisionistas soviéticos conspira agora activamente no sentido duma guerra de agressão, ao mesmo tempo que redobra os seus ataques contra as populações soviéticas, incluída a própria nacionalidade russa.

Os interesses do proletariado e das grandes massas populares da União Soviética são exactamente o contrário dos dos novos czares revisio-

---

56 «Lancemo-nos nos Grandes Anos 70», Editorial de Ano Novo de 1970, do *Renmin Ribao*, da Revista *Hongqi* e do *Jiefangjun Bao*, publicado no *Renmin Ribao* de 1 de Janeiro de 1970.

57 K. Marx e F. Engels: «Aliança de Democracia Socialista e Associação Internacional dos Operários», *Obras Completas de Marx e Engels*, Tomo XVIII, pág. 492 da edição chinesa.

58 Carta de F. Engels a K. Kautsky, 7 de Fevereiro de 1882, *K. Marx e F. Engels sobre a Arte*, Tomo III, pág. 361 da edição chinesa, Edições da Literatura Popular, 1963.

59 V.I. Lenine: «Igualdade das Nações», *Obras Completas*, Tomo XX, pág. 233 da edição chinesa.

nistas soviéticos, são os mesmos que os dos povos revolucionários do mundo inteiro. Se esses novos czares desencadeiam uma guerra de agressão de grande envergadura, o proletariado e o povo revolucionário da União Soviética, conformando-se ao princípio de Lenine relativamente à guerra de agressão imperialista, em caso nenhum aceitarão servir de carne para canhão na guerra injusta feita pelo social-imperialismo revisionista soviético. Eles prosseguirão a causa dos heróicos filhos da Grande Revolução de Outubro e lutarão para derrubar os novos czares e instaurar outra vez a ditadura do proletariado.

Adulando a czarina Catarina II pelos «benefícios de guerra» que esta se assegurara por meio de agressões, um poeta russo escreveu, já lá vão duzentos anos: «Avança — é tua a Terra inteira.»[60] Os novos czares revisionistas soviéticos montaram agora o cavalo dos velhos czares e já «avançam». Confundidos, galopam a oeste e logo a leste, incapazes de enfrear, inteiramente esquecidos de que foi desse mesmo cavalo que tombaram os seus antepassados, abatendo-se o império russo da dinastia dos Romanov. De maneira nenhuma a sorte dos novos czares será melhor que a dos velhos czares; hão-de cair inevitavelmente do cavalo, esmagando-se contra o solo.

[60] G. R. Dierjavine: «A Conquista de Varsóvia».

VII. QUE OS POVOS DO MUNDO INTEIRO SE UNAM E LUTEM PARA ABATER O IMPERIALISMO NORTE-AMERICANO, O REVISIONISMO SOVIÉTICO E TODA A REACÇÃO

O camarada Mao Tsé-tung assinalou: **«A União Soviética foi o primeiro Estado socialista, o Partido Comunista da União Soviética é o Partido criado por Lenine. Embora a direcção do Partido e do Estado da URSS esteja agora usurpada pelos revisionistas, aconselho os camaradas a confiarem firmemente em que as grandes massas populares, as grandes massas de membros do Partido e de quadros da URSS são boas, querem a revolução; a dominação revisionista não durará muito.»**[61]

O povo chinês nutre sentimentos profundos em relação ao povo soviético. Ao longo da Grande Revolução de Outubro dirigida por Lenine, os trabalhadores chineses que se encontravam então na Rússia lutaram ombro a ombro junto do proletariado russo. No decorrer de longas lutas revolucionárias, os nossos dois povos apoiaram-se e ajudaram-se mutuamente, forjando apertados laços de amizade. O punhado de oligarcas revisionistas soviéticos empenha-se com histeria em semear a discórdia entre os povos chinês e soviético e em sabotar-lhes as relações; mas, em última análise, com isso ele não faz mais que levantar uma pedra para deixá-la cair depois sobre os próprios pés.

Educado por Lenine e Estaline, o povo soviético é um grande povo, rico de gloriosas

[61] Intervenção do Presidente Mao na Reunião Ampliada de Trabalho do Comité Central do Partido Comunista da China, 30 de Janeiro de 1962.

tradições revolucionárias, em circunstância nenhuma admitirá que os novos czares lhe cavalguem por muito tempo as costas. As conquistas da Revolução de Outubro foram reduzidas a nada pelos renegados revisionistas soviéticos, mas os princípios dessa revolução permanecem imortais. Sob a grande bandeira do Leninismo, a corrente impetuosa da revolução popular quebrará de certeza a carapaça de gelo da dominação revisionista e a Primavera do socialismo voltará seguramente à terra soviética!

O camarada Mao Tsé-tung assinalou: «**Numa palavra, tanto na China como nos demais países do mundo, mais de noventa por cento da população acabará por apoiar o Marxismo-Leninismo. No mundo há, neste momento, um grande número de pessoas que, enganadas pela social-democracia, revisionismo, imperialismo e toda a reacção, ainda não ganharam consciência. Mas hão-de por fim ganhar gradualmente consciência e apoiar o Marxismo-Leninismo. Essa verdade que é o Marxismo-Leninismo é irresistível. As massas populares acabarão por decidir-se pela revolução. A revolução mundial há-de inevitavelmente triunfar.**»[62]

Ao comemorarmos o centésimo aniversário do nascimento do grande Lenine, felicitamo-nos por ver que, guiada pelo Marxismo-Leninismo-Pensamento Mao Tsé-tung, a causa revolucionária do proletariado mundial avança de vitória em vitória. As forças marxistas-leninistas autênticas crescem e rebustecem-se dia a dia em todo o mundo. A luta libertadora das nações e povos oprimidos desenvolve-se impetuosamente. Os países e os povos, vítimas de agressão, con-

[62] Intervenção do Presidente Mao na Reunião Ampliada de Trabalho do Comité Central do Partido Comunista da China, 30 de Janeiro de 1962.

trolo, ingerências e vexames por parte do imperialismo norte-americano e do revisionismo soviético, estão a constituir-se numa frente única mais ampla. Um novo período histórico começou já de luta contra o imperialismo norte-americano e o revisionismo soviético. O toque a finados pelo imperialismo e pelo social-imperialismo já soou.

Invencível, o Marxismo-Leninismo-Pensamento Mao Tsé-tung é a arma possante que permite ao proletariado conhecer o mundo e transformá-lo, uma arma poderosa para fazer progredir a história. Uma vez combinado com as massas revolucionárias que se cifram por centenas de milhões e com a prática concreta da revolução dos povos de todos os países, o Marxismo-Leninismo-Pensamento Mao Tsé-tung desenvolverá uma força revolucionária de poder inesgotável que fará em pedaços todo o mundo velho!

Viva o grande Marxismo!

Viva o grande Leninismo!

Viva o grande Pensamento Mao Tsé-tung!

Apologistas do neocolonialismo

Diário do Povo / Bandeira Vermelha

Pelas redacções do «*Diário do Povo*» e da revista «*Bandeira Vermelha*», 22 de Outubro de 1963.

Após a Segunda Guerra Mundial, uma grande tempestade revolucionária se desencadeou na Ásia, na África e na América Latina. Mais de cinquenta países da Ásia e da África proclamaram a sua independência. A China, o Vietname, a Coreia e Cuba tomaram o caminho do socialismo. A fisionomia da Ásia, da África e da América Latina passou por tremendas mudanças.

Se, depois da Primeira Guerra Mundial, a revolução nas colónias e nas semi-colónias sofreu sérios reveses, devido à repressão do imperialismo e dos seus lacaios, a situação posterior à Segunda Guerra Mundial é radicalmente diversa. Os imperialistas já não podem apagar as chamas do movimento de libertação nacional. O velho sistema colonial do imperialismo desintegra-se com rapidez. As rectaguardas do imperialismo transformaram-se em frentes de combate, onde se travam renhidas lutas anti-imperialistas. Em alguns países coloniais e dependentes, a dominação imperialista foi derrubada e em outros recebeu duros golpes ou está a ponto de ruir. Inevitavelmente, isto debilitou e abalou o domínio do imperialismo nos seus próprios países.

Juntamente com o estabelecimento do campo socialista, a vitória das revoluções populares da Ásia, da África e da América Latina ressoa como o hino triunfal da nossa época.

A tempestade da revolução popular da Ásia, da África e da América Latina exige que todas as forças políticas do mundo contemporâneo tomem uma atitude. Perante esta grande tempestade revolucionária, os imperialistas e colonialistas tremem de medo, enquanto as massas revolucionárias se regozijam. Os primeiros dizem: «Isto é terrível! terrível!» e os últimos exclamam: «Muito bem! muito bem!». Os primeiros dizem: «Isto é insurreição; isto é inadmissível», e os últimos exclamam: «Isto é a revolução, um direito dos povos, uma corrente histórica que ninguém pode deter!».

A atitude perante este problema — o mais agudo da política mundial contemporânea — constitui uma importante linha de demarcação entre os marxistas-leninistas e os revisionistas contemporâneos. Os marxistas-leninistas colocam-se decididamente ao lado das nações oprimidas e apoiam activamente o movimento de libertação nacional. Os revisionistas contemporâneos, na realidade, colocam-se do lado do imperialismo e do colonialismo, negam e combatem por todos os meios este movimento.

Em palavras, a direcção do PCUS não se atreve ainda a abandonar inteiramente a máscara de apoio ao movimento de libertação nacional; por vezes, atendendo aos seus próprios interesses, adopta inclusive certas medidas para salvar as aparências. Mas, se examinarmos o aspecto principal deste assunto e uma série de argumentos que preconiza e uma série de políticas que aplica há anos, podemos ver que a direcção do PCUS adopta uma atitude passiva, desdenhosa e negativa perante a luta das nações oprimidas da Ásia, da África e da América Latina pela libertação nacional e porta-se como apologista do neocolonialismo.

Na carta aberta de 14 de Julho do CC do PCUS e em numerosos artigos e discursos, os camaradas do PCUS empregam não poucos esforços para defender os seus pontos de vista incorrectos e atacam o PCC a propósito do problema do movimento de libertação nacional. Mas tudo isto não serve senão para confirmar ainda mais a posição contrária ao marxismo-leninismo e à revolução adoptada pela direcção do PCUS a respeito deste problema.

Examinemos agora a «teoria» e a prática da direcção do PCUS com relação ao problema do movimento de libertação nacional.

ABANDONO DA TAREFA DE COMBATER O IMPERIALISMO E O COLONIALISMO

O movimento de libertação nacional da Ásia, da África e da América Latina conquistou grandes triunfos de importância histórica. Isto ninguém pode negar. Mas pode alguém asseverar que a tarefa de combater o imperialismo, o colonialismo e seus agentes já foi cumprida pelos povos da Ásia, da África e da América Latina?

A nossa resposta é *não*. Esta tarefa está ainda longe de ter sido cumprida.

Entretanto, a direcção do PCUS difunde frequentemente a afirmação de que o colonialismo desapareceu ou está a ponto de desaparecer do mundo actual. Destacam que «cinquenta milhões de seres humanos ainda sofrem sob o domínio colonial», que só restam algumas sobrevivências do sistema colonialista em territórios como Angola e Moçambique, sob o domínio português, na África, e que a liquidação do colonialismo entrou na sua «fase final».

Qual é a realidade?

proclamou a sua independência. Entretanto, muitos deles ainda não se desembaraçaram inteiramente do controlo e da escravidão imperialistas e colonialistas e continuam a ser objecto da pilhagem e da agressão imperialistas e palco da luta entre os colonialistas e neocolonialistas. Em alguns desses países, os colonialistas transformaram-se, de repente, em neocolonialistas e, através de agentes por eles preparados, continuam a manter o seu domínio colonial. Noutros, enquanto o lobo saía pela porta da frente, o tigre entrava pela porta das traseiras; o colonialismo foi substituído pelo neocolonialismo mais poderoso e mais perigoso — o colonialismo norte-americano. Os povos da Ásia e da África estão seriamente ameaçados pelos tentáculos do neocolonialismo, representando pelo imperialismo norte-americano.

Escutemos a voz dos povos latino-americanos.

A II Declaração de Havana diz: «Hoje, a América Latina jaz sob um imperialismo mais feroz, muito mais poderoso e mais cruel que o império colonial espanhol».

E acrescenta: «Desde que terminou a Segunda Guerra Mundial, as inversões norte-americanas ultrapassam dez biliões de dólares. A América Latina é, além disso, fornecedora de matérias-primas baratas e compradora de artigos manufacturados caros... da América Latina flui para os Estados Unidos uma torrente contínua de dinheiro: uns quatro mil dólares por minuto, cinco milhões por dia, dois biliões por ano, dez biliões em cada cinco anos. Por cada mil dólares que escapam, fica-nos um morto. Mil dólares por morto — eis o preço do que se chama imperialismo!».

Comecemos por examinar a situação da Ásia e da África. Uma série de países destas regiões

Os factos são bem claros. Depois da Segunda Guerra Mundial, os imperialistas não renunciaram de modo algum ao colonialismo mas adoptaram uma nova forma — a do neocolonialismo. Uma das importantes características do neocolonialismo reside em que o imperialismo se viu obrigado a alterar a sua velha forma de denominação colonial directa e adoptar uma nova forma — a de dominação e exploração colonialista, através de agentes por eles escolhidos e preparados. Através da organização de blocos militares, do estabelecimento de bases militares ou da formação de «federações» e «comunidades», o imperialismo, encabeçado pelos E.U.A., sustenta os regimes fantoches e submete a seu controlo e escravidão os países coloniais e os que já proclamaram a sua independência. Com a «ajuda» económica e outros meios, continua a fazer desses países um mercado para as suas mercadorias, fontes de matérias-primas, áreas de exportação de capitais, saqueando as suas riquezas e sugando o sangue dos seus povos. Além disso, serve-se da ONU como importante instrumento para intervir nos assuntos internos desses países e contra eles perpetrar agressões militares, económicas e culturais. Onde não pode manter a sua dominação por meios «pacíficos», trama golpes militares de Estado, desenvolve actividades subversivas e, inclusive, recorre à intervenção e à agressão armadas directas.

Os E.U.A. são os mais activos e sagazes na promoção do neocolonialismo. Valendo-se do neocolonialismo como arma, o imperialismo norte-americano trata por todos os meios de apoderar-se das colónias e das esferas de influência de outros países imperialistas, a fim de conseguir o domínio mundial.

Esse neocolonialismo é a expressão mais perniciosa e sinistra do colonialismo.

Desejaríamos perguntar à direcção do PCUS: Em tais circunstâncias, como pode afirmar que a liquidação do colonialismo entrou na sua «fase final»?

A fim de sustentar os seus embustes, a direcção do PCUS tem o desplante de recorrer à Declaração de Moscovo de 1960. Eles perguntam: Não fala a Declaração na rápida desagregação do sistema colonial? Mas a tese apontada na Declaração, segundo a qual o velho sistema colonial se desagrega rapidamente, em nada ajuda o argumento difundido pela direcção do PCUS sobre a extinção do colonialismo. A Declaração de Moscovo assinala com toda a clareza que «o baluarte principal do colonialismo contemporâneo são os E.U.A.», que «os imperialistas, encabeçados pelos E.U.A., se empenham desesperadamente em preservar, sob novos métodos e novas formas, a exploração colonial dos povos das antigas colónias» e que «tratam de continuar empunhando as alavancas do controlo económico e da influência política nos países da Ásia, da África e da América Latina.». Com estas palavras, a Declaração de Moscovo de 1960 desmascara exactamente o que a direcção do PCUS tenta dissimular.

A direcção do PCUS inventou, além disso, uma «teoria» segundo a qual o movimento de libertação nacional entrou numa «nova etapa» em que a tarefa económica é a principal. Consideram que «antes a luta se desenvolvia principalmente na esfera política» e que, agora, o problema económico tornou-se «a tarefa principal», o «elo fundamental do desenvolvimento ainda maior da revolução».

O movimento de libertação nacional entrou numa nova etapa mas esta não é, de forma alguma, a «nova etapa» de que fala a direcção do PCUS. Nesta nova etapa, observa-se um despertar nunca visto dos povos da Ásia, da África e da América Latina e um ascenso sem precedentes do movimento revolucionário destes povos, que exigem ansiosamente a liquidação total das forças do imperialismo e dos seus lacaios nos seus países e a conquista de uma definitiva independência política e económica. A tarefa primordial e mais premente destes países continua a ser desfechar ainda mais vigorosamente a luta contra o imperialismo, contra o colonialismo, o neocolonialismo e seus lacaios. Esta luta prossegue encarniçada nos terrenos político, económico, militar, cultural, ideológico, etc.. As lutas que se desencadeiam nos diferentes terrenos ainda têm a sua expressão concentrada na luta política, que, com frequência e inevitavelmente, se transforma em luta armada quando os imperialistas recorrem à repressão armada directa ou indirecta. Nos países recém-independentes, é importante o desenvolvimento de uma economia nacional independente mas esta tarefa jamais pode afastar-se da luta contra o imperialismo, contra o colonialismo, o neocolonialismo e seus lacaios.

Esta teoria da «nova etapa» advogada pela direcção do PCUS, da mesma forma que a teoria da «extinção do colonialismo» por ela difundida, está evidentemente destinada a pintar de cor-de-rosa a agressão e a pilhagem da Ásia, da África e da América Latina pelo neocolonialismo, representado pelos E.U.A., a encobrir as agudas contradições existentes entre o imperialismo e as nações oprimidas e a paralisar a luta revo-

lucionária dos povos da Ásia, da África e da América Latina.

Segundo esta «teoria», a direcção do PCUS, naturalmente, deixou de ser necessária a luta contra o imperialismo, o colonialismo, o neocolonialismo e seus lacaios, já que o colonialismo está a ponto de desaparecer e a tarefa central do movimento de libertação nacional consiste actualmente em desenvolver a economia. Deste modo, não fica inteiramente abolida a tarefa do movimento de libertação nacional? Assim, a «nova etapa» de que fala a direcção do PCUS, tendo por centro as tarefas económicas, evidentemente não passa de uma etapa da qual se aboliu o combate ao imperialismo, ao colonialismo, ao neocolonialismo e seus lacaios, da qual se aboliu o movimento de libertação nacional.

RECEITAS PARA LIQUIDAR A REVOLUÇÃO DAS NAÇÕES OPRIMIDAS

Com base na sua errada «teoria», os dirigentes do PCUS elaboraram meticulosamente uma série de receitas para curar todos os males das nações oprimidas. Examinemo-las.

A primeira receita intitula-se *coexistência pacífica e emulação pacífica.*

Constantemente, os dirigentes do PCUS atribuem as grnades vitórias do movimento de libertação nacional, conseguidas pelos povos da Ásia, da África e da América Latina no após guerra, ao que eles denominam «coexistência pacífica» e «emulação pacífica». A carta aberta do CC do PCUS afirma: «Graças à coexistência pacífica, conseguiram-se nos últimos anos novas

e importantes vitórias na luta de classes do proletariado e no combate dos povos pela independência nacional, desenvolvendo-se com êxito o processo revolucionário mundial».

Eles dizem frequentemente também que o movimento de libertação nacional «se desenvolve graças à coexistência pacífica entre Estados de sistema social diferente e graças à emulação económica entre os dois sistemas sociais opostos» e que a coexistência e a emulação pacíficas «contribuem para o desenvolvimento do processo de libertação dos povos sob domínio económico dos monopólios estrangeiros» e podem assestar um «golpe demolidor» em «todo o sistema de relações capitalistas».

Os países socialistas devem adoptar a política leninista de coexistência pacífica entre países de sistema social diferente. Porém, a coexistência pacífica e a emulação pacífica não podem, em absoluto, substituir a luta revolucionária das massas populares dos diferentes países. É principalmente às próprias massas populares de cada país colonial ou dependente que compete conquistar a vitória da revolução nacional através da luta revolucionária. Nenhum outro país pode substituí-las.

Na opinião da direcção do PCUS, as vitórias da revolução de libertação nacional não se devem principalmente à luta revolucionária das próprias massas populares e estas não podem emancipar-se a si mesmas; em sua opinião, elas devem esperar pelo colapso natural do imperialismo na coexistência e na emulação pacíficas. Isto, na realidade, equivale a exigir que as nações oprimidas tolerem para sempre a pilhagem e o jugo do imperialismo e não oponham resistência nem façam a revolução.

A segunda receita intitula-se *ajuda aos países atrasados.*

Os dirigentes do PCUS gabam-se do papel que desempenha a sua ajuda económica aos países recém-independentes. O camarada Kruchev disse que esta ajuda pode «evitar a nova escravidão» destes países, «estimular o seu progresso, contribuir para a marcha normal e até para a aceleração dos processos internos que podem levar esses países ao caminho real do desenvolvimento social que conduz ao socialismo».

É necessário e de grande importância que os países socialistas prestem ajuda económica aos países recém-independentes, conforme o princípio do internacionalimo. Porém, de forma alguma, se pode dizer que a independência nacional e a transformação social desses países não se deva principalmente à luta revolucionária do seu próprio povo mas exclusivamente à ajuda económica dos países socialistas.

E, ainda mais, a política que adopta e o objectivo que persegue a direcção do PCUS na ajuda prestada nos últimos anos aos países recém-independentes, para dizer com franqueza, inspiram suspeita. Ao ajudar esses países, ela tem adoptado frequentemente uma atitude de chauvinismo de grande potência e de egoísmo nacional, em prejuízo dos interesses económicos e políticos desses países, desacreditando com isso os países socialistas. Quanto à sua ajuda à Índia, é ainda mais evidente que visam objectivos inconfessáveis. A Índia encabeça a lista dos países recém-independentes aos quais a URSS presta ajuda. Evidentemente, esta ajuda serve para estimular o Governo de Nehru na sua política anti-comunista, anti-popular e contrária aos países socialistas. Até os imperialistas norte-americanos declaram que esta ajuda soviética «atende muito bem aos nossos interesses».

Além disso, a direcção do PCUS pronuncia-se abertamente pela cooperação com o imperialismo norte-americano a fim de «ajudar os países atrasados». Em discurso pronunciado em Setembro de 1959 nos Estados Unidos, Kruchev afirmou: «Os nossos êxitos económicos, e os vossos, serão saudados por todo o mundo, que espera que as nossas duas grandes potências ajudem a pôr de pé mais rapidamente os povos que ficaram vários séculos atrasados no seu desenvolvimento económico».

Vejam: o principal baluarte do colonialismo contemporâneo ajudando inclusive a «pôr de pé mais rapidamente» as nações oprimidas! É verdadeiramente surpreendente que os dirigentes do PCUS tenham chegado a oferecer-se como parceiros dos neocolonialistas e se mostrem orgulhosos disso.

A terceira receita intitula-se *desarmamento.*

Kruchev diz: «O desarmamento significa o o desarmamento das forças da guerra, a liquidação do militarismo, a exclusão da intervenção armada nos assuntos internos de qualquer país e a liquidação total e definitiva de todas as formas de colonialismo».

Disse ainda: «O desarmamento criaria as condições necessárias para ampliar enormemente a ajuda aos Estados nacionais recém-nascidos. Se da soma total dos gastos militares do mundo, que ascendem a 120 biliões de dólares, se destinasse para este fim mesmo que fosse de 8 a 10%, poder-se-ia acabar em 20 anos com a fome, com as enfermidades e o analfabetismo nas regiões pobres do globo terrestre».

Para desmascarar e contrariar a expansão armamentista e os preparativos bélicos do imperialismo, sempre fomos partidários da luta pelo desarmamento geral. Porém, não se pode dizer, de maneira nenhuma, que o colonialismo será liquidado através do desarmamento.

Aqui, Kruchev porta-se perfeitamente como o sacerdote que prega: «Bem-aventurados os que sofrem torturas e sofrimentos em todo o mundo! Tenham paciência!». Esperai que os imperialistas deponham as armas, e a liberdade descerá sobre vós. Esperai que os imperialistas se tornem misericordiosos; então, as regiões atingidas pela miséria transformar-se-ão num paraíso em que correrá em abundância leite e mel...

Isto não só é uma ilusão como também um ópio para entorpecer o povo.

A quarta receita intitula-se *eliminação do colonialismo através da ONU.*

Kruchev sustenta que se a ONU tomasse medidas para extirpar definitivamente o regime colonialista, «os povos dos países que hoje sofrem a humilhação ocasionada pelo domínio de países estrangeiros veriam a clara e imediata perspectiva da libertação pacífica do jugo estrangeiro».

No seu discurso perante a Assembleia Geral da ONU, em Setembro de 1960, Kruchev perguntou: «Quem vai liquidar o regime colonial de administração senão a ONU?».

Esta é, sinceramente, uma pergunta bastante estranha. Segundo Kruchev, as massas revolucionárias da Ásia, da África e da América Latina não devem nem podem eliminar o colonialismo; para eliminá-lo só se deve contar com a ONU.

Nessa Assembleia Geral da ONU, Kruchev disse também: «Dirigimo-nos à razão e à perspicácia dos povos dos países ocidentais, aos seus governos e aos seus delegados presentes nesta suprema conferência da ONU. Acertemos os passos destinados à liquidação do regime colonial de administração, acelerando com isso esse processo histórico natural». Como se vê, quando Kruchev fala em contar com a ajuda da ONU, quer dizer contar com a ajuda do imperialismo. Os factos demonstram que a ONU, que continua nas mãos do imperialismo, só pode defender e reforçar o domínio colonialista, não pode liquidar nenhuma variante do colonialismo.

Em suma, as receitas prescritas pela direcção do PCUS para o movimento de libertação nacional destinam-se a fazer crer que o imperialismo renunciará ao colonialismo e outorgará como uma dádiva a liberdade e a libertação às nações e povos oprimidos e, consequentemente, que todas as teorias, posições e lutas revolucionárias são antiquadas, desnecessárias e, obrigatoriamente, devem ser abandonadas.

CONTRA AS GUERRAS DE LIBERTAÇÃO NACIONAL

Ainda que fale em apoiar o movimento e as guerras de libertação nacional, a direcção do PCUS tenta por todos os meios fazer com que os povos da Ásia, da África e da América Latina abandonem a luta revolucionária, porque, na realidade, treme de medo perante a tempestade revolucionária.

A direcção do PCUS sustenta uma famosa «teoria» segundo a qual «uma pequena faísca pode provocar uma conflagração mundial» e esta

seria necessariamente uma guerra termonuclear e a aniquilação da humanidade. Por isso, Kruchev berra a plenos pulmões: as «guerras locais, actualmente, são uma coisa muito perigosa» e «trabalhemos afincadamente para apagar as faíscas que possam acender o fogo da guerra». Aqui, sem fazer nenhuma distinção entre as guerras justas e as injustas, Kruchev afasta-se da posição comunista de apoio às guerras justas.

A história dos dezoito anos posteriores à Segunda Guerra Mundial demonstra que as guerras de libertação nacional serão inevitáveis enquanto os imperialistas e seus lacaios mantiverem o seu domínio brutal à força de baionetas e levarem a cabo a repressão armada contra a revolução das nações oprimidas. As incessantes guerras revolucionárias, grandes ou pequenas, contra os imperialistas e seus lacaios assestam golpes às forças bélicas do imperialismo, reforçam as forças defensoras da paz mundial e impedem energicamente a materialização do plano imperialista de desencadear uma guerra mundial. Ao promover tamanha gritaria sobre a necessidade de «apagar» as faíscas da revolução em benefício da paz, Kruchev, para falar com franqueza, opõe-se à revolução, argumentando a defesa da paz.

Partindo destes pontos de vista incorrectos e das descabidas políticas acima mencionadas, a direcção do PCUS não só exige que todas as nações oprimidas abandonem a luta revolucionária pela libertação e «coexistam pacificamente» com o imperialismo e o colonialismo, como, além disso, se coloca do lado do imperialismo e recorre a todos os meios para apagar as faíscas da revolução na Ásia, na África e na América Latina. Tomemos como exemplo a guerra de libertação nacional do povo argelino. A direcção do PCUS

não só deixou de apoiá-la durante longo tempo como também se colocou do lado do imperialismo francês. Kruchev considerava a questão da independência nacional da Argélia um «assunto interno» da França. Ao falar do problema da Argélia, a 3 de Outubro de 1955, Kruchev afirmou: «O que tinha e tenho em conta é, antes de mais nada, que a URSS não se imiscui nos assuntos internos dos outros Estados». Em entrevista concedida a 19 de Março de 1958 a um correspondente do jornal francês *le Figaro* disse também: «Não queremos que a França se debilite mas que fortaleça a sua grandeza».

A fim de conciliar-se com o imperialismo francês, a direcção do PCUS não se atreveu, durante longo tempo, a reconhecer o Governo Provisório da República Argelina e só se apressou a manifestar-lhe o seu reconhecimento quando a vitória da guerra de resistência do povo argelino contra o imperialismo francês já era coisa certa e a França se via obrigada a admitir a independência da Argélia. A sua indecorosa atitude desonrou os países socialistas. Entretanto, fazendo propaganda do seu procedimento ignóbil, a direcção do PCUS afirma que a vitória conquistada pelo povo argelino, à custa de sangue e sacrifício, também deve ser creditada em favor da sua política de «coexistência pacífica».

Vejamos agora o papel que desempenhou a direcção do PCUS no problema do Congo. Em lugar de apoiar com energia a luta armada do povo congolês contra o colonialismo, precipitou-se a apagar a faísca do Congo, em «colaboração» com o imperialismo norte-americano.

Em 13 de Julho de 1960, a URRS, juntamente com os E.U.A., votava a favor da resolução do Conselho de Segurança de enviar tropas da ONU

ao Congo, ajudando assim o imperialismo norte-americano a utilizar a bandeira da ONU para levar a cabo uma intervenção armada no Congo. Além disso, a URSS proporcionou meios de transporte às tropas da ONU. No seu telegrama de 15 de Julho, dirigido a Kasavubu e Lumumba, Kruchev dizia: «O Conselho de Segurança da ONU adoptou uma providência útil». Em seguida, a imprensa soviética passou a elogiar incessantemente a ONU por «ajudar o Governo da República do Congo a defender a independência e a soberania do país», e manifestava a esperança de que a ONU «adoptasse medidas resolutas». Nas suas declarações de 21 de Agosto e 10 de Setembro, o Governo soviético ainda prodigalizava elogios à ONU, que continuava a reprimir o povo congolês.

Em 1961, a direcção do PCUS persuadiu Gizenga a participar no Parlamento congolês, convocado sob a «tutela» das tropas da ONU, e a integrar o governo fantoche. Naquele tempo, chegaram até a afirmar falaciosamente que a convocação do Parlamento congolês constituía um «grande acontecimento na vida da jovem República» e um «triunfo das forças nacionais».

Os acontecimentos evidenciam que esta política descabida da direcção do PCUS ajudou enormemente o imperialismo norte-americano na sua agressão ao Congo. Lumumba foi assassinado, Gizenga encarcerado, muitos outros patriotas foram vítimas de perseguições e a luta do Congo pela independência nacional sofreu reveses. Acaso a direcção do PCUS não se sente, sinceramente, responsável por tais factos?

ZONAS ONDE CONVERGEM AS CONTRADIÇÕES DO MUNDO CONTEMPORÂNEO

É natural que as massas revolucionárias da Ásia, da África e da América Latina repudiem as palavras e as atitudes da direcção do PCUS contra o movimento de libertação nacional e as guerras de libertação nacional. Contudo, em vez de tirar a devida lição e alterar a sua linha e a sua política incorrectas, a direcção do PCUS, furiosa de vergonha, lança uma série de calúnias e ataques contra o PCC e os restantes partidos marxistas-leninistas.

A carta aberta do CC do PCUS acusa o PCC de haver formulado uma «nova teoria». A carta diz: «De acordo com essa teoria, a contradição principal da nossa época não é a contradição entre o socialismo e o imperialismo mas entre o movimento de libertação nacional e o imperialismo. A força decisiva na luta contra o imperialismo, na opinião dos camaradas chineses, não é o sistema mundial do socialismo nem a luta da classe operária internacional, porém, ainda uma vez, o movimento de libertação nacional».

Em primeiro lugar, isto é uma invenção. Na nossa carta de 14 de Junho[1], assinalamos que as contradições fundamentais no mundo contemporâneo são as contradições entre o campo socialista e o campo imperialista, entre o proletariado e a burguesia dos países capitalistas, entre as nações oprimidas e o imperialismo, entre os

[1] Ver *o revisionismo e o marxismo-leninismo*, Edições Estrela Vermelha, série Cadernos de Teoria Política, n.º 1.

países imperialistas e entre os grupos monopolistas capitalistas.

Indicamos também que a contradição entre o campo socialista e o campo imperialista é uma contradição entre dois sistemas sociais fundamentalmente distintos — o socialismo e o capitalismo. É, sem dúvida, uma contradição muito aguda. Entretanto, os marxistas-leninistas não devem reduzir as contradições no mundo, pura e simplesmente, à contradição entre o campo socialista e o campo imperialista.

Os nossos pontos de vista são claros como a água.

Na nossa carta de 14 de Junho, expusemos a situação revolucionária na Ásia, na África e na América Latina, o significado e o papel do movimento de libertação nacional. Eis aqui o que dissemos:

«As vastas zonas da Ásia, África e América Latina são as regiões para onde convergem as contradições no mundo contemporâneo: são as mais vulneráveis das zonas sob o domínio imperialista e constituem os centros da tempestade da revolução mundial que actualmente assestam golpes no imperialismo.

O movimento revolucionário democrático nacional nestas zonas e o movimento revolucionário socialista internacional são as duas grandes correntes históricas da nossa época.

A revolução democrática nacional nestas zonas é uma importante parte integrante da revolução mundial proletária dos nossos dias.

A luta revolucionária anti-imperialista dos povos da Ásia, África e América Latina golpeia e debilita seriamente os alicerces do domínio imperialista, colonialista e neocolonialista, e é

actualmente uma poderosa força em defesa da paz mundial.

Portanto, em certo sentido, a causa revolucionária do proletariado internacional no seu conjunto depende do resultado da luta revolucionária dos povos dessas zonas, povos que constituem a esmagadora maioria da população mundial.

Portanto, a luta revolucionária anti-imperialista dos povos da Ásia, África e América Latina não é, absolutamente, um assunto de mera significação regional mas de importância geral para a causa da revolução mundial do proletariado internacional no seu conjunto».

Estas teses são marxistas-leninistas; são conclusões tiradas da realidade dos nossos dias através de uma análise científica.

Ninguém pode negar que se observa actualmente uma situação revolucionária extremamente favorável na Ásia, na África e na América Latina. Actualmente, a revolução nacional de libertação destas regiões constitui a mais importante das forças que assestam golpes directos no imperialismo. Ásia, África e América Latina são as zonas onde convergem as contradições do mundo.

O ponto de convergência das contradições mundiais e da luta política do mundo não é imutável; ele variará com as transformações que se verifiquem na luta internacional e na situação revolucionária. Estamos seguros de que, graças ao desenvolvimento da contradição e à luta entre o proletariado e a burguesia, chegará o grande dia em que se desencadearão renhidas batalhas na Europa Ocidental e na América do Norte — berço do capitalismo e coração do imperialismo. Então, a Europa Ocidental e a Amé-

rica do Norte transformar-se-ão, sem dúvida, no ponto onde convergirão a luta política e as contradições mundiais.

Lenine afirmou em 1913: «Uma nova fonte de formidáveis tormentas mundiais abriu-se na Ásia». (...) «Hoje, vivemos precisamente a época destas tormentas e da sua repercussão na Europa»[2].

Estaline disse em 1925: «Os países coloniais são a rectaguarda principal do imperialismo. A revolucionarização desta rectaguarda não pode deixar de abalar o imperialismo, não só no sentido de que este ficará sem rectaguarda como também no sentido de que a revolucionarização do Oriente deve significar um impulso decisivo para a agudização da crise revolucionária no Ocidente»[3].

Acaso seriam descabidas estas afirmações de Lenine e Estaline? Estas teses constituem de há muito conhecimentos elementares do marxismo-leninismo. É óbvio que, quando a direcção do PCUS se empenha em diminuir o movimento de libertação nacional, ignora inteiramente o ABC do marxismo-leninismo, como desrespeita factos por demais evidentes.

DETURPAÇÃO DA IDEIA LENINISTA DA HEGEMONIA NA REVOLUÇÃO

Na sua carta aberta de 14 de Julho, o CC do PCUS ataca também os pontos de vista do PCC sobre o problema da hegemonia do proletariado no movimento de libertação nacional. A

---

[2] Lenine, *Obras Completas*, t. XVIII, versão chinesa.
[3] Estaline, *Obras Completas*, t. VII, versão chinesa.

carta aberta diz: «Os camaradas chineses pretendem «corrigir» Lenine e demonstrar que não é a classe operária mas a pequena-burguesia ou a burguesia nacional e, inclusive, «certos reis, príncipes e aristocratas animados de patriotismo, os que devem ser os hegemónicos da luta mundial contra o imperialismo».

Trata-se aqui de uma deformação deliberada dos pontos de vista do PCC.

Referindo-se à necessidade de que o proletariado insista na hegemonia do movimento de libertação nacional, a carta de 14 de Junho do CC do PCC assinala: «A história incumbiu aos partidos proletários da Ásia, da África e da América Latina a gloriosa missão de «manter» bem elevada a bandeira de luta contra o imperialismo, contra o colonialismo e o neocolonialismo, pela independência nacional e pela democracia popular, de colocar-se nas primeiras fileiras do movimento revolucionário democrático nacional e lutar pelo futuro socialista». (...) «O proletariado e o seu partido devem, com base na aliança operário-camponesa, unir todas as camadas sociais que possam ser unidas e organizar uma ampla frente única contra o imperialismo e seus lacaios. Para consolidar e ampliar esta frente única, é necessário que o partido do proletariado conserve a sua independência ideológica, política e orgânica e mantenha firmemente a hegemonia na revolução».

Ao referir-se à necessidade de formar uma ampla frente única anti-imperialista no movimento de libertação nacional, a carta do CC do PCC de 14 de Junho diz: «As nações e povos oprimidos da Ásia, da África e da América Latina enfrentam a urgente tarefa de lutar contra o imperialismo e seus lacaios». (...) «Nestas zonas, os mais amplos sectores da popu-

lação negam-se a viver sob o jugo do imperialismo. Estes sectores não só compreendem os operários, camponeses, intelectuais e pequeno-burgueses mas também a burguesia nacional patriótica e até alguns reis, príncipes e aristocratas de sentimentos patrióticos».

Os nossos pontos de vista são perfeitamente claros. É indispensável tanto insistir na hegemonia do proletariado como estabelecer uma ampla frente única anti-imperialista no movimento de libertação nacional. Que erro encerram estes pontos de vista? Por que razão a direcção do PCUS deturpa e ataca estes correctos pontos de vista?

Não fomos nós mas sim a direcção do PCUS que abandonou a ideia de Lenine da hegemonia do proletariado na revolução.

Seguir a linha incorrecta da direcção do PCUS, abandonar por completo a tarefa de lutar contra o imperialismo e o colonialismo e opôr-se inteiramente a que se façam as guerras de libertação nacional equivale a exigir que o proletariado e os partidos comunistas das nações e países oprimidos enrolem a patriótica bandeira da luta contra o imperialismo e pela independência nacional e a passem a outros. Neste caso, como se pode falar em frente única anti-imperialista ou em hegemonia do proletariado?

Outra ideia que a direcção do PCUS difunde com frequência é a de que um país pode construir o socialismo, sejam quais forem os seus dirigentes, ainda que se trate de um nacionalista reaccionário como Nehru. Isto está ainda mais longe da ideia da hegemonia do proletariado.

A carta aberta do CC do PCUS interpreta arbitrariamente as relações de apoio mútuo entre o campo socialista e o movimento operário dos países capitalistas, por um lado, e o movimento de libertação nacional, por outro, afirmando que o movimento de libertação nacional deve ser «dirigido» pelos países socialistas e pelo movimento operário dos países metropolitanos. Diz arbitrariamente que esta interpretação «se baseia» na ideia de Lenine da hegemonia do proletariado. Isto é, evidentemente, uma impressionante deturpação e uma adulteração da ideia de Lenine e demonstra que a direcção do PCUS pretende impor ao movimento revolucionário das nações oprimidas uma linha destinada a liquidar as revoluções.

O CAMINHO DO NACIONALISMO E DA DEGENERAÇÃO

Na sua carta aberta de 14 de Julho, a direcção do PCUS acusa o PCC de «desligar o movimento de libertação nacional da classe operária internacional e da sua tarefa — o sistema mundial socialista» — e acusa-nos também de «desligar» o movimento de libertação nacional do sistema socialista e do movimento operário dos países capitalistas do Ocidente e de «contrapôr» aquele a estes. Outros comunistas, como os dirigentes do Partido Comunista Francês, fazem-se ruidoso eco da direcção do PCUS.

Porém, quais são os factos? Acontece que não são outros senão a própria direcção do PCUS e seus seguidores os que não apoiam e inclusive se opõem ao movimento de libertação nacional, os que contrapõem o movimento de libertação nacional ao campo socialista e ao movimento operário dos países capitalistas do Ocidente.

O PCC sempre sustentou que os povos se apoiam mutuamente nas suas lutas revolucionárias. Sempre analisamos o movimento de li-

bertação nacional do ponto de vista do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário, do ponto de vista da revolução proletária mundial no seu conjunto. Na nossa opinião, o vitorioso desenvolvimento da revolução nacional de libertação é de grande importância para o campo socialista, para o movimento operário dos países capitalistas e para a causa da paz mundial.

Porém, a direcção do PCUS e os seus seguidores não querem admitir esta importância. Destacam sempre o apoio do campo socialista ao movimento de libertação nacional, porém, negam o apoio deste àquele. Falam muito no papel que desempenha o movimento operário dos países capitalistas do Ocidente ao assestar golpes ao imperialismo, porém, a este respeito, diminuem e negam o papel que desempenha o movimento de libertação nacional. Semelhante posição, contrária ao marxismo-leninismo, não considera os factos, sendo, portanto, incorrecta.

O problema de como tratar as relações entre os países socialistas e as revoluções das nações oprimidas e as relações entre o movimento operário dos países capitalistas e as revoluções das nações oprimidas implica um importante princípio que consiste em sustentar ou abandonar o marxismo-leninismo e o internacionalismo proletário.

De acordo com o marxismo-leninismo e o internacionalismo proletário, todo o país socialista triunfante deve apoiar e ajudar activamente as nações oprimidas nas suas lutas pela libertação. Obtida a vitória da revolução, os países socialistas devem transformar-se em bases de apoio para apoiar e desenvolver a revolução das nações e povos oprimidos do mundo inteiro, estabelecer a mais estreita aliança com estes e

levar até ao fim a revolução mundial do proletariado.

Entretanto, a direcção do PCUS, na prática, toma a vitória do socialismo num país ou em alguns países como o fim da revolução proletária mundial. Exige que as revoluções nacionais de libertação se subordinem à sua linha geral de coexistência pacífica e aos interesses nacionais do seu próprio país.

Em 1925, na luta contra os liquidacionistas representados pelos trotskistas e os zinovievistas, Estaline assinalou que uma das perigosas carecterísticas do liquidacionismo consistia na «... falta de fé na revolução proletária internacional; falta de fé na vitória; ceptiscismo quanto ao movimento de libertação nacional das colónias e dos países dependentes; incompreensão deste requisito elementar do internacionalismo em virtudo do qual a vitória do socialismo num só país não é um fim em si mas um meio para desenvolver e apoiar a revolução nos outros países»[4].

Acrescenta Estaline: «Esse é o caminho do nacionalismo e da degeneração, caminho que leva à liquidação total da política internacionalista do proletariado, pois a gente atacada dessa enfermidade não vê no nosso país uma parte do todo que se chama movimento revolucionário mundial mas o princípio e o fim desse movimento, considerando que os interesses de todos os demais países devem ser sacrificados aos interesses do nosso país» [4].

Estaline expôs o que pensavam os liquidacionistas da seguinte maneira: «Apoiar o movimento de libertação da China? Para quê? Não

---

[4] Estaline, *Obras Completas*, t. VII, versão chinesa.

será arriscado? Não nos indisporá com outros países? Não será melhor estabelecer as nossas «esferas de influência» na China, juntamente com as restantes potências «avançadas» e tirar algo da China em proveito próprio? Isso seria vantajoso e não encerraria nenhum perigo... etc., etc.»[4].

Estaline conclui: «Tal é a «concepção» nacionalista de tipo novo, que trata de eliminar a política exterior da Revolução de Outubro e que fomenta os elementos de degeneração.»[4]

A actual direcção do PCUS foi ainda mais longe que os velhos liquidacionistas. Considera-se inteligente. Não faz senão o que «é vantajoso e não implique nenhum perigo». Tem muito medo de conflitos com os países imperialistas e opõe-se com todo o empenho ao movimento de libertação nacional. Fascina-a a ideia do estabelecimento de «esferas de influência» em todo o mundo por parte das duas chamadas superpotências.

Esta crítica aos liquidacionistas feita por Estaline é uma descrição cabal da actual direcção do PCUS, que, seguindo os passos dos liquidacionistas, elimina, precisamente dessa maneira, a política exterior da Revolução de Outubro e empreende o caminho do nacionalismo e da degeneração.

Estaline adverte: «... Está claro que só com base no internacionalismo consequente, só com base na política exterior da Revolução de Outubro, pode o primeiro país triunfante continuar a desempenhar o papel de porta-bandeira do movimento revolucionário mundial; está claro que o caminho da menor resistência e do nacionalismo na política exterior é o caminho do isolamento e da decomposição do primeiro país triunfante»[5]. Esta advertência de Estaline tem ainda um sério e prático significado para a actual direcção do PCUS.

[4] Estaline, *Obras Completas*, t. VII, versão chinesa.

UM EXEMPLO DE SOCIAL-CHAUVINISMO

Do mesmo modo, de acordo com o princípio do internacionalismo proletário, o proletariado e os comunistas das nações opressoras devem apoiar activamente o direito das nações oprimidas à independência nacional e a sua luta pela libertação. Com o apoio das nações oprimidas, a revolução proletária das nações opressoras terá maior possibilidade de conseguir a vitória.

Lenine foi muito preciso ao afirmar: «Na realidade, o movimento revolucionário nos países adiantados seria praticamente uma fraude se os operários, na luta contra o capital na Europa e na América, não se unissem estreita e inteiramente com as centenas e centenas de milhões de escravos «coloniais» oprimidos pelo capital»[6].

Porém, alguns pretensos marxistas-leninistas abandonaram o marxismo-leninismo precisamente nessa fundamental questão de princípio. Os dirigentes do PC Francês são um exemplo típico.

Desde há muito, os dirigentes do PC Francês, por um lado, abandonaram a luta contra o imperialismo norte-americano e negam-se a lutar com resolução contra o controlo e o jugo que este exerce sobre a França nos terrenos político, económico e militar, deixando definitivamente nas mãos de De Gaulle e de outros a bandeira francesa da luta nacional contra o imperialismo

[5] Estaline, *Obras Completas*, t. VII, versão chinesa.
[6] Lenine, *Obras Completas*, t. XXXI, versão chinesa.

norte-americano. Por outro lado, defende de diferentes maneiras e sob diversos pretextos os interesses coloniais do imperialismo francês; negam-se a apoiar e opõem-se ao movimento de libertação nacional nas colónias francesas, especialmente as guerras de revolução nacional, afundando-se no pântano do chauvinismo.

Lenine dizia: «Os europeus esquecem-se frequentemente de que os povos coloniais também são nações; tolerar semelhante «esquecimento» é tolerar o chauvinismo»[7]. Porém, a direcção do PC Francês, representada pelo camarada Thorez, não só tolerou semelhante «esquecimento» como considerou descaradamente os povos das colónias francesas como «franceses de sangue não francês», negou-se a reconhecer o seu direito de se separar da França e conseguir a independência nacional e apoiou publicamente a política de «assimilação nacional» do imperialismo francês.

Nos últimos dez e tantos anos, os dirigentes do PC Francês seguiram os passos da política colonial do imperialismo francês, servindo de apêndice da burguesia monopolista francesa. Em 1946, quando os círculos dominantes do capital monopolista da França recorreram a uma manobra neocolonialista, propondo o estabelecimento da **União Francesa,** eles proclamaram: «**A União Francesa,** que sempre previmos, é uma união livre, de povos livres» e «a **União Francesa** permitirá regulamentar sobre novas bases as relações entre o povo da França e os povos do ultramar que no passado estiveram unidos à França». Em 1958, quando a **União Francesa** se desmoronou e o Governo francês propôs a formação de uma **Comunidade Francesa** para

---

[7] Lenine, *Obras Completas*, t. XXIII, versão chinesa.

preservar o seu sistema colonial, os dirigentes do PC Francês seguiram-no, proclamando: «Cremos que a criação de uma verdadeira comunidade será um acontecimento positivo».

Ainda mais: com vistas a opôr-se à reivindicação de independência nacional dos povos das colónias francesas, os dirigentes do PC Francês chegaram até a intimidá-los, dizendo: «Toda a tentativa de separar-se da **União Francesa** não levará senão ao fortelecimento do imperialismo; ainda que se possa conquistar uma independência temporária, esta será nominal e falsa». Também afirmaram abertamente: «A questão é saber se esta independência, que parece inevitável, será com a França ou sem ela e contra ela. Os interesses do nosso país exigem que esta seja com a França».

Na questão da Argélia, os dirigentes do PC Francês adoptaram uma posição chauvinista. Eles trataram de justificar-se recentemente, dizendo que haviam reconhecido há anos «a justa reivindicação de liberdade do povo argelino». Porém, quais são os factos?

Durante longo tempo, os dirigentes do PC Francês não reconheceram, em absoluto, o direito à independência nacional da Argélia. Seguindo a burguesia monopolista francesa, fizeram grande alarido afirmando que «a Argélia é parte inalienável da França» e que a França, «agora e no futuro, deve ser uma grande potência africana». O que interessava acima de tudo a Thorez e outros era que a Argélia pode abastecer a França anualmente com um «milhão de carneiros» e grande quantidade de trigo, para resolver o problema de «escassez de carne» e «suprir o déficite de cereais» da França.

Vejam a que extremos de fanático chauvinismo chegaram os dirigentes do PC Francês!

Mostram algo de internacionalismo proletário? Existe neles a menor sombra de revolucionário proletário? Adoptando esta posição chauvinista, traíram os interesses fundamentais do proletariado internacional, os interesses fundamentais do proletariado francês e os verdadeiros interesses da nação francesa.

REFUTAÇÃO DA «TEORIA DO RACISMO» E DA «TEORIA DO PERIGO AMARELO»

Esgotadas todas as armas mágicas dirigidas contra o movimento de libertação nacional, os dirigentes do PCUS limitam-se agora a apelar para a teoria do racismo — a mais reaccionária de todas as teorias imperialistas. Apresentam a correcta posição do PCC de firme apoio ao movimento de libertação nacional como a «criação de barreiras raciais e geográficas» e a «substituição do ponto de vista de classe pelo ponto de vista racial», como uma tentativa de «brincar com os preconceitos nacionalistas, inclusive raciais, dos povos da Ásia e da África».

Não existisse o marxismo-leninismo e tais embustes poderiam talvez enganar as massas. É uma lástima que os inventores de semelhantes embustes tenham nascido fora do tempo. O marxismo-leninismo já se aninha hoje no coração das massas. Estaline tinha razão quando dizia que o leninismo «demoliu a muralha entre os brancos e os negros, entre os europeus e os asiáticos, entre os escravos cultos e incultos do imperialismo»[8]. Serão inúteis os esforços da direcção do PCUS para levantar novamente esta muralha do racismo.

[8] Estaline, *Obras Completas*, t. VI, versão chinesa.

O problema nacional dos nossos dias é, em suma, o problema da luta de classes e o problema anti-imperialista. Actualmente, os operários, camponeses, intelectuais revolucionários, elementos burgueses anti-imperialistas e patrióticos e outras pessoas sensatas anti-imperialistas e patrióticas de todas as raças — branca, negra amarela ou vermelha — formam uma ampla frente única contra o imperialismo, encabeçado pelos Estados Unidos, e seus lacaios. Esta frente única amplia-se e fortalece-se cada vez mais. Aqui, o problema não consiste em colocar-se do lado dos brancos ou dos povos de cor mas em colocar-se do lado dos povos e nações oprimidas ou de um punhado de imperialistas e reaccionários.

As nações oprimidas devem delimitar o seu campo com o do imperialismo e do colonialismo — eis o ponto de vista de classe do marxismo-leninismo. Confundir estes campos constitui um critério chauvinista ao serviço do imperialismo e do colonialismo.

Lenine dizia: «No programa da social-democracia, o problema central deve ser precisamente esta divisão das nações em opressoras e oprimidas, divisão que é a essência do imperialismo e ao qual manhosamente escapam os social-chauvinistas e Kautsky»[9]. Agora, os dirigentes do PCUS caluniam a unidade dos povos da Ásia, da África e da América Latina na luta anti-imperialista, qualificando-a de unidade «baseada em princípios raciais e geográficos». Evidentemente, deste modo, colocam-se na posição dos social-chauvinitas e de Kautsky.

Ao procurar vender, como quinquilheiros, a «teoria do racismo» e apresentar o movimento de

[9] Lenine, *Obras Completas*, t. XXI, versão chinesa.

libertação nacional da Ásia, da África e da América Latina como movimento das raças de cor contra a raça branca, a direcção do PCUS visa o evidente objectivo de incitar o ódio racista entre os brancos da Europa e da América do Norte, desviar a atenção dos povos da luta anti-imperialista e separar o movimento operário internacional da luta contra o revisionismo contemporâneo.

A direcção do PCUS levanta por toda a parte uma gritaria sobre o «perigo amarelo» e sobre a «iminente ameaça de Gengis Khan». Francamente, isto não merece uma refutação. No presente artigo, não nos propomos comentar o papel histórico de Gengis Khan nem o desenvolvimento nacional da Mongólia, da Rússia e da China nem o processo da sua formação como Estados. Pretendemos apenas recordar à direcção do PCUS a necessidade de repassar as suas lições de História antes de fazer circular semelhantes rumores. Gengis Khan foi um Khan da Mongólia e, em seu tempo, tanto a China como a Rússia foram vítimas da agressão mongol. Gengis Khan invadiu uma parte do Noroeste e do Norte da China, em 1215, e invadiu a Rússia em 1223. Depois da morte de Gengis Khan, os seus sucessores subjugaram a Rússia, em 1240, e trinta e tantos anos depois, em 1279, conquistaram toda a China.

Lu Sim, famoso escritor chinês, escreveu em 1934 um artigo em que há um parágrafo sobre Gengis Khan. Como este parágrafo poderia ser-lhes útil, vamos transcrevê-lo:

Diz Lu Sim que, quando tinha vinte anos de idade, «ouvi dizer que «o nosso» Gengis Khan havia conquistado a Europa e inaugurado o período mais expansivo da «nossa» história. So-

mente quando cheguei aos 25 anos vim a saber que este chamado período mais expansivo da «nossa» história foi, na realidade, o período em que os mongóis conquistaram a China e nos escravizaram. E somente no último Agosto, quando lia três livros sobre a história mongol, em busca de alguns episódios históricos, descobri que a conquista da Rússia e a invasão da Hungria e da Áustria pelos mongóis precederam à conquista da China e, portanto, o Gengis de então não era ainda «o nosso» Khan. Os russos foram escravizados antes de nós e eles é que deveriam dizer «quando o nosso Gengis Khan conquistou a China inaugurou o período mais expansivo da nossa história»[10].

Os que conhecem um pouco da história moderna do mundo sabem que a «teoria do perigo amarelo» em torno da qual a direcção do PCUS faz tamanho alarido é apenas uma herança do kaiser da Alemanha, Guilherme II. Meio século atrás, Guilherme II declarava: «Sou partidário da teoria do perigo amarelo».

Ao propagar a «teoria do perigo amarelo», o Kaiser Guilherme II visava continuar a repartir a China, invadindo a Ásia, reprimindo as revoluções na Ásia, desviando a atenção dos povos europeus da revolução e utilizar essa teoria como cortina de fumo para preparar activamente, naquela ocasião, o desencadeamento de uma guerra imperialista mundial e conquistar o domínio mundial.

Quando Guilherme II difundiu a «teoria do perigo amarelo», a burguesia da Europa já se encontrava em decadência e era extremamente reaccionária, enquanto, por volta da Revolução

---

[10] Obras completas de *Lu Sim*, t. VI, versão chinesa.

Russa de 1905, as revoluções democráticas varriam a China, Turquia, Pérsia e repercutiam-se na Índia. Foi também por essa época que Lenine tornou famosa a sua observação sobre «a Europa atrasada e a Ásia avançada».

Guilherme II foi uma personalidade do seu tempo. Porém, não passou de um boneco de neve à luz do Sol. Não se passara muito tempo e este cabecilha reaccionário já se desvanecera por completo, juntamente com a reaccionária teoria por ele inventada. Em compensação, o grande Lenine, assim com a sua brilhante teoria, vive eternamente.

Passaram-se cinquenta anos; o imperialismo da Europa Ocidental e da América do Norte tornou-se mais moribundo e mais reaccionário e os seus dias estão contados. Ao mesmo tempo, o furacão revolucionário que se estende pela Ásia, África e América Latina é muitas vezes mais forte que o do tempo de Lenine. Dificilmente se concebe que ainda haja gente que deseje desempenhar o papel de Guilherme II. Trata-se, na verdade, de uma ironia da história.

RESSURREIÇÃO DO VELHO REVISIONISMO SOB NOVA APARÊNCIA

A política da direcção do PCUS quanto ao problema nacional e colonial não é outra senão a mesma política falida dos revisionistas da II Internacional. A única diferença é que os revisionistas da II Internacional estiveram ao serviço do velho colonialismo dos imperialistas, enquanto os revisionistas contemporâneos servem o neocolonialismo dos imperialistas.

Os velhos revisionistas cantavam no mesmo tom que os velhos colonialistas, enquanto Kruchev canta no mesmo tom que os neocolonialistas.

Os «heróis» da II Internacional, representados por Bernstein e Kautsky, foram apologistas da velha dominação colonial dos imperialistas. Declararam abertamente que o domínio colonial era progressista, que «trazia» às colónias uma «civilização mais elevada» e nelas «desenvolvia as forças produtivas». Chegaram a afirmar inclusive que a abolição das colónias «significaria um regresso à barbárie».

A esse respeito, Kruchev difere um pouco dos velhos revisionistas. Tem coragem para denunciar o velho sistema colonial.

Como pode Kruchev ser tão valente? É que os imperialistas já mudaram de tom.

Após a Segunda Guerra Mundial, golpeados tanto pela revolução socialista como pela revolução nacional de libertação, os imperialistas viram-se obrigados a admitir que, «se os países ocidentais tratarem de manter o **status quo** colonialista, a revolução violenta e a derrota serão inevitáveis». A velha forma de domínio colonial «converter-se-ia muito provavelmente numa úlcera que faria com que a vida de um Estado perdesse a sua vitalidade económica e moral. Daí a necessidade de mudar de forma e adoptar o neocolonialismo.

Por esta razão, Kruchev, cantando a uma só voz, com os neocolonialistas, difunde a «teoria do desaparecimento do colonialismo», para encobrir o neocolonialismo. E, o que é mais, trata de induzir as nações oprimidas a aceitar o neocolonialismo. Divulga febrilmente que a «coexistência pacífica» entre as nações oprimidas e o imperialismo civilizado acarretará o «rápido

crescimento da economia nacional» e o «aumento das forças produtivas», que facilitará aos países oprimidos «ampliar incomparavelmente o seu mercado interno» e «proporcionará mais matérias-primas, diferentes produtos e mercadorias necessárias à economia dos países industrialmente desenvolvidos» e, ao mesmo tempo, «elevará consideravelmente o nível de vida da população dos países capitalistas desenvolvidos».

Kruchev tão pouco se esquece de recorrer a certas armas gastas do arsenal dos revisionistas da II Internacional.

Eis aqui alguns exemplos:

Os velhos revisionistas opunham-se às guerras de libertação nacional e afirmavam que o problema nacional «pode ser resolvido somente através de acordos internacionais» e «avançar pacificamente». Nesta questão, Kruchev assenhorou-se da linha dos revisionistas da II Internacional, advoga o «enterro tranquilo do sistema colonial».

Os velhos revisionistas atacavam os marxistas revolucionários, levantando a calúnia segundo a qual o «bolchevismo é, na realidade, uma espécie de socialismo bélico» e que a «Internacional Comunista alimenta a ilusão de que a libertação dos operários se realize com a ajuda das baionetas do invencível Exército Vermelho e que, para a revolução mundial, se torna necessária uma nova guerra mundial». Também difundiram a mentira de que esta situação «provoca um grave perigo de nova guerra mundial». A linguagem hoje utilizada por Kruchev para denegrir o PCC e outros partidos irmãos marxistas-leninistas é justamente a mesma de que se valeram os velhos revisionistas para caluniar os bolcheviques. É difícil estabelecer alguma diferença entre os dois.

Deve-se dizer que, ao servir o neocolonialismo dos imperialistas, Kruchev não é, absolutamente, inferior aos velhos revisionistas ao serviço do velho colonialismo imperialista.

Lenine assinalou que a política do imperialismo havia provocado a divisão do movimento operário internacional em dois sectores: um revolucionário e outro oportunista. O sector revolucionário estava do lado das nações oprimidas e opunha-se aos imperialistas e colonialistas. Ao contrário do sector revolucionário, o sector oportunista engordava com as migalhas que lhes atiravam os imperialistas e os colonialistas, da pilhagem dos povos coloniais e semicoloniais. Esse sector estava do lado dos imperialistas e colonialistas e opunha-se à revolução de libertação das nações oprimidas.

Semelhante divisão entre os revolucionários e os oportunistas no movimento operário internacional, a que se refere Lenine, verifica-se agora não apenas no movimento operário dos países capitalistas mas também nos países socialistas, onde o proletariado exerce o Poder.

A experiência histórica demonstra que, a fim de conquistar a vitória definitiva, o movimento de libertação nacional deve estabelecer uma sólida aliança com o movimento operário revolucionário, deve delimitar os campos com os revisionistas, os quais estão ao serviço dos imperialistas e colonialistas e enraízar decididamente a sua influência.

A experiência histórica demonstra que, para conquistar a vitória definitiva, o movimento operário dos países capitalistas da Europa Ocidental e da América do Norte deve estabelecer uma estreita aliança com o movimento de libertação nacional da Ásia, da África e da América

Latina, delimitar o campo com os revisionistas e enraízar decididamente a sua influência.

Os revisionistas são agentes do imperialismo infiltrados nas fileiras do movimento operário internacional. Lenine afirmou: «A luta contra o imperialismo não passa de uma frase oca se não está estreitamente ligada à luta contra o oportunismo»[11]. É claro que a presente luta contra o imperialismo, o colonialismo e o neocolonialismo não pode deixar de estar estreitamente ligada à luta contra os apologistas do neocolonialismo.

Haja o que houver — apesar do imperialismo tratar de se disfarçar e de se salvar da sua ruína inelutável e por mais que façam os apologistas do neocolonialismo, procurando pintá-lo de cor-de-rosa e de ajudá-lo — o imperialismo e o colonialismo não podem impedir a sua extinção inevitável. A vitória da revolução nacional de libertação é inevitável. Os apologistas do neocapitalismo defrontar-se-ão com o mais definitivo fracasso.

Proletários e nações oprimidas de todo o mundo, uni-vos!

[11] Lenine, *Obras Completas*, t. XXII, versão chinesa.

Povos de todo o mundo, uni-vos e derrotai os agressores norte-americanos e todos os seus lacaios!

Mao Tsé-tung

Declaração de 20 de Maio de 1970.
Edições em Línguas Estrangeiras, Pequim, 1970.

Actualmente, à escala do mundo, um novo auge se afirma de luta contra o imperialismo norte-americano. Desde que terminou a Segunda Guerra Mundial, o imperialismo norte-americano e seus seguidores vêm desencadeando incessantes guerras de agressão e os povos dos diversos países vêm vencendo sucessivamente os agressores com a guerra revolucionária. Subsiste o perigo de nova guerra mundial, os povos de todos os países devem preparar-se em consequência. Mas a tendência principal no mundo é, presentemente, a revolução.

Incapazes de vencer no Vietname e no Laos, os agressores norte-americanos urdiram o golpe de Estado reaccionário da camarilha Lon Nol-Sirik Matak, expediram impudentemente tropas contra o Camboja e reiniciaram o bombardeamento do Norte do Vietname, o que determinou uma raivosa resistência por parte dos três povos indochineses. Eu apoio calorosamente o espírito de luta de Samdech Norodom Sihanouk, Chefe de Estado do Camboja, contra o imperialismo norte-americano e seus lacaios. Apoio calorosamente a declaração conjunta da Conferência de Alto Nível dos Povos Indochineses. Apoio calorosamente a formação do Governo Real de União Nacional sob direcção da Frente Única Nacional do Kampuchea. Fortalecendo a

unidade, apoiando-se mutuamente e perseverando numa guerra popular de longa duração, os três povos indochineses hã-de seguramente vencer todas as dificuldades e conquistar a vitória completa.

O imperialismo norte-americano massacra populações estrangeiras e massacra também a população branca e negra do seu próprio país. As violências fascistas de Nixon atearam as chamas ardentes do movimento revolucionário de massas nos Estados Unidos. O povo chinês apoia firmemente a luta revolucionária do povo norte-americano. Valente no combate, o povo norte-americano há-de sair vencedor e a dominação fascista nos Estados Unidos sofrerá inevitavelmente uma derrota, essa é a minha convicção.

O governo Nixon debate-se em dificuldades internas e externas, está face ao caos geral no interior do país, está muito isolado no mundo. O movimento de massas em protesto contra a agressão norte-americana ao Camboja rola por todo o globo. Em menos de 10 dias após a sua formação, o Governo Real de União Nacional do Camboja foi reconhecido por cerca de 20 países. A situação da guerra de resistência contra a agressão norte-americana e para salvação da pátria, travada pelos três povos do Vietname, Laos e Camboja, é cada vez melhor. A luta armada revolucionária dos povos dos países do Sudeste Asiático, a luta dos povos da Coreia, Japão e demais países da Ásia contra a ressurreição do militarismo japonês por parte da reacção ianque-japonesa, a luta do povo palestino e dos demais povos árabes contra os agressores ianque-israelitas, a Iuta de libertação nacional dos povos dos países asiáticos, africanos e latino-americanos, bem como a luta revolucionária dos povos da América do Norte,

Europa e Oceânia, desenvolvem-se todas impetuosamente. O povo chinês apoia resolutamente a luta revolucionária dos três povos da Indochina e dos povos dos demais países do mundo contra o imperialismo norte-americano e seus lacaios.

O imperialismo norte-americano parece ser um colosso, quando, no fundo, é um tigre de papel debatendo-se em agonia. No mundo de hoje, quem teme realmente quem? Não são os povos vietnamita, laociano, cambojano, palestino, os demais povos árabes e os outros povos do mundo que temem o imperialismo norte-americano, é o imperialismo norte-americano quem teme os povos dos vários países do mundo e cai em pânico ao mais leve vibrar de folhas ao vento. São incontáveis os factos provando que as causas justas obtêm amplo apoio e as injustas, escasso. Um país fraco pode vencer um país grande. Ousando levantar-se em luta, ousando pegar em armas e tomando em mãos os destinos do próprio país, o povo dum país pequeno pode seguramente vencer a agressão perpetrada por um país grande. Isso é uma lei da História.

Povos de todo o mundo, uni-vos e derrotai os agressores norte-americanos e todos os seus lacaios!

edições estrela vermelha

CADERNOS

1. **Discurso de Tem Siao-pim, chefe da delegação da República Popular da China, na sessão extraordinária da Assembleia Geral da ONU**
2. **Sobre a Ditadura Democrática Popular**
   Mao Tsé-tung
3. **Os Ensinamentos da Insurreição de Moscovo. O Programa Militar da Revolução Proletária.**
   Lenine.

FOICE E MARTELO

1. **Os Problemas Económicos do Socialismo na URSS** (a sair)
   Estaline

   Alemanha: Revolução e Contra-Revolução
   F. Engels

   Sobre o Colonialismo (I)
   K. Marx / F. Engels

CHINA — ALBÂNIA

1. **25 Anos de Lutas e Vitórias na Via do Socialismo**
   Enver Hoxha

CADERNOS DE TEORIA POLÍTICA

1. **URSS-China: O Revisionismo e o Marxismo--Leninismo** PCUS / PCC
2. **Imperialismo e Social-imperialismo**
3. **O Pseudo Comunismo de Kruchev**
   (a sair)

Esta edição foi composta e impressa na Gráfica Firmeza com sede na Rua da Boavista, 302 — Porto, tendo ficado concluída a impressão em 10 de Janeiro de 1975.